

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

FRANCIA ELENA ROCHA SANTOS

**BEM-VIVER E A TERAPIA OCUPACIONAL: DIÁLOGOS A PARTIR DE UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

SÃO CARLOS - SP
2026

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**BEM-VIVER E A TERAPIA OCUPACIONAL: DIÁLOGOS A PARTIR DE UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Francia Elena Rocha Santos

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional como requisito para a defesa da dissertação de mestrado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marina Leandrini de Oliveira

Linha de Pesquisa: Redes Sociais e Vulnerabilidade

São Carlos–SP
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Mestrado da candidata Francina Elena Rocha Santos, realizada em 27/02/2026:

Profa. Dra. Marina Leandrini de Oliveira
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Profa. Dra. Livia Celegati Pan
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Profa. Dra. Samira Lima da Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001; Programa GCUB de Mobilidade Internacional (GCUB-Mob).

RESUMO

Introdução: A definição do Bem-Viver implica uma noção complexa, não linear, historicamente construída e em constante ressignificação. Não se restringe a uma elaboração teórica, mas decorre de uma cosmovivência, a qual possui particular relevância no contexto dos referenciais do Abya Yala. O conceito de Bem-Viver vem ganhando destaque no âmbito acadêmico, especialmente em áreas como as ciências sociais, a antropologia, a sociologia, a educação e a economia. No que diz respeito à terapia ocupacional, identificam-se poucos estudos que se dedicaram a tecer articulações sobre essa temática. Diante disso, propôs-se o desenvolvimento de uma pesquisa que visa conhecer como o Bem-Viver é entendido na terapia ocupacional. **Objetivo:** Compreender a perspectiva de terapeutas ocupacionais acerca do Bem-Viver. **Metodologia:** A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão da literatura, articulada à proposição de diálogos com autores dos trabalhos que mencionam o Bem-Viver em suas produções, por meio de entrevistas semiestruturadas. Dessa forma, os procedimentos de pesquisa foram organizados em duas etapas, a saber: 1) levantamento da literatura sobre o Bem-Viver e a terapia ocupacional em bases de dados e periódicos; e 2) seleção de cinco autores, terapeutas ocupacionais, com produções que articulam ao tema em questão, e convite para realização de uma entrevista semiestruturada. **Resultados e discussão:** A revisão de literatura resultou na seleção de 26 produções, entre artigos, livros e trabalhos acadêmicos. A síntese dos resultados mostra que o conceito de Bem-Viver, na produção acadêmica em terapia ocupacional, se caracteriza por uma presença ainda pontual. Embora o termo apareça em textos de diferentes contextos de práticas e territórios, verifica-se que sua menção ocorre mais frequentemente como uma inspiração ética e política do que como uma definição e/ou articulação conceitual. As entrevistas com os autores revelaram caminhos relevantes para o aprofundamento do debate, favorecendo a identificação de categorias temáticas que interseccionam as práticas profissionais ao Bem-Viver, que se relacionam ao fazer coletivo, aos cotidianos e aos direitos humanos e sociais. **Considerações finais:** Identificou-se que a inserção do Bem-Viver na literatura sugere um processo inicial de incorporação no campo, demandando maior densidade analítica para que possa ultrapassar seu uso retórico e, potencialmente, contribuir como referencial crítico a ser articulado com produções situadas no Abya Yala.

Palavras-chave: Terapia ocupacional; Bem-Viver; Abya Yala; Revisão de Literatura.

RESUMEN

Introducción: La definición del Buen Vivir implica una noción compleja, no lineal, históricamente construida y en constante resignificación. No se restringe a una elaboración teórica, sino que deriva de una cosmovivencia, la cual posee particular relevancia en el contexto de los referentes del Abya Yala. El concepto de Buen Vivir ha ido ganando protagonismo en el ámbito académico, especialmente en áreas como las ciencias sociales, la antropología, la sociología, la educación y la economía. En lo que respecta a la terapia ocupacional, se identifican pocos estudios que se hayan dedicado a establecer articulaciones sobre esta temática. Frente a ello, se propuso el desarrollo de una investigación orientada a conocer cómo el Buen Vivir es comprendido en la terapia ocupacional. **Objetivo:** Comprender la perspectiva de terapeutas ocupacionales acerca del Buen Vivir. **Metodología:** La presente investigación se caracteriza como una revisión de la literatura, articulada con la propuesta de diálogos con autores de trabajos que mencionan el Buen Vivir en sus producciones, mediante entrevistas semiestructuradas. De este modo, los procedimientos de investigación se organizaron en dos etapas: 1) levantamiento de la literatura sobre el Buen Vivir y la terapia ocupacional en bases de datos y revistas científicas; y 2) selección de cinco autores, terapeutas ocupacionales, con producciones vinculadas al tema en cuestión, y su invitación para la realización de entrevistas semiestructuradas. **Resultados y discusión:** La revisión de la literatura resultó en la selección de 26 producciones, entre artículos, libros y trabajos académicos. La síntesis de los resultados muestra que el concepto de Buen Vivir, en la producción académica en terapia ocupacional, se caracteriza por una presencia aún puntual. Aunque el término aparece en textos de distintos contextos de prácticas y territorios, se observa que su mención ocurre con mayor frecuencia como una inspiración ética y política que como una definición y/o articulación conceptual. Las entrevistas con los autores revelaron caminos relevantes para profundizar el debate, favoreciendo la identificación de categorías temáticas que intersectan las prácticas profesionales con el Buen Vivir, relacionadas con el hacer colectivo, la vida cotidiana y los derechos humanos y sociales. **Consideraciones finales:** Se identificó que la incorporación del Buen Vivir en la literatura sugiere un proceso inicial de integración en el campo, que requiere mayor densidad analítica para que pueda trascender su uso retórico y, potencialmente, contribuir como un referente crítico articulado con producciones situadas en el Abya Yala.

Palabras claves: Terapia Ocupacional; Buen Vivir; Abya Yala; Revisión de Literatura

ABSTRACT

Introduction: The definition of Buen Vivir (Good Living) entails a complex, non-linear notion, historically constructed and constantly re-signified. It is not limited to a theoretical elaboration, but derives from a cosmovivence, which holds particular relevance within the context of Abya Yala frameworks. The concept of Buen Vivir has been gaining prominence in the academic field, especially in areas such as social sciences, anthropology, sociology, education, and economics. With regard to occupational therapy, few studies have been identified that seek to establish connections with this theme. In this context, a study was proposed aiming to understand how Buen Vivir is conceptualized within occupational therapy.

Objective: To understand the perspectives of occupational therapists regarding Buen Vivir.

Methodology: This study is characterized as a literature review, combined with the proposition of dialogues with authors of works that mention Buen Vivir in their productions, through semi-structured interviews. Thus, the research procedures were organized into two stages: (1) a survey of the literature on Buen Vivir and occupational therapy in databases and academic journals; and (2) the selection of five authors, occupational therapists with publications related to the topic, and their invitation to participate in semi-structured interviews.

Results and discussion: The literature review resulted in the selection of 26 publications, including articles, books, and academic works. The synthesis of the results shows that the concept of Buen Vivir in occupational therapy literature is still limited in scope. Although the term appears in texts from different practice contexts and territories, its use is more often observed as an ethical and political inspiration rather than as a clearly defined or conceptually articulated framework. The interviews with the authors revealed relevant paths for deepening the debate, enabling the identification of thematic categories that intersect professional practices with Buen Vivir, particularly in relation to collective practices, everyday life, and human and social rights.

Final considerations: It was identified that the incorporation of Buen Vivir in the literature suggests an initial process of integration into the field, requiring greater analytical depth in order to move beyond its rhetorical use and, potentially, contribute as a critical framework articulated with knowledge produced in Abya Yala.

Keywords: Occupational Therapy; Buen Vivir; Abya Yala; Literature Review

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1	Relato sobre a criação do mundo segundo o povo de Gunayala	46
Figura 2	Fluxograma do processo de levantamento da literatura	53

GRÁFICOS

Gráfico 1	País de publicação dos textos selecionados	57
Gráfico 2	Local de procedência dos autores	57
Gráfico 3	Distribuição dos textos por ano de publicação	58

QUADROS

Quadro 1	Artigos selecionados de acordo com autor, país, ano, periódico, título e forma de menção do Bem-Viver	61- 68
Quadro 2	Capítulos de livros selecionados de acordo com autor, país, ano, título da obra, título do capítulo e forma de menção do Bem-Viver	69
Quadro 3	Pesquisas de Graduação e Pós-Graduação de acordo com autor, país, ano, universidade, título do trabalho e forma de menção do Bem-Viver	70 72

SUMÁRIO

	AGRADECIMENTOS	14
	APRESENTAÇÃO	17
1.	INTRODUÇÃO	22
1.1	O Bem-viver: contextualizações preliminares	22
1.1.1	<i>O Bem -Viver na perspectiva indigenista</i>	24
1.1.2	<i>O Bem-Viver na perspectiva socialista/estatista</i>	27
1.1.1.1	<i>O Estado de Bem-estar Social e o Bem-Viver</i>	30
1. 1. 3	<i>1. O Bem- Viver na perspectiva pós-desenvolvimentista e ecologista.</i>	33
1.2	Bases teóricas para apreensões acadêmicas sobre o Bem-Viver	36
1.3	Abya Yala: apontamentos sobre uma escolha terminológica	45
1.4	Primeiras aproximações entre o Bem-Viver e a terapia ocupacional	48
2.	OBJETIVOS	51
2.1	OBJETIVO GERAL	51
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	51
3.	PERCURSO METODOLÓGICO	51
3.1	Desenho do estudo	51
3.2	Procedimentos metodológicos e análise	52
3.2.1	<i>Levantamento de literatura</i>	52
3.2.2	<i>Entrevista semiestruturada com terapeutas ocupacionais que mencionam o conceito de Bem-Viver em suas produções.</i>	54
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
4.1	Achados na literatura	56
4.2	Entrevistas: semeando a terapia ocupacional e o Bem-Viver	80
4.2.1	<i>Trajetórias das Sementes</i>	82
4.2.2	<i>Apreensões das Sementes sobre o Bem-Viver</i>	84
4.2.3	<i>Referenciais que as Sementes articulam ao Bem-Viver</i>	88
4.2.4	<i>Vivências profissionais das Sementes</i>	94
4.3	Terapia ocupacional e o Bem-Viver: análises e aportes	97
4.3.1	<i>Germinando as categorias temáticas: intersecções que nutrem a terapia ocupacional</i>	101
4.3.1.1	<i>Ação Coletiva no horizonte do Bem-Viver</i>	101
4.3.1.2	<i>O Bem-Viver e os Direitos Humanos e Sociais</i>	103

4.3.1.3	<i>O Bem-Viver e os cotidianos</i>	104
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	111

Awya Yala Wawgeykuna

*Awya yalla apachi q'osni patapi
Tawa K'uchu tawantinsuyumanta
Yawar qhocha kutipun
llajsakun sirch'i nina urqota.*

*Awya yalla llanp'a ch'ujrikuxqa
Kallpa makanakuyta mana
atisqarkuchu
Jatun ruphyay ukhu urqopi
Sach'a ukjupi panpakuna
Sallqa ch'inllan...*

*Unay ayllu yachaykunapi
Atimullpusqa chay jina
llajtakunamanta
Chinkasqa nay uray janaj pachapi
Winaypaj arpa atisqa simir nisqa.*

*Mast'aspa makikunanchejta Tawa
nujunakuymanta*

*Kay pp'unchayman chhayamunchej
Awya Yalla wawqeykuna.*

*Kay yuyayniyki llanthupi
Ancha sinch'i Pirqapi juqarina
Llakijmanta mujujjima
Tukuy kayta yuaytawan
Qhatisuchej chakisarukunanta
Ripusqankunawan.*

Hermanos del Abya Yala

*Abya Yala sobre las aras
humeantes Los cuatro puntos
cardinales
Se tornan infiernos de sangre*

*Lava incandescente funde su
potencia.
Abya Yala pura descoyuntada
Batalla de esfuerzos imposibles*

*De trópicos majestuosos y
ardientes, de selvas profundas,
llanuras...
Mesetas salientes...*

*Razas ancestrales, culturas
diferentes, Pueblos fantasmas
Perdidos en el infinito*

*Siempre víctimas de vanas
promesas.*

*Tendiendo nuestras manos
Desde las cuatro ternuras
llegamos a este día.*

*Hermanos del Abya Yala.
A la sombra de esta memoria
elevemos una firme voz
Como simiente de ansiedad
Recordando todo esto Seguiremos
las huellas.*

Poema ganador del Certamen Nacional de Cuento y Poesía "Grupo Ichthios" Argentina, 1990. Poesía mítica del pueblo Quechua de Argentina, escrito por Tupturka y publicado en "Noticias de Abya Yala" N° 4 de SAIIC, USA, 1992.

LAMENTO DE ABYA YALA

*Desde el fondo de la Tierra,
estremece mi Abya Yala
buscando su paz perdida,
en el silencio de la noche.*

*Ohhhh Abya Yala dormida,
bajo los gritos de los falsos Dioses
vendiste tu honor y tu orgullo,
hasta quedarte desnuda
ante los ojos del mundo.*

*Los libros llenaron tu historia,
tú rebeldía lo convirtieron en salvajismo,
tergiversaron los sagrados principios de tu existencia,
de allí te quedaste dormida, sin fuerzas, sin aliento
en medio de lo que llaman civilización.*

*Pero ellos jamás comprenderán tu lucha
y volverán contra tí como lobos feroces
queriendo exterminar lo poco que te queda
más tu resistencia es mayor
y aún mantiene tu grito de lucha ;j*

*La Sangre se me hierva,
al saber que tu rebeldía lo enterraron para siempre*

*más me aferro a esperanza,
de que algún día ofrecerán los campos en Daggarguna.*

*Hoy me postro ante ti
al verte tendida sin fuerza, sin aliento
sin que nadie te de la mano
para aliviar tu dolor.*

*Ohhh Abya Yala tierra de los NELES
llama sin cesar a tus bravos guerreros
DAD IBE, PUGSU, NIGINYALILER
para que nos llenen de valor y coraje
entonces se levantan nuestros bravos guerreros
dispuestos a luchar por tí,
Abya Yala se hará respetar ante la faz del mundo*

*Los Nussus se regocijarán,
tu MOLA ya no será vergüenza
tu IDIOMA ya no será burlada,
tu grito ya no será un simple ECO,
porque abremos unido nuestras fuerzas*

*Si por defenderte soy necio en el mundo
Si por por quererte tanto soy atrasado
entonces me iré caminando en silencio hasta donde yaces
para acompañarte en tu lenta agonía.*

*Escuchajjjj
hermanos originarios de Abya Yala
escucha lo que nunca quisieron oír nuestras voces
Abya Yala se levantará
y sus hombres caminarán unidos
y sus hijos cantarán de nuevo los cantos rituales de DAD IBE*

*Autor: Erasmo Navas de la comunidad de Digir, Guna Yala, Panamá. Tomado de canal de
<https://www.youtube.com/@islatigregunayala4421/videos>*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer a toda a minha linhagem ancestral, que me permitiu chegar até aqui neste caminho. Às minhas avós, María del Carmen Santos e Teresa Moreno, mulheres da terra e do campo, que não concluíram seus estudos formais, mas que sempre se destacaram por sua coragem e força, sendo guias em minha caminhada. Tive o privilégio de conhecê-las e de receber seus cuidados, especialmente de minha avó María del Carmen, que transcendeu há pouco tempo. Aos meus avós, David e Baldomero, que, embora eu não tenha conhecido pessoalmente, estiveram presentes por meio das referências que chegaram até mim no contato com as plantas, com a música e com a terra.

Ao meu pai, que desde as estrelas continua me guiando, te amo. À minha mãe, que é o tronco fundamental de tudo o que sou, pelo seu suporte espiritual e por sua orientação nos campos político, acadêmico e artístico. Vocês são minhas sementes na vida. À minha tia Adriana, aos meus irmãos Carlos Eduardo e Miguel Ángel e à minha irmã Carmen Emilia, que sempre foram um grande apoio em todos os aspectos, oferecendo acompanhamento e amor incondicional. Aos meus sobrinhs: Lia, Bella, Lira, Teo e Lupe, pelo carinho constante.

À minha filha Aba, fonte de amor e inspiração, que me acompanha em todos os momentos, sou muito feliz de nós escolher. Aos meus filhos espirituais: Cian, Kynzha Qotchahuirá, Huahawi, Semente dourada.

Agradeço pelo privilégio de poder acessar um mestrado e de estar no Brasil, realizando um sonho ao lado do meu esposo, Mateo Andrés, com quem compartilho este caminho de mapaternar e pelos aprendizados compartilhados neste tempo. Também nossa

filha Aba, cujo nome significa milho na língua Myska¹, tem trazido à minha vida muita felicidade, também desafios, mas igualmente muito amor e esperança para continuar acreditando em algo melhor para todos nós. E, claro, menciono Laika, nossa cachorra de 14 anos, a quem carinhosamente nos referimos como uma avó, pois representa um importante suporte emocional em nossa família.

Buscando estar em harmonia neste novo território que nos acolhe, espero poder continuar pensando, refletindo e desconstruindo, com e a partir da academia, para seguir caminhando em direção a um mundo mais justo e encontrar pontos de conexão conceitual entre o Bem-Viver e a terapia ocupacional, considerando os territórios da Abya Yala² e articulando as trajetórias concretas das populações com a produção de conhecimento acadêmico.

E, ao pensar na academia, agradeço especialmente à minha orientadora, Marina Leandrini de Oliveira, pelo carinho, apoio, compreensão e orientação, por permitir que caminhemos juntas nesta proposta, e também à sua família, pelos tempos compartilhados. Ao professor Luiz Gonçalves Junior, por me apoiar na caminhada de pensar o Bem-Viver a partir destes territórios e pelos diversos acompanhamentos e incentivos ao longo do percurso. Aos grupos da UFSCar Aos grupos da UFSCar³: METUIA⁴, NALDEIA⁵, NEFEF⁶. E ao grupo de extensão: Escuta Bem Viver de Santa Catarina⁷, que me acompanharam neste processo formativo, meu sincero agradecimento. Às professoras e colegas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta caminhada:

À professora Livia Pan, por me acolher na universidade desde minha chegada e por se disponibilizar a compor a banca avaliadora. À professora Ana Paula Serrata Malfitano, por provocar reflexões, acompanhar o processo e também aceitar participar da banca. À

¹ Myska significa pessoa, gente. (Saravia, 2021)

² Este é um conceito que será abordado e discutido ao longo do presente trabalho. Inicialmente, contextualizo-o a partir da forma como opto por nomear o território que hoje é conhecido como América. Trata-se da expressão **Abya Yala**, proveniente da língua do povo Kuna. Sua tradução pode ser interpretada como “terra em amadurecimento” ou “terra em plena maturidade”, sendo escolhida para evidenciar a perspectiva dos povos indígenas que já habitavam os territórios posteriormente invadidos, explorados e nomeados como América.

³ UFSCar-Universidade Federal de São Carlos

⁴ **O METUIA** - palavra indígena de origem bororo, que significa amigo, companheiro - foi criado em 1998, por docentes da área de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo (USP/Campus São Paulo), da UFSCar e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Atualmente, os núcleos do Projeto METUIA estão na USP-SP, UFSCar, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP – Baixada Santista), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal da Paraíba (UFPb) e a Universidade Estadual de Ciências da Saúde (UNCISAL).

⁵ **NALDEIA** Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala

⁶ **NEFEF** Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física

⁷ Projeto Escuta Bem Viver: caminhos institucionais para a implementação de uma política de cuidado plural: foi convidada a participar dos encontros por minha amiga psicóloga Marina Risi, em 2025 para pensar Bem-Viver em estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina.

professora Carla Regina, com quem, no espaço do laboratório, pude criar e desenvolver o que denominei tecnologia ancestral para os resultados da revisão de literatura. À professora Samira Lima da Costa, por se disponibilizar a participar da banca mesmo sem nos conhecermos previamente, demonstrando interesse e generosidade com a pesquisa. À professora Pamela Bianchi, por aceitar compor a banca e evidenciar tanto interesse pela temática.

À Bruna Gonçalves, pelo suporte em tantas dimensões, minha querida, obrigada. À Carol Almeida, por me motivar e por escutar tantas vezes sobre a pesquisa. À Bruno Faria pelo carinho e suporte acadêmico e pessoal. À Ekaterina Firsenko, por me convidar e apoiar na candidatura à bolsa e ao mestrado na UFSCar. À Camila Valdez Santana Graça por se disponibilizar para ajudar com os vídeos dos convites para as sementes. A Milena Rodríguez por saber que tem pessoas que fazem por carinho, obrigada pelos cuidados com Aba. À Ju Lima o estudante que me apoio na filmagem dos vídeos para os convites das sementes.

Às profissionais, amigas e pessoas que cuidaram de mim e de minha filha, em dimensões físicas, mentais e espirituais: Dani e Lara, pelo cuidado com a acupuntura; Juliana, por abrir seu coração e se tornar amiga; Ale, por tanta hospitalidade comigo e com minha família; Marina, amiga, obrigada pelo apoio; Tamy, minha psicóloga, fundamental para atravessar este tempo com mais leveza; Dyalma Nery, pela constante disponibilidade em ajudar e por oferecer um espaço seguro e acolhedor para morar; Edna e Paola, por nossas conversas e amizade; Abuela Caca, sempre sustentando espiritualmente; e Moira, cujos encontros e diálogos me orientaram tanto na pesquisa quanto no caminho espiritual.

Às colegas que participaram diretamente, facilitando as entrevistas: Adriana María Cela, foi hermoso conhecer sua grande trajetória e qualidade humana; Juan Pino Moran, que, mesmo sem sabermos, já caminhávamos alinhados com a temática há muito tempo — obrigada pelos aportes; à Alejandro Guajardo Córdoba, com quem já havia compartilhado antes, mas tê-la mais perto e conhecer mais profundamente sua essência foi muito significativo; à Viviana Marcela León Perilla, foi hermoso conhecer esse trabalho tão comprometido com os povos colombianos; e à Magno Nunes Farias, com quem construímos um espaço potente para pensar caminhos e possibilidades, obrigada por sua trajetória, disponibilidade, trocas e por permitir a coconstrução deste documento.

Aos colegas que, ainda que indiretamente, escreveram sobre o Bem-Viver e fizeram parte da revisão de literatura, pois, direta ou indiretamente, já estamos conectados neste caminho de articulação entre a terapia ocupacional e o Bem-Viver, acreditando em outras possibilidades de humanidade dentro do campo profissional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio

e financiamento de parte deste trabalho. À Organização dos Estados Americanos (OEA), pela concessão da bolsa, pois, sem esse apoio, eu não estaria aqui.

E, por fim, aos seres que me sustentaram espiritualmente ao longo desta caminhada: gracias, graças, graças.

APRESENTAÇÃO

Introduzo esse texto situando minhas origens, para contextualizar de que lugar me apresento no desenvolvimento da pesquisa.

A minha família materna tem origem no campo, sendo que minha avó nasceu em Cobaria Charalá Santander, na Colômbia, um território amplamente explorado por colonizadores europeus e reconhecido como espaço de resistência na luta pela emancipação e reivindicação de suas terras. Trata-se de uma região marcada pela presença de mulheres fortes em seus posicionamentos. Minha avó saiu do campo sozinha aos quinze anos para buscar "melhores oportunidades" na capital, onde trabalhou nos afazeres domésticos de outras pessoas. Em uma dessas casas, minha mãe foi criada como parte da família e teve o privilégio de estudar enquanto minha avó trabalhava. Isso marcou a sua vida porque ela se tornou uma grande líder comunitária, intelectual e sempre me incentivou a desenvolver o pensamento crítico, minhas habilidades artísticas e esportivas.

Minha família paterna vem do território Myska, que é o nome ancestral da região, hoje reconhecida como Bogotá, a capital da Colômbia. Meu pai não teve a possibilidade de terminar os estudos secundários, mas teve habilidade para comercializar e desempenhar os papéis do lar. Graças a ele, pude reconhecer as diferenças de papéis dentro de nossa casa e valorizar os esforços do trabalhador independente.

Nasci também nesse mesmo território que minha família paterna; entretanto, pelo local e temporalidade de minha origem, não me considero uma pessoa que integra os povos originários daquela região (ou seja, o povo Myska) embora tenha grande proximidade com os modos de vida e cultura ancestral, uma vez que desde criança pude acompanhar pessoas que considero sábias e sábios do território.

Sobre isso, faço uma breve narrativa de uma vivência pessoal junto à um sábio do povo Nasa ao sul da Colômbia, no território de Inzá Cauca:

Na madrugada de um 22 de junho, por volta das 5 da manhã, após tocar instrumentos musicais durante toda a noite, em celebração ao Inti Raimy (que quer dizer ano novo, nos calendários ancestrais, guiados pelos solstícios e equinócios), falávamos sobre o que significa ser indígena, e, na ocasião, o sábio me disse: - Há várias formas de ser indígena; o que nasce no território e por isso tem o direito de ser parte da comunidade, o que nasce e fala a língua tradicional de seu povo, o que nasce, fala e pensa como sua comunidade, o que nasce, fala, pensa e atua dentro da cosmovivência de sua comunidade, e os que têm alguma ou todas as características anteriores. Há outros que não se sentem parte mesmo tendo vários destes aspectos.

Apresento essa passagem para afirmar que não me reconheço como mulher indígena, mas busco expressar respeito e cuidado ao abordar elementos que compõem o cotidiano destes povos e, sempre que possível, solicitando permissão para mencionar aspectos relacionados ao povo Myska.

Desta forma, reconheço meus antepassados indígenas, camponeses, brancos, e, embora ainda não conheça diretamente meus ascendentes afro, sinto uma forte conexão com esses saberes, me aproximando por meio das músicas, danças, cantos e outros saberes afrocolombianas, que respeituosamente aprendi desde o ano 2001.

Com essas aproximações e vivências, me sinto desconfortável quando sou convidada a classificar minha origem, pois não posso dizer que sou indígena, nem que tenho raízes afro e não me identifico como uma mulher branca (na compreensão do branco colonizador). Me considero então uma pessoa mestiça, que desde pequena se interessa pelo respeito às diferentes comunidades. Considero esse ponto de partida relevante para situar minha vivência pessoal e como pesquisadora.

No que diz respeito ao âmbito profissional, as vivências socioculturais narradas marcaram uma inserção no mundo das artes e esportes. Me interessei pela formação em terapia ocupacional e escolhi a Universidade Nacional da Colômbia em Mykytá⁸. A pouco tempo de minha formatura comecei a trabalhar com população em situação de rua, junto a um convênio interinstitucional entre a universidade com o departamento da ocupação humana, secretaria de mobilidade e transporte e secretaria de integração social da Colômbia. Esta foi a experiência que fomentou meu interesse pelo acompanhamento a populações historicamente excluídas. Minha formatura foi no ano 2006. Atravessando a perda física de meu pai a metade da formação. Sempre tive bolsa social na universidade, por morar em bairro periférico, ter estudado em escola pública e pela renda de meus pais.

⁸ Nome do povo indígena denominado Bogotá pelos espanhóis. Sua tradução literal é “lavoura da savana”. Não deve ser confundido com Santa Fé de Bogotá, o primeiro povoado fundado pelos espanhóis em território muisca, ao qual os indígenas chamavam Kihichá. (Saravia, 2021)

Minha trajetória no campo profissional foi atravessada pelo acompanhamento a diferentes populações, tendo experiência no campo social: com moradores da rua e inserção laboral. Além deste, tive experiência no campo da saúde mental tanto no contexto comunitário como clínico. Já no contexto da educação, trabalhei junto à equipes interdisciplinares, fazendo acompanhamento psicossocial no ensino de educação superior - universitário, acompanhando jovens com deficiência intelectual no trânsito na vida adulta, dentro do espaço universitário, e como professora substituta no departamento de terapia ocupacional onde me formei. Minha trajetória foi se entrelaçando com minhas viagens, tendo trabalhado como terapeuta ocupacional na Argentina, Equador e diferentes territórios da Colômbia, durante os anos de 2006 até 2023, quando me apresentei à bolsa da OEA (Organização dos Estados Americanos), para estudar no Brasil, ingressando no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar em 2024.

Quando comecei a viajar para fora do país "mochilando", sempre estive motivada a conhecer cada cultura e como se desenvolveu em sua cotidianidade. Tive a oportunidade de viajar por diferentes territórios e nesses intercâmbios de vivências, pude percorrer grande parte do Abya Yala, sendo possível identificar um povo cheio de semelhanças ambientais, culturais, étnicas, sociais e, ao mesmo tempo, de necessidades. Identifico que dentro das grandes riquezas de nossos territórios, sempre há precarização, exploração, saques, extrativismo, carências e desigualdades. Durante essas viagens, tive encontros que me levaram a querer aprofundar, e vivenciar o Bem-Viver. Descrevo alguns deles: o primeiro país que visitei foi o Equador. Depois, pude estar na Venezuela para o Fórum Social Mundial⁹ e o encontro de estudantes¹⁰. Em 2009, eu vim ao Brasil para o Fórum Social Mundial em Belém do Pará¹¹, cuja temática central era a Amazônia. Quando estive na Bolívia, Evo Morales fez um grande evento em La Paz, em janeiro de 2010, comemorando a fundação de um estado plurinacional na Bolívia, onde povos de todo o país chegaram à capital para festejar. Foi um encontro maravilhoso.

Ainda em 2010, estive no IV Fórum Social das Américas¹², no Paraguai, onde pude conhecer e ouvir uma mulher que me marcou muito: Rigoberta Menchú, de origem

⁹ Um evento organizado por movimentos sociais de muitos continentes, com o objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Caracas, capital da Venezuela, foi o palco da 6ª edição do **Fórum Social Mundial – VI FSM** – de 24 a 29 de janeiro de 2006, que contou com a participação de mais de 80 mil inscritos em mais de 2 mil atividades, geridas por 2.500 organizações, 3.000 voluntários e 4.900 jornalistas. A delegação brasileira realizou 450 atividades. (Moreira; Laureano, 2020)

¹⁰ O Fórum Mundial de Educação é um espaço internacional de articulação entre educadores, estudantes e movimentos sociais, realizado no âmbito do Fórum Social Mundial, voltado à defesa da educação pública, gratuita, laica, obrigatória e de qualidade, bem como à promoção de uma cultura de paz e de princípios democráticos. (UNDIME. *Foro Mundial de Educación*, 2006)

¹¹ O Mundo não é uma Mercadoria” - e suas esperanças por mudança: “Um Outro Mundo é Possível!”. De fato, o Fórum é apenas a parte mais visível de algo mais amplo, o Movimento por Justiça Global. (Löwy, 2009)

guatemalteca, Prêmio Nobel da Paz (1992) e defensora dos direitos humanos. Ela já falava sobre o Bem-Viver e fez uma intervenção onde mencionou os direitos da Mãe Terra, das mulheres, dos povos indígenas e de outros setores da sociedade civil, que lutam por uma América melhor e mais justa. E foi aí, sob essa inspiração, que pela primeira vez quis fazer algo entre terapia ocupacional e Bem-Viver, mas isso ficou apenas como um desejo, que fui cultivando até poder materializar. Vivi na Argentina e no Equador, e pude viajar fazendo música pelo Chile, Peru, Uruguai, sempre investigando como a terapia ocupacional se desenvolvia em cada território, esclarecendo que não sistematizei essas informações, apenas vivenciei na mente, corpo e espírito.

Dentro da Colômbia, estive em diversos territórios, um deles foi no Cauca, com o povo Nasa, na libertação da Mãe Terra¹³, onde pude conhecer outra mulher inspiradora: Moira Ivana Millán, mulher mapuche, líder, intelectual, que trabalha o conceito do terricídio, na defesa da terra e das possibilidades de viver com dignidade.

Faço o resgate dessas passagens e encontros para contextualizar minha proximidade às lutas dos povos indígenas, afrodescendentes, camponeses, no processo de reivindicação dos direitos da Mãe Terra, e do interesse em continuar construindo um outro mundo possível onde todas as diferenças caibam e convivam.

Minha escolha pela Terapia Ocupacional foi uma decisão plena e, desde então, sempre me comprometi com as múltiplas formas de pensar a profissão e seus campos de atuação. Por isso, tive uma ampla trajetória gremial, participando do Colégio Colombiano de Terapia Ocupacional, onde atuei como representante e vice-presidenta, além de exercer a função de delegada de saúde mental no departamento de Cundinamarca. Também integrei a Associação de Terapeutas Ocupacionais de Pichincha, no Equador.

No âmbito artístico e cultural, fiz parte de grupos de teatro, dança e músicas tradicionais de matriz afro-colombiana, andinas e músicas da floresta, em contextos nacionais e internacionais, atuando como mulher-ponte conectora na gestão cultural, com uma trajetória de 24 anos.

Sempre quis estudar e me dedicar exclusivamente à formação, mas, claro, isso foi colocado para mim como um privilégio, porque, de onde eu venho, acessar mestrados, doutorados e pós-doutorados é uma oportunidade voltada para determinadas classes sociais (e se não, acaba-se endividando para sustentar os custos desses cursos, tornando-os algo

¹² O FSA é um dos múltiplos eventos integrantes do Fórum Social Mundial (FSM), que neste ano completou 10 anos de realização. Seu objetivo é, assim como os demais encontros realizados durante este ano, é reunir organizações e movimentos sociais na busca e construção de um outro mundo possível. (Evangelista, 2010)

¹³ É uma ação de resistência coletiva do povo Naza do Cauca, na Colômbia, que possibilita uma aposta na reterritorialização, iniciada com a recuperação de terras espoliadas. Se quiser se aprofundar pode acessar a López Camacho A, 2021.

inalcançável). Desta forma, estar no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional é uma realização bastante importante, particularmente em afirmar neste espaço a minha trajetória, os meus interesses e inquietações.

Foi nesse sentido que emergiu o desejo de compreender como aspectos do Bem-Viver se articulam ao campo da Terapia Ocupacional. Assim, a pesquisa desenvolvida buscou reunir elementos para responder o seguinte questionamento: terapeutas ocupacionais têm se aproximado e usado o conceito/termo Bem-viver em suas produções escritas? E assim, ao responder essa questão, poder apresentar um panorama sobre como os profissionais o utilizam e o compreendem.

Para tanto, apresento este trabalho organizado inicialmente em um texto teórico, contendo alguns dos principais referenciais que orientam a compreensão sobre o Bem-Viver, sendo destacadas contextualizações preliminares sobre o termo e desenvolvidas três perspectivas, fundamentadas nas contribuições de Hidalgo (2012). Este tópico é seguido pelos objetivos que sustentam o estudo, o qual a sua ênfase geral recai em “Identificar e compreender a perspectiva de terapeutas ocupacionais sobre o Bem-Viver”. O percurso metodológico para alcançar os objetivos baseia-se em um levantamento de literatura e entrevistas com autores que mencionaram o Bem-Viver em suas produções. Já os resultados e discussões são estruturados a partir da apresentação dos profissionais participantes (sementes) e uma discussão sobre as principais temáticas abordadas nas falas dos terapeutas ocupacionais. Finalizando essa breve apresentação, a seguir introduzo o trabalho a partir de contextualizações sobre o Bem-Viver.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O Bem-viver: contextualizações preliminares

O conceito de Bem-Viver é complexo, multidimensional e não linear, sendo historicamente construído e permanentemente ressignificado. Ele se integra a culturas ancestrais milenares e compõe os saberes de povos indígenas, afrodescendentes e camponeses, incorporando-se, mais recentemente, também às experiências de populações mestiças. O Bem-Viver não se limita a uma construção conceitual abstrata; trata-se de uma cosmovivência histórica, enraizada em corpos e territórios que resistiram a múltiplas formas de dominação e submissão, e que até hoje mantêm vivas suas formas próprias de construir comunidades, povos e nações.

Atualmente, diferentes movimentos de base social e intelectual se fundamentam em princípios que podem ser articulados ao Bem-Viver (mesmo que não de maneira direta), particularmente no que se relaciona às construções críticas ao sistema predatório, capitalista e patriarcal, que fazem frente inclusive ao modelo eurocêntrico de bem-estar. Como exemplo, pode-se mencionar o ecofeminismo e os demais movimentos ecologistas, cooperativistas, marxistas, entre outros que, em sua fundamentação, há elementos consonantes às formas como alguns dos povos ancestrais se relacionam na vida e com a vida. Além disso, a partir do Bem-Viver, problematiza-se a relevância de enfrentar a opressão de populações historicamente excluídas, como os povos indígenas, e o fomento ao desenvolvimento da consciência pelas mudanças climáticas, contrapondo-se ao desenvolvimento predatório e aos modos opressivos de vida (Acosta, 2018, p. 14).

Diversos autores têm se dedicado a discutir o Bem-viver sob múltiplas abordagens teóricas e políticas. No cenário internacional e no Brasil, o tema ganha relevo por meio de acadêmicos como Alberto Acosta, cuja obra fundamental, "O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos", foi traduzida para diversos idiomas, incluindo o português (2012), espanhol (2013), francês (2014) e alemão (2015). Outra contribuição seminal é a de Aníbal Quijano (2012), que analisa o *Bien vivir* no interstício entre o desenvolvimento e a decolonialidade.

Dentre essas contribuições, destaca-se aqui a proposta de Hidalgo-Capitán (2012), que sistematizou o debate ao identificar três correntes de pensamento no contexto equatoriano: a indigenista/ pachamamista, a socialista/ estatista e a pós-desenvolvimentista/ ecologista (Hidalgo-Capitán, 2012; Alcantara, 2022). Essa sistematização permite compreender como tais correntes se configuraram historicamente em torno do conceito de Bem-Viver, além de possibilitar a articulação desse debate com experiências e processos similares observados na Bolívia e em

outros territórios.

Consoante a tipologia de Hidalgo-Capitán (2012), tais correntes distinguem-se fundamentalmente pelo peso atribuído à autodeterminação indígena, ao papel do Estado e à crítica ao paradigma do desenvolvimento. A vertente **indigenista e pachamamista**, por exemplo, compreende o Bem-viver a partir do *Sumak Kawsay*, enfatizando sua dimensão espiritual, comunitária e ancestral. Essa perspectiva questiona as reinterpretações ocidentais do conceito e propõe a recriação contemporânea de formas de organização socioeconômica comunitárias. Segundo o autor, destacam-se como referenciais lideranças como Viteri, Pacari e Macas, além de intelectuais como Dávalos, Cáceres e Oviedo (Hidalgo-Capitán, 2012).

Já a corrente socialista e estatista interpreta o *Bem-Viver* como um projeto político de alcance nacional, estruturado a partir da gestão estatal e da planificação participativa, com ênfase na promoção da equidade social (Hidalgo-Capitán, 2012). Essa corrente associa o *Bem-Viver* ao socialismo do século XXI e a aportes neo-marxistas, propondo a construção de um sistema pós-capitalista fundamentado em um bio-socialismo republicano ou bio-igualitarismo cidadão. Segundo Hidalgo-Capitán (2012), seus principais representantes são Falconí, Quintero e Ramírez, intelectuais vinculados ao governo equatoriano.

Por fim, a corrente pós-desenvolvimentista e ecologista concebe o *Bem-Viver* como uma alternativa ao desenvolvimento e como uma utopia em permanente construção, ressaltando a participação social tanto na definição quanto na implementação do próprio conceito. Essa perspectiva integra contribuições indígenas, socialistas, feministas, ecologistas e decoloniais, compreendendo o *Bem-Viver* como uma construção plural e contextual. Entre seus principais referenciais, Hidalgo-Capitán aponta Acosta, León, Wray e Carpio, intelectuais vinculados a movimentos sociais.

Compreendendo-se as limitações de qualquer descrição que se propõe à sistematizar os complexos debates associados ao Bem-Viver, pauta-se em tais correntes, salientado-se que elas não se adequam a uma apresentação linear, homogênea ou mutuamente excludente, podendo coexistir simultaneamente ou assumir maior centralidade em diferentes momentos históricos e territoriais, conforme as correlações de forças políticas, sociais e institucionais. Reconhece-se, entretanto, que a amplitude, a complexidade e a heterogeneidade do debate em torno do Bem-Viver exige a realização de recortes analíticos. Aqui, não se pretende abarcar o conceito como homogêneo e admite-se, à priori, o limite do trabalho acadêmico para contemplar os possíveis sentidos para os diferentes povos e perspectivas.

Nesse sentido, a presente introdução seleciona determinados contextos e experiências para aprofundamento, não desconsiderando a relevância de outros processos, debates e experiências igualmente importantes, mas reflete uma opção orientada pela viabilidade da

investigação e pelos objetivos propostos. Deste modo, desenvolve-se a apresentação teórica, a seguir, a partir das correntes anteriormente mencionadas.

1.1.1 O Bem -Viver na perspectiva indigenista

Considera-se pertinente iniciar a discussão a partir das origens ancestrais de alguns povos e nações indígenas, que constituem referência fundamental para os conceitos de Sumak Kawsay e Suma Qamaña¹⁴, expressões nas línguas kichwa¹⁵ e Aymara¹⁶, respectivamente, que foram traduzidas para o espanhol como *Buen Vivir* e, em português, como *Bem-Viver*. Por se tratarem de povos milenares, não é possível determinar uma origem única e datada de suas cosmovivências¹⁷. O que se pode identificar, no entanto, são os momentos históricos em que esses saberes passaram a ser socializados e registrados no âmbito acadêmico e político contemporâneo.

Nesse percurso, destaca-se o território do Equador, particularmente as comunidades amazônicas do cantão de Pastaza. É nesse contexto que se insere o trabalho de Carlos Viteri, pertencente ao povo Sarayakuruna¹⁸, que, em sua formação como licenciado em Antropologia Aplicada, sistematizou reflexões sobre o Sumak Kawsay. Viteri apresenta o conceito como uma forma de vida associada à plenitude, traduzida ao espanhol como *Buen Vivir* ou *vida en plenitud*. Seu trabalho mais conhecido, intitulado “*Sumak Kawsay: una respuesta viable al desarrollo*”, data de 2003. Contudo, é importante ressaltar que já na década de 1990 o autor havia publicado o artigo “*Visión indígena del desarrollo en la Amazonía*” (1993), texto que ganhou maior visibilidade a partir de sua publicação, em 2002, na revista *Polis*, de circulação

¹⁴ Palavra em Aymara que significa Viver-Bem (Apaza, 2016)

¹⁵ São comunidades indígenas, localizadas na Amazônia equatoriana e peruana. Segundo a Base de Dados de Povos Indígenas e Originários, trata-se de povos indígenas que, no período colonial, perderam suas línguas próprias ao introduzirem o quéchua como língua predominante, o que resultou no apagamento de seus idiomas originários. (Perú, 2002)

¹⁶ A cultura aymara tem origem pré-colombino, associada à civilização de Tiahuanaco, caracterizada por sua influência arquitetônica, e está historicamente localizada na região do Altiplano andino, abrangendo territórios da Bolívia, do Peru e do Chile. Em português é Aimara.

¹⁷ Incorpora-se o termo cosmovivência para referir aos modos de vida cotidianos nas comunidades ancestrais indígenas. Conhecimento adquirido com o sabedor Taita Emílio do Equador, na Jatun Yachay Wasy, em 2019, enquanto assistia às aulas de medicina ancestral andina em Riobamba. Compreendendo que não se trata de uma cosmovisão, mas da experiência do cotidiano — o dia a dia —, é a partir dele que se entende como os povos se relacionam com a própria vida, sendo a Chakra (espaço de terra destinado ao cultivo para consumo diário) o local onde se aprende mais sobre a vida. Para aprofundar este conceito, autores como Chipana Quispe Sofia Nicolasa (2025) apresentam as *cosmovivências relacionais* como fonte de sabedoria andina, destacando a importância das práticas cotidianas e das relações comunitárias na transmissão de saberes. De forma complementar, Mauleón Rodríguez et al. (2023) discutem a cosmovivência como uma relação harmoniosa entre seres humanos e a natureza, enfatizando o papel do conhecimento ancestral e das práticas culturais para abordar os desafios ambientais do século XXI.

¹⁸ Kichwas de Sarayaku, runa significa gente, então seria gente de Sarayaku (se isso de quando morei em Equador)

latino-americana¹⁹. Além de intelectual indígena, Carlos Viteri é também um ator político vinculado às lutas e mobilizações dos povos indígenas amazônicos²⁰.

A comunidade Sarayaku localiza-se na Amazônia equatoriana, na província de Pastaza, e integra o povo kichwa. Trata-se de um povo disperso em diferentes territórios dentro e fora do Equador, o que exige compreender que as reflexões de Viteri partem de uma experiência comunitária específica, ainda que dialoguem com uma realidade indígena mais extensa. Em seus escritos, o autor já identifica caminhos alternativos ao modelo hegemônico de desenvolvimento, temática que será descrita posteriormente neste texto (Viteri, 2002).

De modo geral, a literatura equatoriana sobre o Bem-Viver converge em torno de elementos como: o reconhecimento que o conceito tem origem nas cosmovivências indígenas andinas, especialmente no Sumak Kawsay kichwa, em diálogo com noções afins como o Suma Qamaña aymara, que expressam modos de vida baseados na harmonia comunitária anteriores ao processo de colonização. Em segundo lugar, o Bem-Viver é compreendido como uma forma de convivência que pressupõe relações equilibradas tanto entre os seres humanos quanto entre estes e a natureza, implicando o reconhecimento de limites sociais e ambientais às práticas humanas. Por fim, destaca-se seu caráter dinâmico e inacabado, entendido como um processo em permanente construção, que demanda a participação ativa e coletiva da sociedade na definição e materialização de seus sentidos (Hidalgo-Capitán, 2012).

Na Bolívia, os referenciais ancestrais relacionados ao Suma Qamaña encontram-se principalmente entre as comunidades quechuas²¹ e aymaras. Segundo Fernando Huanacuni, o paradigma da vida nessas culturas baseia-se no cuidado integral de todas as formas de existência. Trata-se de uma concepção de vida sustentada por práticas como o cultivo rotativo e o multicultivo, em que o plantio ocorre em diferentes espaços ao longo do tempo, sempre precedido por oferendas e cerimônias de permissão à Mãe Terra. O semear e o colher são realizados com afeto, atenção e respeito, valorizando-se o observar e o escutar como princípios fundamentais. Essa cosmovisão também sustenta a concepção do Estado Plurinacional, que

¹⁹ Embora defenda-se o termo Abya Yala para referir-se a essa região, como será apresentado adiante no texto, as palavras América Latina ou Latinoamérica serão mantidas em trechos do texto, em concordância ao termo utilizado pelos autores referenciados.

²⁰ De acordo com a bibliografia de Carlos Viteri Gualinga, além de seu trabalho político e de liderança indígena, ele desempenhou funções como artesão, músico folclórico, ativista social, pesquisador, acadêmico e articulista, e trabalhou como especialista em desenvolvimento social e políticas públicas para populações indígenas. (Viteri, 2018)

²¹ Historicamente, o povo quíchua, ou runa (termo em runa simi para seus membros), esteve associado ao Tawantinsuyu, o Império Inca, também chamado Império do Sol (aproximadamente 1300–1535). No século XV, uma revolução cultural iniciou sua expansão desde a região ocidental da América do Sul, no coração da Cordilheira dos Andes. Após a vitória militar sobre os chancas em 1438, o inca Pachakutiq iniciou a partir de Cusco um processo de expansão cultural, econômica e militar ao longo dos Andes, abrangendo cerca de quatro mil quilômetros de território do norte ao sul, hoje correspondentes a partes da Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina. (Esterman, 2020)

reconhece a diversidade de povos que habitam os territórios, orientando-se pelo consenso no interior do *ayllu*²² e pela complementaridade entre distintas formas de existência (Huanacuni, 2010)

Identifica-se que, desde o início dos anos 1980, intelectuais indigenistas têm levado o conceito de Bem-Viver para os cenários acadêmicos, subsidiando, a partir de outras perspectivas, a leitura e análise das realidades sociais. Desde então, diferentes áreas do conhecimento passaram a tecer articulações com o Bem-Viver, como as ciências sociais e humanas, economia, entre outras áreas de conhecimento²³. O movimento de inserção do conceito na política pública, entretecendo conhecimentos ocidentais e ancestrais, permitiu que fosse sistematizado e incorporado ao debate acadêmico e ocidental. Entre os principais intelectuais, destacam-se Carlos Viteri Gualinga, Nina Pacari, Eduardo Gudynas e Alberto Acosta, que produziram análises teóricas sobre alternativas ao desenvolvimento ocidental e sustentável, a partir das epistemologias indígenas (Gudynas, 2011; Acosta, 2013). Fernando Huanacuni Mamani, intelectual Aymara, trouxe à academia a perspectiva das comunidades originárias para contribuir com possibilidades de existência harmônica com a natureza (Mamani, 2010). Além disso, o antropólogo Arturo Escobar articulou o Bem-Viver com as epistemologias do Sul, conectando saberes indígenas às discussões sobre diferença, território e modelos de desenvolvimento alternativos (Escobar, 2020).

Em grande parte dos povos da região andina, persiste uma cosmovivência ancestral, caracterizada por paradigmas comunitários baseados na vida em harmonia e equilíbrio com o entorno (Mamani, 2010, p. 24). Segundo Hidalgo-Capitán, Arias e Ávila (2014), o *sumak kawsay* andino organiza-se a partir de duas dimensões indissociáveis: a territorial e a ética. A dimensão territorial compreende a relação inseparável entre os sujeitos, o território e os elementos materiais e espirituais que o constituem, sendo o cuidado e a harmonia com esse conjunto condição fundamental para o Bem-Viver. A dimensão ética fundamenta-se em valores comunitários como solidariedade, ajuda mútua, generosidade, reciprocidade, escuta e aconselhamento, articulados à trilogia andina, não ser preguiçoso, não ser mentiroso e não ser ladrão, e aos princípios da *chakana*²⁴: reciprocidade, integralidade, complementaridade e relacionalidade. Esses elementos sustentam uma concepção relacional, coletiva e ética de vida em comunidade.

²² Palavra Aymara que significa comunidade.

²³ Este tópico será retomado adiante, no subitem sobre Bem-Viver como referencial teórico.

²⁴ Este símbolo geométrico resulta do processo matemático para solucionar o problema da Quadratura da Circunferência, impossível para o Ocidente. [...] O nome de Chakana que se lhe atribui tem várias acepções; entre as principais está a de dois elementos assimétricos que se cruzam" (Milla-Villena, 2008, p. 14, tradução nossa

1.1.2 O Bem-Viver na perspectiva socialista/estatista

Líderes e membros das comunidades Kichwa²⁵/Quechua²⁶ e Aymara²⁷ desempenharam papéis centrais, desde os anos setenta, transmitindo conhecimentos por meio de cerimônias, rituais e práticas cotidianas, e levando a mobilização e defesa das comunidades e terras indígenas. Esses saberes foram apoiados por acadêmicos indígenas e não indígenas, que se somaram às lutas dos povos ancestrais, contribuindo para que o Bem-Viver fosse reconhecido como referência acadêmica, política e social. Tal reconhecimento possibilitou sua tradução para publicações, políticas públicas e debates internacionais, com ênfase na diversidade cultural, pluriétnica e na sustentabilidade das comunidades (Escobar, 2020).

A partir do início do século XXI, o Bem-Viver passa a ser um referencial fundamental para a formulação de políticas públicas em diversos países latino-americanos, como Equador, Bolívia e Venezuela. No contexto venezuelano, antes de 1998, o país foi governado por administrações neoliberais, em consonância com as recomendações do Fundo Monetário Internacional, implementando medidas como redução do gasto público, liberalização de preços e comércio, estímulo à entrada de capital estrangeiro e privatização de empresas estatais. Essas políticas aprofundaram desigualdades sociais e geraram descontentamento popular (Harnecker, 2018). Nesse cenário, a liderança de Hugo Chávez Frías, impulsionou mobilização popular contra o modelo neoliberal, culminando na promulgação da Constituição da República Bolivariana da Venezuela, a qual intencionava a construção de uma sociedade democrática, participativa, protagônica, multiétnica e pluricultural.

No plano teórico-político, a partir de 2004, Chávez defendeu explicitamente a necessidade de reexaminar a história do socialismo e de recuperar seu sentido a partir das realidades latino-americanas. Segundo Molina, Ansaldo e Cea (2018), essa inflexão se expressa na formulação do Socialismo Bolivariano, concebido como uma criação histórica própria, enraizada nas lutas emancipatórias do continente, no pensamento marxista em suas múltiplas vertentes, no legado de autores como Mariátegui e Martí, e nas tradições políticas e culturais do povo venezuelano. Nesse processo, a construção das comunas²⁸ assumiu papel central enquanto espaço de articulação territorial, social e política, orientado à autogestão, à democratização da vida social e à superação das formas de produção e dos valores promovidos pelo capitalismo.

²⁵ Kichwa é uma das línguas principais do Equador do povo Kichwa

²⁶ Quechua é uma das línguas principais do Perú, povo Quechua ou Quichua.

²⁷ Aymara é uma das línguas principais da Bolívia, da comunidade Aymara.

²⁸ As comunas na Venezuela foram criadas a partir da Lei Orgânica de Comunas, promulgada em 2010 pelo então presidente Hugo Chávez, tais experiências são uma nova forma de organização social baseada na autogestão e com diálogo permanente com o Estado. Elas, inclusive, têm prioridade na transferência de recursos e não precisam ficar restritas a um Estado ou município, ou seja: uma mesma comuna pode abranger mais de uma cidade” (Santiago, 2024).

Ao longo das últimas décadas, surgiram propostas político-econômicas que buscaram alternativas às formas tradicionais de organização capitalista e ao neoliberalismo. Autores que analisam esses processos apontam que tais projetos, frequentemente agrupados sob os rótulos Socialismo do Século XXI e ciclo progressista, propuseram repensar tanto as formas de produção quanto os valores sociais herdeiros do capitalismo tradicional, privilegiando maior participação democrática e protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados.(Molina, 2022).

Pesquisas que abordam a relação entre o Socialismo Bolivariano e experiências do Bem-Viver observam que, em governos como os de Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador, emergiram programas e políticas públicas que se orientaram por horizontes democratizadores e por concepções ampliadas de bem-estar social, situando-se como tentativas de pensar modos de vida e estruturas políticas distintos daqueles promovidos pelo capitalismo tradicional. (Molina, 2022, p. 31).

No Equador e na Bolívia, o Bem-Viver foi incorporado em marcos legais e constitucionais, reconhecendo e valorizando múltiplas formas de comunidades historicamente excluídas, incluindo povos indígenas, afrodescendentes e outras populações tradicionais. Essa incorporação reflete uma perspectiva pluriétnica e multicultural, oferecendo alternativas ao modelo de desenvolvimento ocidental centrado no crescimento econômico e buscando harmonizar dimensões sociais, culturais, ambientais e espirituais da vida coletiva (Acosta, 2013; Gudynas, 2011; Equador, 2008; Bolívia, 2009).

No Equador, o conceito passou a ser debatido em 2007, incorporado na Constituição de 2008 e implementado na agenda de políticas públicas de 2009, com o objetivo de materializar o projeto da Revolução Cidadã, construir um Estado plurinacional e intercultural e alcançar o Bem-Viver dos cidadãos (Equador, 2013). O Plano Nacional 2009/2013 destacou o Bem-Viver como aposta de mudança contínua, superando os limites do economicismo e promovendo estratégias econômicas inclusivas, sustentáveis e democráticas, incorporando atores historicamente excluídos do mercado capitalista (Ecuador, 2009, p. 8). Além disso, o Equador tornou-se o primeiro país a reconhecer a natureza como sujeito de direitos na Constituição de 2008, reforçando a inclusão de populações precarizadas, o fortalecimento de uma economia sustentável e a construção de alternativas ao modelo capitalista hegemônico. O Plano Nacional 2017-2021 consolidou a perspectiva do Bem-Viver, fundamentando-a em direitos humanos e reconhecendo pessoas, coletivos e a natureza como titulares de direitos centrais no processo de desenvolvimento (Equador, 2017, p. 17).

Acosta (2016, p. 123) enfatiza que “liberar a Natureza da condição de puro objeto de propriedade para os seres humanos foi – e continua sendo – necessário um grande esforço

político para reconhecê-la como sujeito de direitos”. Nesse sentido, vislumbra-se que os conceitos ocidentais de Direitos Humanos e os Direitos da Natureza se articulem e transformem em uma espécie de Direitos da Vida ou Direitos à Vida (Acosta, 2016, p. 140).

Na Bolívia, os princípios do Bem-Viver estavam presentes na cosmovivência ancestral e foram incorporados à política pública como forma de resistência ao extrativismo. Vale destacar que a Bolívia apresenta grande riqueza mineral, especialmente em lítio, além de petróleo e gás natural, e que o país é profundamente marcado pela cultura andina. Durante o governo de Evo Morales, as 36 línguas indígenas foram oficializadas, consolidando o Estado Plurinacional da Bolívia, e o conhecimento de alguma língua originária passou a ser requisito para concursos públicos. Apesar da intensa exploração mineral externa, as políticas públicas inspiradas no Bem-Viver buscaram proteger terras, comunidades e os seres que nela habitam. Embora a Bolívia não tenha reconhecido expressamente os direitos da natureza como o Equador, a Constituição de 2009 incorporou princípios e regulamentações para sua proteção, materializados na Lei n.º 71 (2010) e na Lei n.º 300 (2012), ambas inspiradas na cosmovisão dos povos originários (Bolívia, 2010; Bolívia, 2012).

Em outros territórios, como o Chile, tentativas de incluir o Bem-Viver nas constituições ainda não foram efetivas, embora, em 2022, tenha sido debatido um documento orientador que abordava direitos da natureza, biodiversidade, bioética, soberania alimentar e desenvolvimento sustentável (Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2024, p. 13).

Assim, a perspectiva socialista/estatista do Bem-Viver evidencia sua articulação com processos históricos de mobilização popular que incidem na construção de iniciativas inspiradas no socialismo adaptado às realidades latino-americanas, políticas públicas inclusivas e reconhecimento legal da diversidade cultural, social e ambiental. Essas experiências fornecem uma base teórica e prática para compreender o potencial transformador do conceito, fornecendo elementos também para a análise das dimensões ecológicas, participativas e pós-desenvolvimentistas do Bem-Viver.

Antes de transitar para essa análise, apresenta-se apontamentos acerca de um relevante movimento político econômico, o Estado de Bem-Estar Social, compreendido como uma das respostas sociais às contradições e desigualdades produzidas pelo capitalismo neoliberal, e uma breve leitura sobre possíveis relações, de proximidades e distanciamentos, deste com o conceito de Bem-Viver, no íterim da perspectiva estatista.

1.1.1.1 O Estado de Bem-estar Social e o Bem-Viver

O conceito de desenvolvimento consolidou-se no período pós Segunda Guerra Mundial como um projeto associado ao crescimento econômico, à industrialização e à modernização

social, tomando como referência os países centrais do capitalismo (Rostow, 1960; Parsons, 1964). Essa concepção passou a ser criticada a partir da década de 1960 por autores latino-americanos que evidenciaram como o desenvolvimento reproduziu relações de dependência estrutural entre centro e periferia, aprofundando desigualdades econômicas e políticas (Prebisch, 1981; Furtado, 1974; Wallerstein, 2004). Nesse sentido, o desenvolvimento é compreendido como parte do funcionamento histórico do capitalismo, articulado à exploração de territórios, à mercantilização da natureza e à subordinação de saberes locais (Harvey, 2004).

O discurso do desenvolvimento reproduziu uma lógica dicotômica que hierarquiza povos e territórios a partir de categorias como desenvolvido/subdesenvolvido, civilizado/selvagem ou centro/periferia (Acosta, 2016). Essa matriz discursiva, herdeira do processo colonial, levou muitos países classificados como “atrasados” a adotarem políticas, indicadores e modelos externos com o objetivo de alcançar o ideal de desenvolvimento, negando, nesse processo, suas próprias raízes históricas, culturais e epistemológicas.

No interior do horizonte capitalista, emerge o Estado de Bem-Estar Social como uma resposta às contradições do capitalismo industrial, especialmente nos países europeus. Fundamentado na ampliação dos direitos sociais e na provisão estatal de políticas públicas, esse modelo buscou garantir padrões mínimos de vida por meio da cidadania social (Marshall, 1967; Esping-Andersen, 1991). Apesar de seus avanços históricos, o Estado de Bem-Estar manteve-se ancorado em uma lógica urbana, salarial e produtivista, revelando limites diante da crise fiscal do Estado, da reestruturação neoliberal e da exclusão de modos de vida não integrados ao mercado formal (Offe, 1984).

Draibe e Riesco (2011), discorreram sobre o conceito de Estado Latino Americano Desenvolvimentista de Bem-Estar (ELADBES), um tipo específico de Estado de Bem-Estar em países da região que orientou os seus modernos sistemas nacionais de proteção social entre as décadas de 1930 a 1980. Sem a proposta de replicar os processos dos países europeus, numerosos Estados da região se envolveram no desafio de buscar o desenvolvimento econômico e o progresso social para as sociedades, até então majoritariamente agrárias. Nos anos 1980, muitos países, sob a liderança estatal, já haviam construído as instituições básicas da regulação capitalista e as bases da acumulação industrial, saindo de uma economia com caráter exclusivamente exportador.

As políticas sociais cumpriram papel relevante em processos como a urbanização, alfabetização e melhora nas condições de saúde das populações, entretanto, estiveram relacionadas também o viés ‘industrialista’, que se diferia do seu objetivo primeiro de dar proteção dos trabalhadores assalariados que ingressaram na nascente indústria e nos setores comerciais. As proximidades do regime de bem-estar erigido na América Latina pode ser

enquadrado como meritocrático ou conservador, na classificação de Esping-Andersen. Em outras palavras, desde o início, foi uma organização que se referia “ao homem-provedor, legitimado por sua inserção no mercado de trabalho, e à mulher-cuidadora, esta última característica reforçada, mais ainda, pelo viés “familista” que imperou desde as origens” (Draibe; Riesco, 2011, p. 240).

No contexto sociopolítico global marcado pela hegemonia do neoliberalismo, pela financeirização da economia e pelo aprofundamento das desigualdades sociais, a América Latina consolidou-se, a partir do final da década de 1990, como um espaço privilegiado de experimentação política e econômica. Em resposta aos efeitos regressivos das reformas estruturais impulsionadas em escala global, diversos países da região protagonizaram processos políticos de contestação ao neoliberalismo que questionaram a centralidade do mercado e a retração do Estado, propondo alternativas orientadas à ampliação de direitos, à redistribuição e à recuperação do papel do público (Molina, 2022).

A partir desses territórios emergiram propostas políticas, como o Bem-Viver ou Viver-Bem e o Socialismo Bolivariano, particularmente na Bolívia, no Equador e na Venezuela, que se apresentaram não apenas respostas locais ao neoliberalismo, mas como horizontes críticos ao modelo civilizatório capitalista dominante. Sob a perspectiva da economia política, essas experiências podem ser interpretadas como tentativas de reconfigurar as relações entre Estado, mercado e sociedade, ao disputar a lógica da mercantilização generalizada e afirmar formas de organização econômica orientadas à satisfação das necessidades sociais e à reprodução da vida (Molina, 2022).

Nesse sentido, considera-se que os movimentos de inserção dos princípios do Bem-Viver nas políticas de Estado propõem uma concepção ampliada de democracia, que ultrapassa os limites da democracia liberal burguesa, historicamente associada à dinâmica de acumulação capitalista. Ao compreender a democracia como conquista das classes subalternas, vinculada à transformação das condições materiais de existência e à construção de mecanismos ampliados de participação e decisão, tensionam-se as hierarquias econômicas e sociais produzidas pelo neoliberalismo.

O Bem-Viver apresenta uma reorientação do sentido de bem-estar, baseada na reciprocidade, na solidariedade, na subsistência e na autodeterminação dos povos. Em sua essência, não se trata de uma alternativa interna ao capitalismo, mas de uma proposta que questiona seus fundamentos históricos e epistemológicos, abrindo espaço para outras formas de organização da vida, sustentadas por saberes ancestrais, territorialidade e práticas coletivas de cuidado (Acosta, 2016; Gudynas, 2015; Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021).

Em um cenário global atravessado por crises múltiplas, como econômica, social,

ecológica e política, essas propostas latino-americanas abrem caminhos para a formulação de alternativas sistêmicas que, embora situadas e marcadas por contradições, recolocam no centro do debate o sentido do desenvolvimento, da democracia e da economia. A relevância em se visibilizar propostas críticas oriundas do Sul global, entre elas o Bem-Viver (Sumak Kawsay/Suma Qamaña), inscreve-se no horizonte das resistências e da reconfiguração dos modos hegemônicos de vida. Mais do que uma proposta restrita aos povos originários, constitui um paradigma em construção que recupera saberes ancestrais e práticas comunitárias fundamentadas na harmonia entre os seres humanos e a natureza. A partir de uma perspectiva ecocêntrica, o Bem-Viver questiona o antropocentrismo e a noção de progresso associada à acumulação ilimitada, propondo, em seu lugar, relações baseadas na reciprocidade, na complementaridade, na solidariedade e no equilíbrio socioambiental. (Mamani, 2010).

Diferentemente das concepções ocidentais de bem-estar, o Bem-Viver não se configura como uma política compensatória nem como um modelo econômico (Viteri Gualinga, 2003; Huanacuni, 2010). Sua formulação contemporânea, especialmente a partir das lutas territoriais na Amazônia equatoriana, constitui uma crítica direta ao extrativismo, ao capitalismo e à colonialidade do poder (Quijano, 2000; Escobar, 2014).

Pondera-se, entretanto, que o Bem Viver, ainda que se constitua como horizonte crítico que questiona os fundamentos históricos, epistemológicos e econômicos do capitalismo, ao ser incorporado às políticas públicas sociais, passa a operar no interior de Estados nacionais inseridos na dinâmica da economia-mundo capitalista e submetidos às pressões da financeirização, do extrativismo e da governança neoliberal.

Nesse movimento, o Bem-Viver, ao ser institucionalizado, passa a coexistir com estruturas estatais, marcos legais e dispositivos administrativos regidos por uma racionalidade produtivista, o que pode produzir tensões entre seu conteúdo contra-hegemônico e as formas de sua implementação. Tal processo evidencia fragilidades semelhantes àquelas observadas no Estado de Bem-Estar Social europeu: ainda que amplie direitos e reconheça dimensões coletivas da vida, permanece condicionado pelos limites fiscais, pelas correlações de forças políticas e pela centralidade da acumulação na organização da economia.

O Estado de Bem-Estar Social não intencionou romper com a lógica capitalista, mas a regulou parcialmente em determinado contexto histórico; o Bem-Viver, quando incorporado na política pública estatal, corre o risco de ser capturado por mecanismos institucionais que atenuam seu potencial transformador, restringindo-o a uma reconfiguração interna da ordem vigente. Desse modo, sua potência crítica depende não apenas de seus princípios, mas da capacidade de sustentar práticas territoriais, comunitárias e interculturais que tensionam estruturalmente o modelo neoliberal no qual, paradoxalmente, passa a operar.

Em síntese, o Bem-Viver emerge como processo de resistência e reexistência que não apenas questionam a ordem dominante, mas também abrem possibilidades para imaginar e construir outros modos de vida, outras formas de desenvolvimento e outras relações entre sociedade, natureza e cultura, a partir de uma perspectiva plural, relacional e decolonial. (Alcantara, Sampaio, 2017). Esse arcabouço evidencia um movimento em torno de novos enfoques capazes de criar oportunidades para os territórios, mediante co-construção coletiva, considerando o meio natural, as relações interpessoais e alternativas ao capitalismo global. Como destaca Bruce (2016), coloca-se como um grande desafio, romper com estruturas hegemônicas e construir alternativas antissistêmicas, que permitam ressignificar a existência humana nas relações sociais e com a natureza.

A seção seguinte apresenta o Bem-Viver na perspectiva pós-desenvolvimentista e ecologista, destacando como as dimensões participativa, ambiental e plural do conceito se articulam com propostas alternativas ao desenvolvimento convencional e à sustentabilidade social e ecológica.

1. 1. 3 O Bem- Viver na perspectiva pós-desenvolvimentista e ecologista.

Atualmente, diferentes movimentos de base social e intelectual fundamentam-se em princípios articuláveis ao Bem-Viver, ainda que nem sempre de forma direta, especialmente no que se refere a críticas ao sistema predatório, capitalista e patriarcal, bem como ao modelo eurocêntrico de bem-estar. Entre esses movimentos, destacam-se o ecofeminismo, as correntes ecologistas, cooperativistas e marxistas, cujas práticas e epistemologias compartilham elementos consonantes com modos de vida historicamente presentes entre povos ancestrais.

Especificamente no que tange a relação do Bem-Viver a partir da contribuição das mulheres indígenas, há uma aproximação de leituras mais atuais e críticas dos feminismos, a partir do questionamento de marcos hegemônicos do movimento tradicional e ocidental, se aliando à defesa dos direitos coletivos dos povos indígenas na articulação com a luta contra a violência de gênero e as desigualdades estruturais enfrentadas pelas mulheres indígenas de diferentes regiões da América Latina (Hernández, 2017).

Para as mulheres indígenas, viver bem não se restringe ao acesso a direitos individuais, mas envolve harmonia com a comunidade, com a natureza, com a memória ancestral e consigo mesmas. Essa abordagem se articula a algumas correntes feministas, as quais incorporam dimensões coletivas, territoriais e espirituais historicamente invisibilizadas ou deslegitimadas por feminismos hegemônicos (Hernández, 2017). Sem idealizar culturas indígenas, nem transformar o Bem-Viver em um dogma feminista, é possível, nesta perspectiva, reconhecê-lo como mais uma ferramenta política e conceitual que desafia o projeto civilizatório capitalista,

colonial e patriarcal (Hernández, 2017).

No campo econômico, autores como Gudynas e Acosta pioneiramente analisaram o Bem-Viver como alternativa crítica ao desenvolvimento capitalista e ao modelo hegemônico dominante (Gudynas, 2011; Acosta, 2010). Brant e Arenhart (2025) contribuem ao articular o Bem-Viver e a Economia Solidária, evidenciando que esse referencial permite construir uma análise econômica crítica que questiona o desenvolvimento baseado no crescimento produtivo, extrativismo e acumulação de capital. A partir do diálogo com Amartya Sen, o desenvolvimento é ressignificado como processo orientado à ampliação de liberdades e capacidades, em que a economia deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser um meio para garantir condições de vida dignas (Brant; Arenhart, 2025).

Nesse sentido, Jorge Abrahão de Castro reforça que políticas sociais não constituem gasto improdutivo, mas elemento estratégico do desenvolvimento, capaz de dinamizar a economia ao ampliar acesso a direitos básicos como educação, saúde e renda (Castro, 2012). No contexto latino-americano, observam-se limites estruturais das economias extrativistas, voltadas à exportação de commodities e subordinadas a interesses do capital transnacional. Mesmo acompanhadas de políticas redistributivas, essas economias mantêm lógica de crescimento dependente, ambientalmente insustentável e socialmente conflitivo, caracterizando o chamado neoextrativismo (Hernández, 2025; Brant; Arenhart, 2025).

O Bem-Viver tensiona um deslocamento do foco da análise econômica dos indicadores tradicionais para a consideração dos custos sociais, territoriais e ecológicos do desenvolvimento, incluindo a crítica ao produtivismo, consumo ilimitado e globalização cultural. Essa perspectiva amplia a análise econômica ao incorporar dimensões culturais e simbólicas, propondo reorganizar produção, consumo e relação com a natureza a partir de princípios comunitários, solidários e biocêntricos (Brant; Arenhart, 2025). Além disso, enfatiza a superação da noção hegemônica de desenvolvimento, abrindo caminho para uma economia descolonial, territorial e relacional, pautada na reprodução ampliada da vida, soberania dos territórios e fortalecimento das economias locais e comunitárias. Essa abordagem visa uma integração da justiça social, sustentabilidade ecológica e pluralidade cultural, deslocando o eixo da organização econômica do mercado e do capital para a vida como princípio central (Brant; Arenhart, 2025; Acosta, 2018).

A proposta de reorientação estrutural da economia e do desenvolvimento, sob a perspectiva das sociedades ocidentais contemporâneas, pode ser compreendida como utópica ou distante das condições materiais e institucionais vigentes. A substituição do mercado e do capital como princípios organizadores por fundamentos comunitários e relacionais implica uma transformação profunda das estruturas produtivas, políticas e culturais que sustentam a ordem

vigente, o que desafia práticas sócio-econômicas, mas também valores que permeiam o imaginário moderno. Entretanto, considera-se que esse caráter disruptivo confere relevância política e teórica à proposta, pois em contextos de crises ecológicas, desigualdades estruturais, como o que vivemos, perspectivas que tensionam os limites do possível cumprem papel estratégico ao ampliar o horizonte do debate público e acadêmico. Assim, o Bem-Viver é compreendido como força crítica indispensável para impulsionar avanços sociais nos planos ecológico, econômico e desenvolvimentista, ao desafiar a naturalização do crescimento ilimitado e recolocar a reprodução da vida como finalidade central da organização social.

Diante da síntese sobre possíveis perspectivas para realizar apreensões sobre o Bem-Viver, desde a tradição indígena até as articulações sociais/estatistas, ecologistas e pós-desenvolvimentistas, ainda que sem a intenção de percorrer a completude dos aspectos que o envolve, torna-se relevante destacar a sua complexidade e aprofundar sobre as apreensões acadêmicas sobre o Bem Viver que serão discutidas a continuação.

1.2 Bases teóricas para apreensões acadêmicas sobre o Bem-Viver

Retomando a compreensão de que existem múltiplas formas de Bem-Viver no mundo, é fundamental reconhecer que vivemos atualmente em um sistema-mundo marcado pela violência estrutural e pela negação sistemática da vida. Em diferentes contextos, povos e comunidades seguem enfrentando processos de expropriação territorial, militarização, criminalização e morte, ao mesmo tempo em que constroem práticas de resistência baseadas na coletividade, na ancestralidade e na defesa da vida.

O contexto palestino constitui um exemplo emblemático dessa realidade. Submetido a bombardeios contínuos, ao cerco territorial e à restrição de acesso às condições mínimas de sobrevivência, o povo palestino segue afirmando sua existência por meio da resistência cotidiana e da preservação de seus saberes e práticas coletivas. Como expressa Mahmoud, em entrevista registrada por Babish, El-Hallaq e Simaan (2024), a insistência em viver e reconstruir-se, mesmo diante da destruição, revela uma força simbólica e espiritual que reafirma o valor da vida e da dignidade coletiva.

No território do Abya Yala, processos semelhantes podem ser observados. A luta do povo mapuche, no Chile, na Argentina, segue marcada por conflitos territoriais, perseguições históricas e violências sistemáticas contra lideranças indígenas, especialmente mulheres. Casos

como o de Julia Chuñil Catricura²⁹ evidenciam a persistência da violência estrutural e da impunidade diante das reivindicações territoriais indígenas, revelando a materialização da morte simbólica e física da diferença em contextos ainda atravessados pela colonialidade (Centro Ñuke Mapu, 2025). E o terricídio³⁰ que vem ocorrendo na atualidade, com as queimadas em territórios protegidos pelas comunidades mapuches, visando sua posterior venda a empresas estrangeiras (Millan, 2024),

No Equador, país onde o Bem-Viver (*Sumak Kawsay*) foi incorporado como princípio constitucional, tais contradições tornam-se ainda mais evidentes. Apesar do reconhecimento formal, práticas de repressão e criminalização da resistência indígena permanecem presentes, como demonstra o assassinato de Efraín Fuérez durante mobilizações comunitárias em Cotacachi (CONAIE, 2025). Esses episódios revelam a distância entre o ideal do Bem-Viver, fundamentado na harmonia, na justiça e na reciprocidade, e as ações estatais que violam direitos humanos e coletivos.

Como eixo transversal dessas experiências, evidencia-se que as múltiplas formas de violência descritas não se tratam de episódios isolados, mas expressões de uma mesma racionalidade estruturante: a exploração capitalista neoliberal, que subordina territórios, corpos e ecossistemas à lógica da acumulação. Seja por meio do extrativismo que reorganiza o espaço para a apropriação privada da natureza, seja pela militarização que administra populações “indesejáveis” e controla a circulação da vida, o que se observa é a produção sistemática de precariedade, deslocamento e morte como condição para a continuidade do modelo econômico.

Nessa chave de leitura, a situação da Palestina pode ser observada não como conflito localizado, mas também como parte de uma geopolítica de dominação, enquanto na América Latina, a criminalização de lideranças indígenas, o terricídio e a repressão estatal à mobilizações comunitárias, operam como dispositivos para remover obstáculos à expansão de fronteiras extrativas e ao avanço de interesses empresariais.

Por outro lado, em todos esses contextos, Palestina, Chile e Equador, observa-se que, mesmo diante da opressão, povos e comunidades mantêm vivos a dignidade, os saberes ancestrais e a defesa da vida em suas múltiplas formas de existência. Essas experiências contemporâneas reafirmam o Bem-Viver não apenas como herança ancestral, mas como horizonte ético, político e epistemológico de resistência frente às lógicas de morte que estruturam o mundo moderno-colonial.

²⁹ Mulher Mapuche de 72 anos desaparecida. Foi defensora da terra, lutou pelos direitos territoriais dos Mapuche e praticou métodos ancestrais de cultivo e técnicas medicinais. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2025/apr/07/what-happened-to-julia-chunil-missing-land-defender-chile> (04/2025)

³⁰ Terricídio: é um termo desenvolvido por Moira Millán, mulher mapuche, ativista e escritora, que sintetiza a forma de destruição da vida em todas as suas dimensões.

Diante dos cenários contemporâneos, tanto de violência estrutural, como de resistência coletiva, torna-se evidente que o Bem-Viver não pode ser compreendido apenas como uma herança cultural ou um ideal normativo abstrato, mas como um horizonte ético, político e epistemológico construído a partir de experiências históricas concretas de defesa da vida. As lutas aqui mencionadas revelam que os saberes ancestrais não pertencem ao passado, mas seguem sendo mobilizados no presente como respostas vivas às lógicas de morte que estruturam o sistema moderno-colonial.

No contexto geopolítico contemporâneo, o recrudescimento de conflitos internacionais e regionais evidencia a persistência de uma racionalidade que, conforme assinala Quijano (2000), articula poder, saber e dominação em escala global. As recentes ações e discursos promovidos por Donald Trump, por exemplo, não configuram uma ruptura, mas antes a reativação de dispositivos históricos do imperialismo estadunidense, sustentados por marcos jurídicos preexistentes que legitimam a exclusão, as sanções econômicas e a restrição de direitos em nome da segurança e do interesse nacional. Tal lógica pode ser associada ao que Mbembe (2011) denominou como necropolítica, na medida em que determinadas populações e territórios, particularmente os povos historicamente racializados e subalternizados, são expostos a condições de precarização extrema, espoliação e violência estrutural. Nesse cenário, o Bem-Viver encontra-se crescentemente ameaçado, uma vez que propõe uma ontologia relacional e uma ética da vida incompatíveis com o modelo civilizatório capitalista, extrativista e securitário, conforme analisado por Harvey (2004). Assim, as lutas do povo palestino, as mobilizações sociais no Equador e a resistência do povo mapuche devem ser compreendidas como expressões situadas de uma disputa mais ampla em defesa da vida, do território e da autodeterminação frente a uma ordem mundial que continua a reproduzir a colonialidade do poder.

É nesse sentido que este trabalho assume o Bem-Viver não como um conceito homogêneo ou universalizante, mas como um campo plural de saberes, práticas e cosmopolíticas indígenas. Entre essas múltiplas expressões, o *Sumak Kawsay*, formulado a partir das experiências dos povos kichwa da Amazônia equatoriana, ocupa um lugar central neste estudo, tanto por sua densidade conceitual quanto por sua trajetória de sistematização no âmbito político, comunitário e acadêmico.

Assim, a escolha de aprofundar o *Sumak Kawsay* não se dá por sua suposta centralidade em relação a outras cosmovivências indígenas, mas por seu potencial analítico enquanto referencial situado, capaz de iluminar modos de compreender a vida, o território e as relações humanas. A partir dessa perspectiva, o *Sumak Kawsay* será abordado, neste trabalho, como uma filosofia de vida em permanente construção, enraizada nas práticas cotidianas, na organização

comunitária e na relação integral entre sociedade, natureza e espiritualidade.

Ao aprofundar o Bem-Viver a partir do território equatoriano, toma-se como referência central o conceito conforme formulado por Carlos Viteri (2003) a partir da experiência do povo kichwa da Amazônia, especificamente da comunidade Sarayakuruna, localizada na província de Pastaza. Para o autor, o *Sumak Kawsay* expressa um ideal de vida em plenitude, construído coletivamente e enraizado nas práticas cotidianas, nos saberes ancestrais e nas relações de reciprocidade que organizam a vida comunitária.

Segundo Viteri (2003), as ações humanas que promovem o *Sumak Kawsay* fundamentam-se em conhecimentos e códigos éticos e espirituais que orientam a relação com as demais formas de vida da floresta-cosmos. Esses códigos são sustentados por valores como solidariedade, reciprocidade, equidade e visão de futuro, configurando uma filosofia de vida baseada em um sistema integrado de relações sociais, políticas, econômicas, ambientais e espirituais. Nessa perspectiva, o *Sumak Kawsay* não se apresenta como um estado fixo ou acabado, mas como um processo em permanente construção, continuamente atualizado nas práticas e decisões coletivas da comunidade.

Viteri (2002) destaca que o *Sumak Kawsay* se materializa no cotidiano dos Sarayakuruna por meio de ações concretas que fortalecem a vida comunitária e a relação equilibrada com o território. Entre essas práticas, sobressai a organização da *chakra*, espaço agrícola que articula produção de alimentos, transmissão de saberes, espiritualidade, cuidado com a natureza e fortalecimento dos vínculos comunitários. A *chakra* não se reduz a um espaço produtivo no sentido econômico, mas constitui um lugar de aprendizagem intergeracional, onde se exercitam valores como a complementaridade, a cooperação e a reciprocidade entre seres humanos e não humanos.

Nesse sentido, a relação com a *chakra* expressa uma concepção de subsistência que se distancia das lógicas desenvolvimentistas e extrativistas, ao priorizar o equilíbrio entre as necessidades materiais, espirituais e coletivas da comunidade. A agricultura, a caça, a pesca e a coleta não são concebidas como atividades isoladas, mas como práticas integradas a um sistema mais amplo de relações com a *sacha* (floresta), o *yaku* (rios) e os ciclos da vida. Assim, o bem-estar não é medido pela acumulação de bens, mas pela capacidade de manter relações harmônicas com o território, com a comunidade e com o cosmos.

Dessa forma, o *Sumak Kawsay*, tal como formulado por Viteri (2002), relaciona o Bem-Viver à construção das práticas cotidianas e a gestão coletiva do território, oferecendo elementos fundamentais para pensar alternativas aos modelos hegemônicos de desenvolvimento, sem dissociar teoria e vida vivida.

Para maior compreensão acerca do surgimento do *Sumak Kawsay* enquanto alternativa

ao desenvolvimento, recorre-se à pesquisa realizada por Hidalgo-Capitán e Cubillo-Guevara (2021), intitulada *El nacimiento del Sumak Kawsay como alternativa al desarrollo en el marco del Plan Amazanga de la OPIP (Ecuador, 1992)*. No estudo, os autores analisam o contexto sociopolítico no qual o conceito emerge, a partir de um levantamento de fontes primárias e secundárias relevantes para a compreensão de sua origem e formulação inicial.

Apresentam que o *Sumak Kawsay* surge em 1992, na província de Pastaza, como um modelo de subsistência de caráter eminentemente idiossincrático, integrado ao Plano Amazanga da Organización de los Pueblos Indígenas de Pastaza (OPIP). A OPIP foi uma organização indígena da Amazônia equatoriana, majoritariamente composta pelo povo kichwa de Pastaza, ativa entre 1981 e 2011, com origens que remontam a 1974. Sua atuação esteve fortemente vinculada à luta e à defesa do território frente à intensificação do extrativismo petrolífero na Amazônia equatoriana, marcada pela expansão das concessões de hidrocarbonetos, pela presença de consórcios transnacionais e pelo aprofundamento dos conflitos socioambientais nos territórios indígenas (Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021).

Nesse cenário, os povos amazônicos organizados na OPIP enfrentaram processos de contaminação ambiental, fragmentação territorial e negação sistemática de seus direitos coletivos. A organização destacou-se por sua atuação política e territorial, especialmente durante a Marcha de 1992, conhecida como *Marcha Allpamanta, Kawsaymanta, Jatarishun!*, “Marcha Pela Terra, Pela Vida, Levantemo-nos!”, originalmente denominada *Marcha por la Legalización de los Territorios y la Defensa de la Vida de los Pueblos Quichua, Achuar y Shiwiar* (Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021, p. 257).

Como resultado dessa mobilização, foram legalizados 1.115.574 hectares de territórios indígenas na província de Pastaza, além da elaboração do Plano Amazanga, no qual se formulou o *Sumak Kawsay* como alternativa ao desenvolvimento. Para a construção desse plano, foi constituída uma equipe composta por dirigentes da OPIP, representantes das comunidades, técnicos mestiços e, majoritariamente, população indígena, com o objetivo de elaborar uma proposta capaz de garantir a permanência e a vida no território diante das formas devastadoras de desenvolvimento que avançavam sobre a região (Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021).

Nesse processo, destaca-se o papel central dos *taytas* e *yachak* de diferentes comunidades, entre eles Sabino Gualinga, *yachak* de Sarayaku, que atuaram como intelectuais tradicionais. Esses atores desempenharam um papel fundamental na definição dos principais conceitos ancestrais incorporados ao Plano Amazanga, sendo responsáveis pela primeira formulação do *Sumak Kawsay* como um modelo de bem-estar baseado na subsistência. Tal modelo se ancora no viver bem a partir da agricultura nas *chakras* (hortas), da caça nos *purun*

(terras em pousio) e na *sacha* (floresta), da pesca nos *yaku* (rios e lagoas), bem como da coleta de plantas destinadas à medicina ancestral e à produção artesanal. Além disso, enfatiza-se a centralidade da relação harmônica entre o *runa* (ser humano) e a *sacha* (natureza) (Cerdeira, comunicação pessoal, 2019 *apud* Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021).

O Plano Amazanga é considerado o primeiro plano de vida da OPIP e tornou-se uma referência para a elaboração de planos de vida posteriores por outras associações e organizações amazônicas. Entende-se por plano de vida uma estratégia de longo prazo, fundamentada em princípios epistemológicos, filosóficos e históricos próprios de um povo ou organização indígena, voltada ao fortalecimento institucional, à preservação cultural em diálogo intercultural, à gestão integral do território e à satisfação das necessidades materiais e imateriais de seus membros (Grijalva, 2015, p. 65–66 *apud* Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2021).

Durante a elaboração do Plano Amazanga, a reflexão central recaiu na crítica ao modelo de desenvolvimento. O processo foi orientado por uma oposição explícita ao desenvolvimento capitalista promovido pelo Estado equatoriano, por colonos e por empresas estrangeiras, bem como por uma problematização do conceito de desenvolvimento sustentável, considerado incompatível com a visão indígena por objetificar a natureza, compreendida como espaço de vida. Diante disso, as comunidades indígenas de Pastaza reconheceram que seus saberes ancestrais ofereciam maiores garantias de segurança alimentar e sustentabilidade, ao permitir o uso integral e equilibrado dos recursos da *sacha*.

Nesse contexto, passou-se a formular, a partir da própria identidade indígena e do *sacha runa yachay* (conhecimento dos povos da floresta), um modelo alternativo de bem-estar denominado *Sumak Kawsay*, baseado na gestão dos ecossistemas e no uso responsável dos recursos naturais nos territórios indígenas. O Plano Amazanga emerge, assim, como uma resposta política e estratégica às lógicas desenvolvimentistas do Estado e do mercado, articulando a defesa do território, a autodeterminação e a valorização dos saberes ancestrais.

A incorporação do *Sumak Kawsay* nesse plano expressa uma crítica indígena ao modelo extrativista e projeta um horizonte alternativo de bem-estar, fundamentado na subsistência, na vida comunitária e na relação integral entre sociedade, natureza e espiritualidade.

Ao mesmo tempo, propõe-se articular essa aproximação com o movimento indigenista, compreendendo-o como um espaço político e social fundamental para sustentar, atualizar e disputar o sentido do Bem-Viver nas lutas contemporâneas. Para estabelecer essa primeira ponte entre o âmbito ancestral indígena e o campo indigenista, torna-se necessário destacar alguns acontecimentos históricos e sociopolíticos que possibilitaram esse percurso.

Entre esses acontecimentos, aponta-se os processos de resistência e reorganização

política que emergiram frente às múltiplas formas de colonização impostas ao longo dos séculos. A invasão dos territórios, a imposição de fronteiras nacionais e o avanço de modelos econômicos extrativistas desestruturaram modos de vida comunitários, desencadeando novas formas de articulação política e de reivindicação coletiva por parte dos povos originários (Acosta, 2013; Baniwa, 2020).

Nesse contexto, o movimento indigenista se coloca como uma resposta política e cultural, orientada à luta pelo reconhecimento dos direitos territoriais, culturais e espirituais dos povos indígenas. Ainda que o termo “indigenismo” tenha sido, em determinados momentos históricos, apropriado por estruturas estatais e organismos internacionais, ele também foi ressignificado pelos próprios povos indígenas, que o transformaram em uma ferramenta de luta, denúncia e diálogo intercultural. Assim, o indigenismo não se apresenta como um campo homogêneo, mas como um espaço de disputas, tensões e reapropriações políticas.

Compreender esse percurso implica reconhecer que o Bem-Viver amplia os limites de ser uma filosofia ancestral, e se configura também como um projeto político que se renova continuamente nas práticas comunitárias e em suas articulações com outros movimentos sociais (Mamani, 2010, p. 13).

Nesse sentido, é possível identificar como o Bem-Viver foi progressivamente incorporado em perspectivas ocidentais, especialmente no campo das políticas públicas, como já mencionado. Entretanto, diferentes autores alertam para os riscos de esvaziamento conceitual do Bem-Viver quando incorporado de forma acrítica pelo Estado. Para Silvia Rivera Cusicanqui (2013), o *Sumaq Qamaña* (expressão ancestral em língua Aymara) emerge das *lijuas*, formas ritualizadas do discurso que expressam princípios comunitários de convivência. Segundo a autora, o enunciado *Sumaq qamaña, jakampalanha jaqam sanaganha* pode ser traduzido como: “viver bem significa falar como gente e caminhar como gente”. Essa expressão remete a uma ética relacional que envolve três dimensões fundamentais: escutar antes de falar; dizer apenas aquilo que se conhece; e sustentar as palavras com as ações.

Esses princípios constituem o sentido profundo de *jaqampalanha*, entendido como a coerência entre ser, dizer e fazer no viver comunitário (Rivera Cusicanqui; Santos, 2013). A autora adverte que, de modo geral, persiste um uso fetichizado desses termos, frequentemente desvinculado de sua origem, de sua prática cotidiana e de sua densidade ética. Enquanto aqueles que vivenciam o *Suma Qamaña* em seus territórios compreendem seu alcance real, outros o reproduzem como discurso vazio, desprovido de experiência vivida.

Rivera Cusicanqui (2013) observa ainda que, ao incorporar esses conceitos às políticas públicas, costuma-se operar uma apropriação parcial e superficial de seus significados, convertendo-os em emblemas decorativos da interculturalidade. Nesses casos, o Estado se

apresenta como pluricultural ou plurinacional, mas utiliza apenas fragmentos de um saber que não reconhece em sua totalidade. Dessa forma, o *Sumaq Qamaña* é reduzido a um símbolo institucional, perdendo seu sentido original como prática de vida, reciprocidade e harmonia comunitária. A autora enfatiza, portanto, a necessidade de uma descolonização efetiva, expressa nas práticas cotidianas, na linguagem e nas formas de organização coletiva.

Nessa mesma direção, ao abordar a concepção aymara de *Suma Qamaña*, traduzida como “viver bem” ou “viver em plenitude”, reconhece-se que ela expressa uma filosofia baseada na harmonia interior e na convivência equilibrada com todas as formas de existência. Tal princípio compreende o bem-estar individual (*sumaqaña*) como condição para a harmonia coletiva e cósmica, estabelecendo uma relação de equilíbrio com a Mãe Terra, o cosmos e a comunidade. O Viver-Bem rejeita modelos de decisão baseados na imposição da maioria sobre a minoria, propondo o consenso como prática política coerente com a convivência harmônica (Mamani, 2013).

Embora o Bem-Viver tenha sido inicialmente interpretado, no debate acadêmico, como uma concepção própria das comunidades andino-amazônicas, é fundamental destacar que ele não se limita a essa perspectiva. No Brasil, por exemplo, o povo Baniwa, localizado no Amazonas, vem refletindo criticamente sobre o significado do Bem-Viver e do Viver-Bem a partir de sua própria realidade enquanto povo indígena organizado. André Fernando Baniwa (2020) relata que esse processo exigiu um movimento coletivo de escuta, reflexão e sistematização dos saberes ancestrais.

Esse percurso iniciou-se com a escuta dos anciãos, considerados guardiões da memória e da cosmovivência Baniwa, buscando compreender como o Bem-Viver sempre esteve presente em suas práticas, ainda que nem sempre nomeado dessa forma pelas gerações mais jovens. A partir disso, foram realizados encontros comunitários que culminaram na I Conferência Baniwa sobre Educação e Organização Social, em 2016. O processo envolveu lideranças territoriais, estudantes universitários e pesquisadores indígenas, resultando na construção coletiva de uma linha do tempo integrada, que articulou a história ancestral, os registros históricos recentes e os processos contemporâneos de organização política do povo Baniwa (Baniwa, 2020).

Essas experiências evidenciam que o Bem-Viver não se configura como um conceito fechado ou importado, sendo que os esforços de articulação coletiva entre povos indígenas permitem seguir recriando caminhos próprios para a defesa da vida, da terra e da dignidade.

Outro referencial central para a compreensão do Bem-Viver no contexto equatoriano é Alberto Acosta, que destaca o *Sumak Kawsay* como um paradigma político-constitucional capaz de questionar a racionalidade econômica dominante. Para o autor, o Bem-Viver

representa uma oportunidade de construção coletiva de uma nova forma de vida, herdeira dos ensinamentos dos povos que historicamente viveram em harmonia com a natureza. Acosta (2016) argumenta que o Bem-Viver constitui uma ruptura com a noção tradicional de desenvolvimento, ao problematizar suas bases teóricas e denunciar a teleologia excludente que marcou esse conceito ao longo da história.

Segundo o autor, a promessa do desenvolvimento jamais foi plenamente alcançada pela maioria da humanidade e, mesmo nos países considerados desenvolvidos, observam-se sinais evidentes de mau desenvolvimento, expressos no aprofundamento das desigualdades sociais, ambientais e econômicas. Nesse sentido, o Bem-Viver propõe uma visão plural, diversa e relacional de convivência, fundada na harmonia entre seres humanos e natureza, e não na acumulação material ou no progresso linear (Acosta, 2016).

Em diálogo com essas perspectivas, Ailton Krenak (2019; 2020) amplia a reflexão a partir do povo Krenak ao questionar a ideia de humanidade dissociada da Terra. Para o autor, “adiar o fim do mundo” significa reencantar a existência, restaurar o sentido de pertencimento à comunidade da vida e reconhecer que não há separação ontológica entre humanos e natureza. Krenak denuncia que os discursos sobre o fim do mundo frequentemente operam como mecanismos de esvaziamento dos sonhos e da imaginação política, ao passo que os povos originários seguem insistindo na continuidade da vida por meio de outras formas de existir e se relacionar com o planeta.

Como afirma Krenak (2020, p. 27), “pregam o fim do mundo como uma possibilidade de nos fazer desistir dos nossos próprios sonhos”. Em contraposição a essa lógica, este trabalho recusa a desistência e reafirma o compromisso com a construção de outros mundos possíveis. Assumir o Bem-Viver como referencial teórico e epistemológico implica, portanto, apostar por uma perspectiva decolonial que reconheça os territórios, os corpos e as práticas cotidianas como espaços legítimos de produção de conhecimento. Desta forma, o Bem-Viver não se apresenta apenas como objeto de estudo, mas como princípio orientador para pensar práticas de cuidado, coletivas, de vida e de cotidianos, em chave territorial, e em diálogo com os desafios contemporâneos dos nossos territórios.

Uma vez aprofundada a historicidade do Bem-Viver e as correntes que operam como caminhos suleadores nesta investigação, emerge a necessidade de situar, política e geograficamente, os territórios, povos e cosmovivências da América Latina. Nesse contexto, opta-se pelo termo *Abya Yala* para referir-se ao território habitado por povos indígenas em suas experiências de Bem-Viveres. Esta escolha, para além de sinalizar uma visão própria sobre a continentalidade e a ancestralidade, permite situar os debates em um marco epistemológico decolonial. A seção seguinte dedica-se, portanto, a apresentar os fundamentos que orientam a

opção terminológica por Abya Yala, considerando suas implicações político-culturais e acadêmicas.

1.3 Abya Yala: apontamentos sobre uma escolha terminológica

Reconhecer as culturas historicamente incorporadas em nossos territórios constitui um passo fundamental para refletir sobre o reconhecimento territorial e epistemológico, a partir da nomeação de Abya Yala. A adoção desse termo propõe uma alternativa crítica às denominações *América* e *América Latina*, atribuídas historicamente pelos colonizadores europeus. Compreende-se que essas designações, limitadas a critérios linguísticos vinculados ao francês, espanhol e português, não contemplam a pluralidade de povos, línguas e saberes presentes no continente (Walsh, 2009).

Como observa Funes (2006):

definir a América Latina como o espaço onde se falam as línguas românicas, exclui amplas populações originárias, nas quais o uso e a reprodução de suas línguas é um fenômeno vivo, embora sempre ameaçado (Funes, 2006, p. 258).

Autores como Rivera (2000) e Baniwa (2020) salientam que nomear a América Latina apenas pela língua do colonizador seria insuficiente para a produção de políticas libertadoras e para a valorização das heranças pré-colombianas.

Neste contexto, o termo *Abya Yala* foi proposto em 1975 por Constantino Lima Chávez, líder aimará conhecido como Takir Mamani, durante a Primeira Conferência Internacional dos Povos Indígenas. Inspirado pelo povo Kuna do Panamá, Mamani adotou o vocábulo que significa “terra em plena maturidade”, buscando substituir o nome proposto pelos colonizadores europeus e reafirmar uma identidade continental própria (Bueno, 1989). Líderes indígenas bolivianos, como Takir Mamani e Fausto Reinaga, vinculados ao Movimento Indígena Tupak Katari, difundiram o nome aprendido com o povo Kuna em 1977, reafirmando-o como símbolo de resistência e unidade continental (Bueno, 1989).

A expressão ganhou maior visibilidade em 1992, com o marco dos 500 anos do início do processo de invasão e exploração das terras do Sul do território do Abya Yala. Nesse cenário, Rigoberta Menchú, em seu discurso de recepção do Prêmio Nobel da Paz, destacou:

Num momento de ressonância mundial em torno da comemoração do V Centenário da chegada de Cristóvão Colombo às terras americanas, o despertar dos povos indígenas oprimidos nos exige reafirmar ante o mundo nossa existência e a validade de nossa continuidade cultural” (Menchú, 1992, s/p).

A consolidação institucional ocorreu em 2004, durante a II Cúpula Continental dos

Povos e Nacionalidades Indígenas del Abya Yala (Bonilla, 2004), que reuniu delegações de países como Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Chile, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela e Suriname, evidenciando a diversidade cultural e linguística do continente. Considera-se, neste trabalho, Abya Yala como a totalidade dos territórios que se reconhecem como América: América do Norte, Central e do Sul, reafirmando sua dimensão continental e plural.

Para além de sua dimensão política contemporânea, Abya Yala possui um profundo significado cosmológico. Conforme explica Wagua (2011),

Abiyala: nome dado pelos gunas³¹ ao continente americano. A cultura guna sustenta que, até hoje, transcorreram quatro etapas históricas na evolução da Terra como mãe. A cada etapa corresponde um nome diferente do continente: Gwalagunyala, Dagargunyala, Yaladinguyala e Abiyala. O último nome é definido como “território salvo, preferido, amado por Baba e Nana (yala abonosadi)” e, em sentido mais amplo, também significa “terra madura, terra de sangue” (Wagua, 2011, p. 315. *tradução nossa*).

A imagem apresentada no texto original ilustra a criação do mundo segundo o povo Guna, integrando os relatos transmitidos oralmente de geração em geração.

Figura 1 - Relato sobre a criação do mundo segundo o povo de Gunayala.



Fonte: Livro de *Aiban Wagua, intitulado Em defesa da vida e de sua harmonia* (2011, p. 13)

³¹ Povo ancestral indígena Guna (ou Kuna), localizado entre a Colômbia e o Panamá, mais especificamente em Gunayala. Comarca estabelecida pela Lei nº 16, de 19 de fevereiro de 1953, como Comarca de San Blas. Por decisão dos Congressos Gerais Guna, ocorreu a mudança de nome para Kuna Yala, território guna, ratificada posteriormente pela Lei nº 99, de 23 de dezembro de 1998 (Wagua, 2011, p 321).

A diversidade linguística do continente, composta por cerca de quinhentas línguas originárias, como Quechua, Kiwcha, Guarani, Aymara, Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal, entre muitas outras, reforça a inadequação de classificações baseadas exclusivamente nas línguas coloniais.

A defesa e resistência dos povos indígenas têm se consolidado por meio de espaços como o Foro Indígena do Abya Yala, voltado à proteção dos direitos coletivos, autodeterminação e promoção do Bem-Viver. O Foro reúne organizações como: Aliança de Mulheres Indígenas da América Central e do México (2004); Enlace Continental de Mulheres Indígenas das Américas (ECMIA, 1993); Rede de Mulheres Indígenas sobre Biodiversidade da América Latina e do Caribe (RMIBLAC, 1998); Conselho Indígena da Mesoamérica (CIMA); Conselho Indígena da América Central (CICA, 1995); Coordenadora de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA, 1984); Coordenadora Andina de Organizações Indígenas (CAOI, 2006). Essas redes se articulam em prol da diversidade, cooperação e resistência, promovendo a defesa do território, direitos coletivos, equidade de gênero, sustentabilidade ambiental e autodeterminação.

O termo Abya Yala consolidou-se como símbolo político e cultural de descolonização, sendo amplamente utilizado por teólogos, filósofos e organizações indígenas para afirmar a pluralidade cultural e resistir à hegemonia ocidental. Diferentemente da ancestralidade dos povos que o sustentam, o termo tornou-se uma categoria identitária e emancipatória, articulando memória histórica e pensamento originário (Del Popolo, 2017).

O termo Abya Yala consolidou-se, assim, como símbolo político e cultural de descolonização, amplamente utilizado por intelectuais e movimentos indígenas para afirmar a pluralidade cultural e resistir à hegemonia ocidental. Como adverte Silvia Rivera Cusicanqui (2010, p. 6), “há no colonialismo uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, mas encobrem”.

A escolha das palavras, portanto, não é neutra; carrega implicações políticas, epistemológicas e históricas. Ao nomear o continente a partir de uma perspectiva indígena, constrói-se uma identidade política continental fundamentada na pluralidade cultural e na resistência ao extrativismo, ao racismo estrutural e à colonialidade.

Para esta pesquisa, a adoção do termo Abya Yala fortalece a noção de território como espaço de vida, memória e espiritualidade, e como categoria política de articulação continental. Compreende-se, nesse sentido, que as elaborações contemporâneas em torno do Bem-Viver se nutrem da valorização de saberes historicamente silenciados. É a partir dessa perspectiva que este trabalho busca ressignificar epistemes oriundas de povos ancestrais, compreendendo-se que o uso da denominação, seja por sujeitos indígenas ou não, indica apoio às lutas pelo

reconhecimento e efetivação dos direitos dos povos originários, valorizando identidades ancestrais e respeitando suas raízes milenares (Mamani, 2010).

1.4 Primeiras aproximações entre o Bem-Viver e a terapia ocupacional

A terapia ocupacional é uma área que desenvolve conhecimentos e práticas apoiadas em um amplo arcabouço conceitual, em permanente transformação, diretamente relacionado aos seus lugares de enunciação e às formas pelas quais a profissão foi e é historicamente construída.

Neste marco, Malfitano, Lopes e Borba, em uma publicação de 2023, contribuem ao apresentar termos e significados atribuídos ao campo, analisando definições a partir da articulação entre duas dimensões centrais: o *lócus*³² e a finalidade da ação profissional.

Neste referido estudo, as autoras analisam quatro referenciais para o *lócus* de ação, à saber: atividade humana, ocupação, cotidiano e modos de vida. A análise apresentada é crítica e historicamente situada, evidenciando que o *lócus* de ação não pode ser compreendido a partir de um único conceito nem de uma perspectiva descontextualizada. Ao discutir esses referenciais, demonstram como algumas subáreas da terapia ocupacional no Brasil construíram seus marcos teóricos em diálogo com as ciências humanas e sociais, tensionando heranças biomédicas e anglo-saxônicas da profissão, realidade compartilhada por diversos outros territórios (Malfitano et al., 2023).

Esse percurso histórico-conceitual indica que tais deslocamentos não são apenas terminológicos, eles expressam disputas epistemológicas e políticas em torno do sentido da ação profissional, das relações entre sujeito e sociedade e do reconhecimento das desigualdades estruturais. Nesse cenário, a incorporação dos conceitos de cotidiano e modos de vida, por exemplo, reforça uma perspectiva crítica que articula dimensões micro e macrosociais, reconhecendo os sujeitos em seus contextos históricos, culturais e socioeconômicos, o que aponta para a necessidade de ampliar os referenciais da terapia ocupacional (Malfitano et al., 2023).

Como mencionado anteriormente, além de discutir o *lócus* da ação, Malfitano et al. (2023) também reúnem conceitos relacionados à finalidade do trabalho, destacando: engajamento ocupacional, inserção/inclusão social, emancipação/autonomia e participação social. Tal análise problematiza a centralidade de abordagens biomédicas individualizantes, historicamente centradas na funcionalidade e no desempenho motor, defendendo que a finalidade da profissão deve ser compreendida em articulação com sua função social e com os

³² *Lócus*, palavra latina que significa lugar, posição ou local, é aqui utilizada para expressar o “espaço de trabalho”, caracterizando aquilo que é operacionalizado por terapeutas ocupacionais para alcançar as finalidades de sua ação profissional (Malfitano et al., 2023., p 108).

contextos institucionais, territoriais e sociopolíticos em que se insere (Malfitano et al., 2023).

As bases teórico metodológicas que informam o *locus* e a finalidade carregam características das lógicas nas quais estão inseridas, e as tensões que revelam, permitindo avançar para uma questão mais ampla: quais elementos transversalizam e conectam as múltiplas terapias ocupacionais, apesar de suas diferenças conceituais, territoriais e políticas? O debate desenvolvido pelas autoras convida a essa reflexão sem propor homogeneização dos discursos nem uma nova classificação do saber-fazer profissional. Ainda assim, a partir das elaborações que apresentam, torna-se possível identificar aproximações entre determinadas práticas de terapia ocupacional, especialmente aquelas críticas e comprometidas com populações e contextos. Neste ponto, identifica-se aquelas mais alinhadas a elementos característicos do Bem-Viver, particularmente quando os referenciais utilizados deslocam a ação profissional para o campo da vida social, enfatizando o enfrentamento das desigualdades estruturais e a promoção de processos de justiça social.

Nessa direção, ao reconhecer a existência de múltiplas terapias ocupacionais, observa-se que a atuação profissional se diferencia conforme os territórios, os contextos sociopolíticos e as demandas locais. Embora frequentemente associada ao campo da saúde, a terapia ocupacional atua também em áreas como educação, trabalho, justiça, assistência social e cultura, abrangendo intervenções individuais, coletivas e comunitárias (Malfitano et al., 2023). Assim, a pluralidade de campos de atuação se articula à pluralidade de perspectivas teóricas e políticas que compõem a Terapia Ocupacional contemporânea.

Nesse sentido, essa diversidade estabelece interlocuções com a Terapia Ocupacional Social, as Terapias Ocupacionais do Sul e as perspectivas críticas, comunitárias, emancipatórias, andinas e decoloniais. Tais diálogos fundamentam-se em referenciais de autores como Roseli Esquerdo Lopes, Ana Paula Serrata Malfitano, Sandra Galheigo, Alejandro Guajardo, Frank Kronenberg, Lida Otilia Pérez, Monica Palacios e Mónica Leiva-Díaz, entre outros. Embora a profissão tenha emergido em contextos anglo-saxões, seus paradigmas têm sido tensionados e ressignificados pelas realidades latino-americanas. Destacam-se as terapeutas ocupacionais brasileiras que, ao produzirem a partir de seus territórios, desenvolvem práticas críticas e sociais que repercutem em outros contextos. Ao reconhecer os corpos-territórios e conceitos como Abya Yala e Bem Viver, a profissão alcança novas perspectivas e abrangências teóricas

Como aponta Leiva-Díaz (2018), aquilo que antes se apresentava como histórias silenciadas converteu-se em um paradigma que conecta pensamentos e práticas de terapeutas ocupacionais, promovendo o diálogo com saberes locais e a circulação de outras terapias ocupacionais. Em convergência, Guajardo (2016) destaca que o valor das “Terapias

Ocupacionais desde o Sul” reside na possibilidade de fomentar práticas comprometidas com o sentido do público, a deliberação cidadã e a vida digna, sustentadas em uma ética orientada pelos direitos humanos.

Ao mesmo tempo, esse debate ganha maior densidade quando se observa que definições promulgadas por organismos internacionais, como a AOTA e a WFOT, embora amplamente difundidas e incorporadas aos currículos formativos e às práticas profissionais, carregam marcas epistemológicas do Norte Global que nem sempre dialogam ou respondem às realidades territoriais, históricas e sociopolíticas do Sul Global (Farias, 2022; Guajardo, 2017; Monzelli et al., 2019; Valderrama, 2019). É nesse campo de tensionamentos que a Terapia Ocupacional Social brasileira se constitui como vertente crítica da profissão, ao problematizar referenciais hegemônicos e possibilitar a construção de práticas e fundamentos teóricos situados.

Diante disso, torna-se relevante ampliar o acesso e o diálogo com outras perspectivas teórico-políticas mais próximas das realidades do Abya Yala. Assim, este estudo propõe identificar e analisar aproximações possíveis entre a terapia ocupacional e o Bem-Viver, compreendendo-o como um referencial capaz de tensionar, ampliar e ressignificar o exercício profissional em consonância com contextos territoriais, coletivos e comunitários.

Importa destacar que trazer o debate sobre o Bem-Viver para esta pesquisa não implica restringi-lo à atuação da terapia ocupacional junto aos povos originários, ainda que esse movimento seja reconhecido como fundamental. Compreende-se que o Bem-Viver, enquanto horizonte ético, político e epistemológico, oferece contribuições que podem dialogar com o conjunto da profissão, atravessando diferentes campos de prática, territórios e populações. Sua incorporação não se limita à dimensão identitária ou cultural específica, mas pode tensionar concepções de saúde, participação, cotidiano, território e justiça social em múltiplos contextos de atuação profissional.

Assim, ao buscar compreender como terapeutas ocupacionais se referem ao Bem-Viver, este estudo pretende analisar em que medida tais formulações configuram articulações, inovações ou mesmo reafirmações de princípios já presentes na terapia ocupacional, especialmente nas produções críticas situadas no Sul Global, contribuindo para ampliar o debate sobre os fundamentos e os sentidos do exercício profissional.

Por fim, parte-se de um posicionamento que recusa a neutralidade técnica e assume a atuação profissional em contextos conflitivos e críticos. Assume-se, portanto, um lugar comunitário, ético e plural, orientado por valores de solidariedade, reciprocidade e justiça social, em oposição a perspectivas instrumentais e acrílicas da profissão (Guajardo, 2024).

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e compreender a perspectiva de terapeutas ocupacionais sobre o Bem-Viver.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a produção de literatura que contempla o Bem-Viver e a terapia ocupacional;
- Compreender como terapeutas ocupacionais mencionam o Bem-Viver em suas produções acadêmicas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Desenho do estudo

Para alcançar os objetivos do presente estudo, delineou-se um desenho metodológico estruturado em dois eixos complementares: a) levantamento e análise de literatura e b) realização de entrevistas semiestruturadas com terapeutas ocupacionais que utilizaram o conceito de Bem-Viver em suas produções.

No que se refere ao primeiro eixo, realizou-se um levantamento de literatura com o objetivo de analisar como o termo Bem-Viver tem sido apropriado pela terapia ocupacional, buscando identificar aproximações conceituais, marcos teóricos e interpretações recorrentes na produção acadêmica. Diferentemente de uma revisão sistemática voltada predominantemente à síntese e avaliação comparativa de resultados, esta revisão se inspirou em um levantamento de caráter conceitual, dedicando-se à compreensão dos processos epistemológicos nos quais o conceito foi mencionado, reinterpretado e situado no interior da área (Hicks, 2016; Bianchi; Malfitano, 2020). Assim, o foco da análise concentrou-se menos na mensuração de evidências e mais na identificação de matrizes teóricas, deslocamentos semânticos e disputas de sentido presentes na literatura.

Essa etapa buscou rastrear produções em terapia ocupacional que articulam o Bem-Viver a diferentes campos de atuação, criando um campo de diálogo com autoras e autores que operam essa aproximação em seus trabalhos. O levantamento permitiu mapear tendências, convergências e lacunas, contribuindo para a construção do referencial analítico do estudo.

De forma articulada à revisão de literatura, o segundo eixo metodológico consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, compreendidas como instrumento privilegiado para acessar interpretações, posicionamentos e experiências de profissionais que fazem algum diálogo com o Bem-Viver. A entrevista semiestruturada possibilita aprofundar sentidos atribuídos ao conceito, bem como explorar articulações entre fundamentos teóricos e práticas profissionais, preservando abertura para emergências discursivas e narrativas situadas (Minayo, 2022).

A combinação entre levantamento bibliográfico e entrevistas permitiu articular as dimensões teóricas e experiências, possibilitando compreender não apenas como o Bem-Viver é formulado na literatura da área, mas também como é apropriado, ressignificado ou tensionado nas práticas e trajetórias de terapeutas ocupacionais.

Uso de Inteligência Artificial Generativa

Em conformidade com as diretrizes de transparência e integridade acadêmica, informa-se que este estudo utilizou as ferramentas de Inteligência Artificial (IA) Generativa ChatGPT e Gemini como suporte metodológico. A utilização deu-se especificamente para: 1) apoio na tradução técnica do espanhol (língua materna da pesquisadora) para o português acadêmico; e 2) revisão e edição de estilo para assegurar a coesão e coerência textual. Ressalta-se que o uso destas ferramentas não substituiu a análise crítica dos dados nem a autoria intelectual, permanecendo a pesquisadora como única responsável pelo conteúdo e conclusões apresentadas.

3.2 Procedimentos metodológicos e análise

Como mencionado, os procedimentos metodológicos foram organizados em dois momentos, descritos a seguir, são eles: o levantamento de literatura e as entrevistas semi-estruturadas.

3.2.1 Levantamento de literatura

A fim de qualificar o processo de revisão, realizou-se uma consultoria com uma bibliotecária da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a qual apoiou e orientou a seleção de bases de dados e de descritores para instrumentalizar as buscas.

Para o levantamento das produções foram utilizadas preliminarmente as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Biblioteca Eletrônica Científica e de Ciências Sociais Online (SciELO), Web of Science e SCOPUS.

Com a obtenção de um resultado considerado restrito (dois artigos), expandiu-se o levantamento inserindo revistas de terapia ocupacional, relacionadas ao território de Abya Yala, provenientes da América Latina, listadas no portal de periódicos da CAPES, a saber: Revista Chilena de Terapia Ocupacional, TOG: Revista de Terapia Ocupacional da APGTO, Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo/USP, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista Chilena de Terapia Ocupacional, Revista Argentina de Terapia Ocupacional, Revista de la Ocupación Humana-Colombiana. Para complementar a busca,

também se contemplou a Revista ContextO, REVISBRATO, e o Google Acadêmico.

As buscas foram realizadas utilizando os seguintes termos em português, espanhol e inglês: terapia ocupacional/occupational therapist e Bem-Viver/Buen-Vivir/Good-living. A partir dos textos identificados, ampliaram-se os descritores, incluindo: Abya Yala/Abia Yala, decolonialidade/decolonial, Ancestral/Ancestral e cosmovisão/cosmovisión/cosmogonies.³³

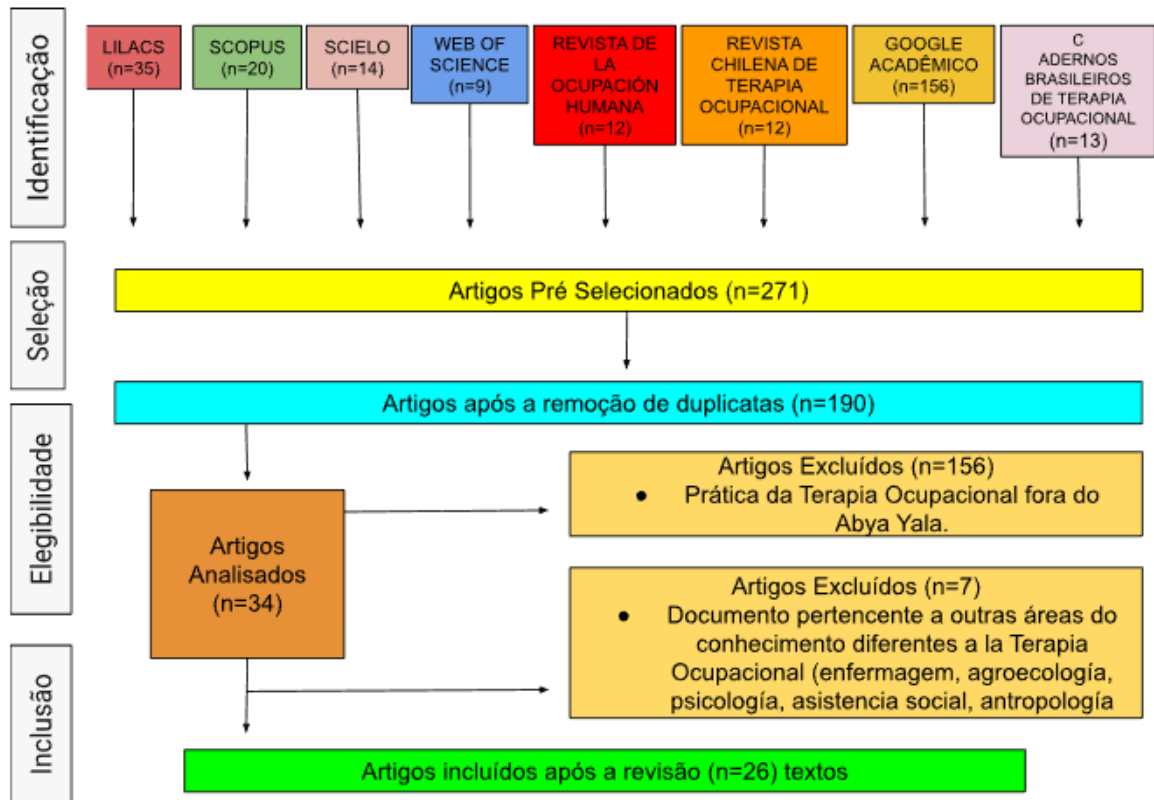
Ao final do levantamento, identificaram-se ao todo 26 materiais selecionados.

Contemplaram-se os trabalhos em que os descritores faziam parte do título, resumo, palavras-chave e/ou conteúdo. Incluíram-se produções que apresentaram menções ou definições do termo Bem-Viver no contexto da terapia ocupacional, seja a partir de uma elaboração construída pelos próprios autores do manuscrito, por autores da área de terapia ocupacional, ou por autores vinculados a outras áreas do conhecimento.

A seguir apresenta-se um fluxograma que permite identificar as etapas do levantamento, destacando que elas foram integradas de modo parcial à medida que se realizou o aprofundamento na busca da revisão de literatura.

Figura 2 – Fluxograma do processo de levantamento da literatura

³³ As autoras participaram de um evento compartilhando os resultados parciais da pesquisa. Foi proposto então a construção de um recurso que apresentasse os resultados permitindo recolocar os modos tradicionais e ocidentais da pesquisa. Desta forma, a autora principal criou uma ferramenta que permite incluir os resultados a partir de uma visão ancestral, está se nomeia como tecnologia ancestral e está apresentada no apêndice A.



Fonte: elaboração própria.

Após o levantamento e seleção dos artigos, foi realizada a leitura na íntegra, para a análise do conteúdo, enfatizando ano, local de publicação e as características do uso do termo Bem-Viver nas produções.

3.2.2 Entrevista semiestruturada com terapeutas ocupacionais que mencionam o conceito de Bem-Viver em suas produções.

Para a produção das informações, optou-se pela entrevista semiestruturada, por permitir ao pesquisador orientar o diálogo a partir de um roteiro flexível, favorecendo a expressão e a compreensão de diferentes perspectivas. Minayo (2022) aponta que esse tipo de entrevista integra a estrutura e a liberdade da fala, permitindo aprofundar os significados atribuídos pelos entrevistados às suas experiências.

Os participantes desta etapa foram identificados na revisão de literatura realizada na primeira fase da pesquisa. A partir dos textos selecionados, os principais autores, terapeutas ocupacionais, que referiram em seus trabalhos o Bem-Viver, foram considerados as “sementes” sobre o tema. A categoria das sementes emerge como um recurso metodológico e simbólico para nomear os participantes da pesquisa, reconhecendo neles a potência de germinar e difundir saberes. A seleção destes autores se deu em decorrência da articulação de seus trabalhos com o

Bem-Viver, considerando uma distribuição em diferentes territórios.

Identificou-se que no Chile havia dez sementes, sendo selecionados dois deles pelo maior aprofundamento na temática conferido em seus textos. São elas a semente 1 e a semente 2, esta última considerada uma semente relevante, por trabalhar de forma mais direta com o tema. No território da Argentina foi selecionada a terapeuta ocupacional, que no estudo de sua autoria menciona o conceito. Na Colômbia, a profissional desenvolveu o conteúdo do Bem-Viver a partir do Bem-Morrer e no Brasil, foi o participante selecionado pela menção do conceito e articulações com conteúdos críticos. Especificamente no caso do Brasil, além da semente convidada, outros autores produziram na articulação com o tema, entretanto, verificamos que não estariam incluídos nos critérios de inclusão uma vez que não são terapeutas ocupacionais de formação (constituem pesquisas de pós-graduação orientadas por terapeuta ocupacional, mas de autoria de outras categorias profissionais).

Assim, as cinco sementes foram escolhidas e convidadas a compor o trabalho por meio das entrevistas. Os autores selecionados foram contatados por e-mail e/ou WhatsApp e convidados a participar de uma entrevista que foi realizada de forma presencial ou remota (Google Meet), dependendo da disponibilidade de deslocamento do participante e da pesquisadora³⁴.

Para essa etapa, os procedimentos estiveram de acordo com os parâmetros da Carta Circular nº 1 e Ofício nº 2 de 2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, vinculada à Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde. Os referidos documentos versam sobre as “Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual”. Com esse embasamento, o convite para a participação foi feito individualmente, por e-mail, com um único remetente e destinatário, evitando a utilização de listas que permitam a identificação dos/as possíveis participantes.

Neste contato inicial, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a consulta sobre a anuência. Em decorrência desse procedimento ter caráter virtual, para favorecer o acesso aos convidados, o termo foi elaborado em formato de formulário online a fim de viabilizar o consentimento à distância. Após o profissional sinalizar interesse em participar do estudo, foi apresentado o TCLE, conforme determinam as Resoluções CNS 466/12 e 510/16.

³⁴ Para este primeiro momento foi encaminhado via e-mail um vídeo em que a pesquisadora Francia mostra os resultados da busca da literatura, usando a tecnologia ancestral que ela mesma criou para o primeiro momento da revisão (Apêndice A). Neste vídeo se esclarece as etapas da pesquisa, e indica o porquê os convidados foram selecionados, sendo que de acordo como a tecnologia ancestral são nomeados: sementes. O vídeo foi elaborado em espanhol (tendo maioria de convidados falantes do espanhol) e com legendas em português. O convite introdutório ao vídeo estará escrito em português e espanhol.

O roteiro foi disponibilizado aos participantes previamente à entrevista, considerando o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que seriam abordados no encontro) visando uma tomada de decisão informada, e possibilitando que os profissionais pudessem se preparar para discorrer sobre as temáticas abordadas.

Esse roteiro foi criado pelas pesquisadoras, sendo fundamentado na utilização do termo Bem-Viver, nos textos identificados, e encontra-se disponível no Apêndice B. Trata-se de um guia com dez perguntas abertas visando compreender como o entrevistado/mente vem se aproximando e articulando os conceitos de Bem-Viver e terapia ocupacional. Para qualificar essa ferramenta, a primeira entrevista contou também com uma fase de discussão e devolutivas críticas sobre o roteiro, aperfeiçoando as questões disparadoras (foram indicadas pequenas alterações em duas delas).

As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente.

Em relação aos participantes, nomeados como sementes, estabeleceram-se os seguintes critérios de seleção: profissionais com formação em terapia ocupacional, do território da Abya Yala e que tenham produções relacionadas ao Bem-Viver e à terapia ocupacional.

As entrevistas, foram analisadas de forma articulada aos conteúdos encontrados nos textos, a partir do detalhamento das informações apresentadas nas transcrições, elaborando-se sínteses a fim de apresentar um panorama sobre o uso do conceito na terapia ocupacional.

Cabe mencionar, em conformidade com as diretrizes de transparência e integridade acadêmica, que, considerando que o português não é a língua materna da autora deste trabalho, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa, especificamente ChatGPT e Gemini, para apoio na tradução técnica do espanhol para o português acadêmico e, pontualmente, na revisão textual, a fim de assegurar coesão do conteúdo traduzido. Ressalta-se que o uso dessas ferramentas não interferiu na análise crítica dos dados nem na autoria intelectual, permanecendo a pesquisadora como única responsável pelo conteúdo e pelas conclusões apresentadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Achados na literatura

Foram selecionados 26 textos a partir da revisão de literatura, sendo que a maior parte deles foi publicado no Brasil (15), com destaque para os Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (10). Além dos periódicos (18), também foram inseridos materiais provenientes de capítulos de livro (2), anais de evento científico (1) e pesquisas como: trabalho de conclusão de curso (3) e dissertações de mestrado (2).

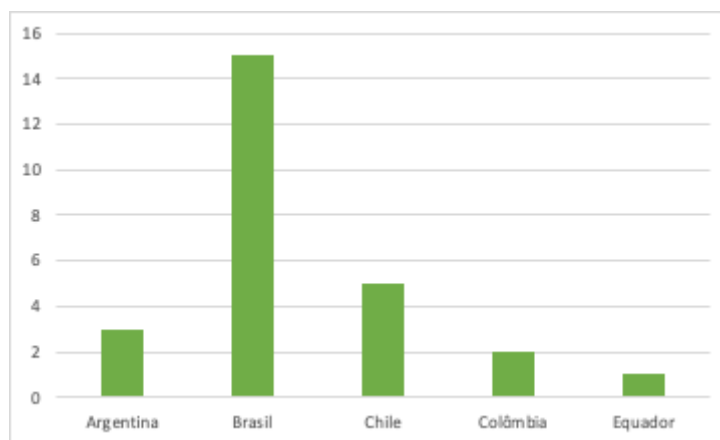
As duas pesquisas de pós-graduação, inseridas na amostra, constituem-se estudos

orientados por terapeuta ocupacional, sendo que as autoras são de outras áreas do saber. Optou-se por manter essas pesquisas na seleção, pois as temáticas se articulam estreitamente à terapia ocupacional.

Em relação aos dois documentos que correspondem a capítulos de livros, ambos pertencentes à obra *Terapias Ocupacionais Latino-americanas: Práxis Políticas e Comunitárias*, publicada em 2024, no Chile. Um dos capítulos apresentou o desenvolvimento de um trabalho específico sobre a temática do Bem-Viver.

O gráfico 1 apresenta a distribuição dos textos por país de publicação.

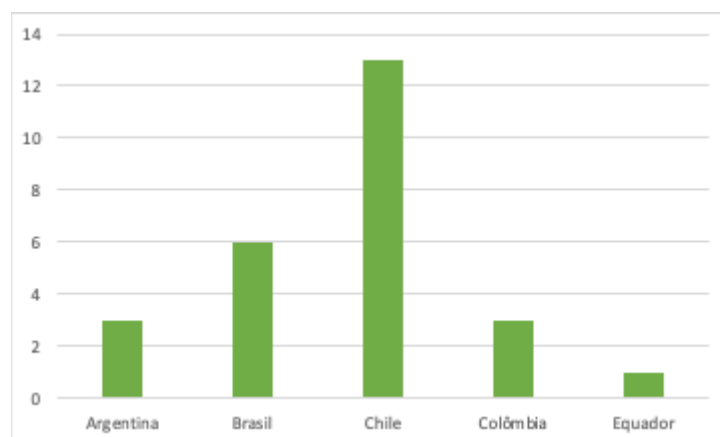
Gráfico 1 - País de publicação dos textos selecionados



Fonte: elaboração própria.

Embora o local de publicação tenha sido majoritariamente em periódicos brasileiros, os autores são procedentes de diferentes nacionalidades, sendo que o Chile se destaca com o maior número de autores (13). O gráfico 2, apresenta a distribuição dos autores de acordo com o país de origem, particularmente do(a) primeiro(a) autor(a).

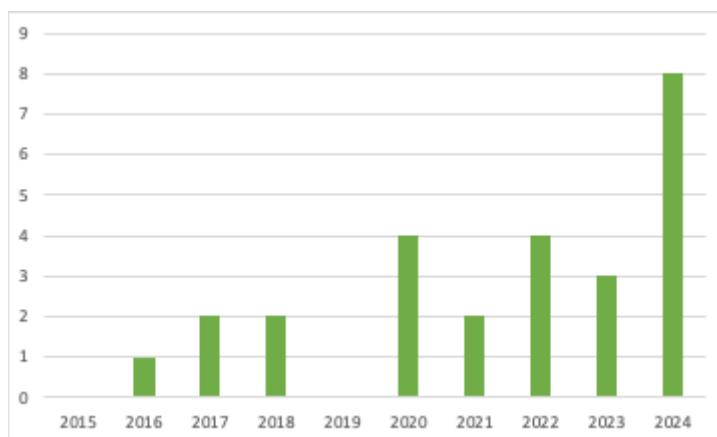
Gráfico 2 - Local de procedência dos autores



Fonte: elaboração própria.

Em relação ao ano de publicação, como já mencionado, considerou-se o período compreendido entre 2015 e 2024³⁵. De forma não linear, a partir de 2020, identifica-se um aumento no número de publicações, com destaque para 2024, conforme indicado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Distribuição dos textos por ano de publicação



Fonte: elaboração própria.

De modo geral, observa-se que o termo Bem-Viver aparece de forma mais frequente no corpo dos textos, sem uma abordagem conceitual aprofundada. Os autores que demonstraram maior aproximação com o conceito foram aqueles que participaram diretamente da pesquisa, por meio de entrevistas semiestruturadas.

O termo é frequentemente utilizado como sinônimo de qualidade de vida, como horizonte normativo ou como ideal orientador das práticas. Como enuncia Alcântara e Sampaio (2017), o Bem-Viver apresenta-se como um conceito polissêmico na literatura, sendo frequentemente associado a noções como vida saudável, bem-estar, qualidade de vida, viver melhor e desenvolvimento humano, além de ocupar lugar de destaque em projetos políticos e institucionais, especialmente nos contextos boliviano e equatoriano. Observa-se que parte dos usos do Bem-Viver não estabelece relação direta com sua formulação originária nem explicita vínculos com o conceito de Sumak Kawsay; por outro lado, o termo também é mobilizado por movimentos sociais indígenas e em espaços de luta por igualdade, assumindo caráter identitário e expressando uma forma específica de agir e pensar o mundo (Acunha; Souza, 2023). Observa-se que a literatura evidencia múltiplas interpretações do Bem-Viver, em linhas gerais,

³⁵ Salienta-se que o recorte temporal (2015–2024) foi aplicado especificamente às buscas realizadas na plataforma Google Acadêmico, devido ao expressivo volume de documentos relacionados. Nas demais bases de dados consultadas, não foi estabelecido recorte temporal, visando uma exploração abrangente da produção na área.

pode-se exemplificar que Acosta (2010) o apresenta como filosofia de vida; Walsh (2010) como cosmologia; Cortez (2011), como atitude de vida; Thomson (2011), como ontologia; Radcliffe (2012), como modelo de desenvolvimento; e Gudynas (2011), como alternativa ao desenvolvimento (Alcantara; Sampaio, 2017). Ainda assim, compreende-se que a tradução do termo indígena *sumak kawsay* para “bem viver” pode ser redutora, ao restringir seu sentido ao bem-estar material e desconsiderar a dimensão espiritual, central para os povos indígenas (Hidalgo-Capitán; Cubillo-Guevara, 2014).

Para uma melhor compreensão das formas pelas quais o Bem-Viver é recuperado no interior da literatura analisada, particularmente produzida por terapeutas ocupacionais, analisou-se os artigos, articulando-os com o estudo de Cunha e Souza (2023, p. 324), cujo o trabalho de revisão apresentou um “mapa conceitual da classificação dos artigos sobre o bem viver publicados em revistas brasileiras”, destacando quatro categorias de compreensão sobre o Bem-Viver, à saber: como código de conduta e costumes; como sinônimo de qualidade de vida; como qualidade de vida associada ao bem comum; e como conexão com o debate vinculados ao *sumak kawsay*. Na presente revisão, ainda que os estudos encontrados não se detenham ao desenvolvimento do conceito em tela, compreende-se ser possível realizar a associação entre a forma como foi utilizada a palavra Bem-Viver ou por terapeutas ocupacionais e as categorias descritas pelos autores Cunha e Souza (2023).

A seguir, apresentam-se os Quadros 1, 2 e 3, organizados de acordo com a tipologia dos textos identificados na revisão de literatura. O Quadro 1 reúne artigos acadêmicos; o Quadro 2 contempla capítulos de livros; e o Quadro 3 apresenta pesquisas acadêmicas desenvolvidas em nível de graduação e pós-graduação.

Em cada quadro, os textos foram sistematizados segundo autores, país, ano, base de dados, título, palavras-chave e forma de menção ao Bem-Viver. No que diz respeito à forma de menção ao Bem-Viver, este critério foi analisado a partir de cinco questões orientadoras: 1) Local em que o termo aparece; 2) Forma de abordar; 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Quais?; 4) Uso do termo (em diálogo com os achados da revisão de Cunha e Souza, 2023); 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual?

A seguir, apresentam-se os quadros com a organização dos tópicos anteriormente mencionados e a descrição de como o Bem-Viver aparece em cada documento.

Quadro 1 - Artigos selecionados de acordo com autor, país, ano, periódico, título, palavras chaves e forma de menção sobre o Bem-Viver

no	AUTOR	PAÍS (autor/ publicação)	ANO	BASE/ Periódico	TÍTULO DO ARTIGO	PALAVRAS CHAVE	FORMA DE MENÇÃO SOBRE O BEM - VIVER
1	Juan Pino Morán, Fredy Ulloa	Chile (Autor) Brasil (Periódico)	2016	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporánea	Terapia Ocupacional, Conhecimento, Prática Profissional	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Quijano
2	Carmen Gloria Muñoz Muñoz	Chile (Autora) Chile (Periódico)	2017	Google Acadêmico/ Revista Chilena de Terapia Ocupacional	La terapia ocupacional y la promoción de la salud emancipadora para personas mayores.	Promoción de la salud, terapia ocupacional, fortalecimiento, emancipación, personas mayores.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: conceitua como referencial, dentro do texto, mas não aparece em referências. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao <i>sumak kawsay</i> ; como qualidade de vida associada ao bem comum 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
3	Diana Rocío Vargas Pineda, Anita Cristina Yandun Reina	Colombia (Autora) Colômbia (Periódico)	2017	Google Acadêmico/ Revista Colombiana de Reabilitación	IX Congreso Internacional Rompiendo Límites: Construyendo capacidades para el buen vivir V encuentro la ECR investiga.	O texto não apresenta.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: desenvolve e conceitua 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao <i>sumak kawsay</i> 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Dentro do texto enuncia, mas não aparece em referências.
4	Débora Grandón Valenzuela	Chile (Autora) Colômbia (Periódico)	2018	Revista de la Ocupación Humana	Función económica de las ocupaciones feminizadas no remuneradas: una crítica desde la economía feminista	Divisão do trabalho por gênero, feminismo, capitalismo, Terapia Ocupacional	1) Local em que o termo aparece: referências 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não. 4) Uso do termo como: Vinculado ao <i>Sumak Kawsay</i> . 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Sim, León, M. (2009). Cambiar la economía para cambiar la vida. Desafíos de una economía para la vida. Em

							Acosta, ed, Abya Yala.
5	Alejandro Guajardo Córdoba	Chile (Autor) Brasil (Periódico)	2020	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Sobre as novas formas de colonização em terapia ocupacional. Reflexões sobre a Justiça Ocupacional na perspectiva de uma filosofia política crítica.	Terapia Ocupacional, Política, Justiça Social, Colonialismo, América Latina.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: conceitua 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum; e como conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? De la Torre, L., & Sandoval, C. (2004). La reciprocidad en el mundo andino: el caso del pueblo de Otavalo. Quito: Editorial Abya-Yala. Gudynas, E. (2011). Buen Vivir: germinando alternativas al desarrollo separata: destaques del FSM. Ecuador: Agencia Latinoamericana de Información. Zaragocin, S. (2017). Feminismo decolonial y buen vivir. In S. Varea & S. Zaragocin (Eds.), Feminismo y buen vivir: utopías decoloniales (pp. 17-25). Ecuador: PYDLOS Ediciones Universidad de Cuenca.
6	Cristian Mauricio Valderrama Núñez	Chile (Autor) Brasil (Periódico)	2020	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Alcances y desafíos de la Educación en Derechos Humanos en la formación de terapeutas ocupacionales, a partir de la percepción de los estudiantes	Educación; Capacitación Profesional; Derechos Humanos; Terapia Ocupacional	1) Local em que o termo aparece: no corpo do texto , na discussão 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
7	Paulina Lara Riquelme,	Chile (Autores)	2020	Google Acadêmico/	Aproximaciones a las prácticas de terapia	Direitos Humanos, Terapia	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona

	Leidy Lagos Beltránb, Cristian Valderrama Nuñez	Brasil (Periódico)		Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	ocupacional y su relación con algunos principios éticos de los derechos humanos.	Ocupacional, Baseada em Principípios Ética em	3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum; Horizonte. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
8	Mariana Sirianni	Argentina (Autora) Argentina (Periódico)	2020	Google Acadêmico/ Revista Argentina de Terapia Ocupacional	Reseña: Terapia Ocupacional Comunitaria	O texto não apresenta	1) Local em que o termo aparece: descrição geral dos artigos apresentados dentro do livro 2) Forma de abordar: menciona como título dos centros infantis no Equador 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: nome institucional 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
9	Viviana Marcela León Perilla, Lílian Magalhães, Deina Krisned Corredor Pérez, Mariely Melissa Arias Olivero, Brayan David Mamanché Cortes, Yidid Ramos Montero, Victor Segundo	Colômbia (Autora) Brasil (Periódico)	2021	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	"O bicho, aquele pirralho" nos territórios indígenas colombianos: tecendo diálogos com a comunidade Kankuama em tempos de pandemia	Cultura Indígena, Infecções por Coronavírus, Saúde Intercultural, Atitude Frente a Morte.	1) Local em que o termo aparece: considerações Finais do texto 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Sim, Kankuamo 4) Uso do termo como: como código de conduta e costumes, como qualidade de vida associada ao bem comum 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não

	Arias Arias, Diomedes Rafael Arias						
10	Adriana María Cella	Argentina (Autora) Argentina (Periódico)	2021	Google Acadêmico/ Revista Argentina de Terapia Ocupacional	Terapia Ocupacional comunitaria en perspectiva emancipatória. Reflexiones en tiempo de pandemia	Terapia Ocupacional, comunidad, território, pandemia	1) Local em que o termo aparece: corpo texto 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida, resistência. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
11	Michelle Lapierre	Chile (Autora) Chile (Periódico)	2022	Google Acadêmico/ Revista ContexTO	Carta al editor: La terapia ocupacional en el agitado escenario sociopolítico del Chile actual.	O texto não apresenta.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto e conclusões 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
12	Mónica Palacios	Chile (Autora) Brasil (Periódico)	2022	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Procesos de acompañamiento, enfoque de género y mujeres en consumo de alcohol/drogas en embarazo y maternaje: claves transdisciplinarias y terapias ocupacionales desde el Sur	Terapia Ocupacional; Equidade de Género; Abuso de Álcool; Transtornos Relacionados a Substâncias; Gravidez; Maternidade.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto em discussões e conclusões 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
13	Magno Nunes Farias, Javiera Salazar Rivera,	Diferentes países - primeiro autor brasileiro (Autores)	2022	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	¿Terapeutas ocupacionales en la educación? Caminos y posibilidades para/en América Latina y Caribe desde una Comunidad de Práctica.	Terapia Ocupacional; Educação; Escola; Inclusão; Prática Profissional	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto, na introdução. 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida.

	Pedro Sánchez, Lina Chambilla, Concetta Giorgini, Eliana Parra Esquivel, Carolina López, Jessica Massucoh	Brasil (Periódico)					5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
14	Oscar Quiroz Mansilla e Salvador Simo	Chile (Autores) Brasil (Periódico)	2023	LILACS/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Terapia ocupacional desde una perspectiva ecosocial de la salud mental	Saúde Mental, Terapia Ocupacional, Meio Social, Horticultura Terapêutica, Saúde Coletiva.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas/ qual: Não 4) Uso do termo como: inespecífico 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Não Qual?
15	Luis Vásquez Espinoza	Chile (Autor) Brasil (Periódico)	2023	LILACS/ Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional	Hortaliceras mapuche, significados atribuidos a ocupaciones ancestrales	Mujeres mapuche. Hortaliceras. Ocupaciones. Pueblos Originarios. Ocupaciones ancestrales.	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Sim. Mapuche. 4) Uso do termo como: Qualidade de vida + bem comum 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
16	Viviana Marcela León Perilla	Colômbia (Autora)	2024	LILACS/ Cadernos Brasileiros	Garantizar el derecho a una muerte segura y culturalmente adecuada: el	Cultura Indígena, Saúde Intercultural, Atitude Frente a	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Sim,

		Brasil (Periódico)		de Terapia Ocupacional	sentido de las ocupaciones en la tríada vida-muerte-renacimiento desde la visión indígena Colombiana	Morte, Cultura, Terapia Ocupacional, Cuidados Paliativos.	Kankuamo. 4) Uso do termo como: Qualidade de vida + bem comum 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Não. Qual?
17	Maria Klara Chaves Motta da Costa, Prince Chaiene Meireles Dias, Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida	Brasil (Autores) Brasil (Periódico)	2024	Google Acadêmico/ Revista Interface (Botucatu)	Las Escrivivências en la enseñanza de la Terapia Ocupacional sobre/con las juventudes	Terapia ocupacional; Ensino superior; Adolescência; Juventudes; Metodologias de ensino	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona 3)) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Não
18	Andréa do Amparo Carotta de Angeli, Caldas, Flavia Liberman.	Brasil (Autoras) Brasil (Periódico)	2024	Google Acadêmico/ Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	No passo Guarani: contribuições para pensar os corpos neste chão Brasil.	Corpo Humano; Conhecimento; Terapia Ocupacional	1) Local em que o termo aparece: corpo do texto - 2) Forma de abordar: menciona, conceitua e aprofunda 3)) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Sim, Guarani 4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Benites, S. (2018). Viver na língua Guarani Nhandeva (Mulher falando) (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Krenak, A. (2020b). Caminhos para a cultura do bem viver. Recuperado em 17 de novembro de 2023, de https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver
19	Ana	Chile	2024	Google	Despatologizar la salud	Problemas de Salud	1) Local em que o termo aparece: Corpo do texto - introdução

	Maturana Valenzuela, Paula Paredes Sierra	(Autora) Chile (Evento)		Acadêmico/ Actas XII Congreso Latinoamericano Sobre el Abandono en Educación Superior - CLABES	mental: experiencias de acompañamiento del programa de apoyo psicosocial de la escuela de terapia ocupacional de la Universidad de Santiago de Chile.	Mental, Malestar Psicosocial, Prácticas de, Despatologización del Malestar, Educación Superior	2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida, resistência. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Qual? Walsh, K. (2017). Gritos, Grietas y siembras de vida: entretrejerse de lo pedagógico y lo decolonial. Editorial Abya-Yala.
--	---	-------------------------------	--	--	---	---	--

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 - Capítulos de livros selecionados de acordo com autor, país, ano, título da obra, título do capítulo e forma de menção do Bem-Viver

n	AUTOR	ANO	PAÍS (autor/ publicação)	TÍTULO DO LIVRO	TÍTULO DO CAPÍTULO	FORMA DE MENÇÃO SOBRE O BEM - VIVER
20	Mónica Palacios Tolvett	2024	Chile (Autora) Chile (publicação)	Terapias ocupacionales latinoamericanas: praxis políticas y comunitarias, p. 265.	Cuidados comunitarios: olla común y experiencias de mujeres organizadas en contexto COVID-19.	<p>1) Local em que o termo aparece no texto: corpo do texto</p> <p>2) Forma de abordar: menciona, conceitua</p> <p>3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não, mas no documento enuncia os saberes dos povos mapuche e Aymara para se referir ao Sumak qamaña</p> <p>4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay e Sumaq Qamaña, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida.</p> <p>5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim Qual? Choquehuanca, D. (2010). Sumak qamaña: vivir bien, no mejor. Koinonía: Agenda Latinoamericana.</p> <p>Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En E. Lander E (comp.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas (p. 246). CLACSO.</p> <p>Rivera, S. y Sousa Santos, B. (2014). Video Conversa del mundo entre, Silvia Rivera Cusicanqui y Boaventura de Sousa Santos, La Paz, Bolivia, el 16 de octubre de 2013</p>
21	Juan Andrés Pino Morán	2024	Chile (Autor) Chile (publicação)	Terapias ocupacionales latinoamericanas: praxis políticas y comunitarias, p 309-332.	Terapias ocupacionales comunitarias para el buen vivir: un ensamble inevitable.	<p>1) Local em que o termo aparece no texto: Título, questão, corpo do texto, conclusões.</p> <p>2) Forma de abordar, menciona, conceitua, aprofunda, cria relações possíveis com a terapia ocupacional comunitária, crítica, feministas e decolonizadora.</p> <p>3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não, mas no documento enuncia os saberes dos povos mapuche e Aymara para se referir ao Sumak qamaña</p> <p>4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay e Sumaq Qamaña, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida.</p> <p>5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim Qual? Referencial utilizado para abordar o bem viver: ancestral Aymara, Kiwcha indigenista: Oviedo 2012, Académico: Carpio 2014, Hidalgo- Capitán et al 2012, Prada 2012, Marañon 2014, Tortosa 2011, Unceta 2015</p>

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3 - Pesquisas de Graduação e Pós-Graduação de acordo com autor, país, ano, universidade, título do trabalho e forma de menção do Bem-Viver

n	AUTOR	PAÍS (autor/publicação)	ANO	BASE/UNIVERSIDADE	TÍTULO DO TRABALHO	PALAVRAS CHAVE	FORMA DE MENÇÃO SOBRE O BEM - VIVER
22	Lucas Pilozo, Italo Adrian	Equador (Autores) Equador (local de defesa)	2018	Google Acadêmico/ Pesquisa de Graduação Universidad Laica Eloy Alfaro De Manabí, Manta, Ecuador.	Terapia ocupacional en el proceso de deterioro motriz del adulto mayor.	Adulto mayor Terapia ocupacional	1) Local em que o termo aparece no texto : corpo do texto, em fundamento teórico 2) Forma de abordar: faz alusão a plano nacional do Equador bem viver 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual:Não. 4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay desde a política pública do Equador. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim Qual? Plano nacional Equador
23	María Roberta Bariani	Argentina (Autora) Argentina (local de defesa)	2022	Google Acadêmico/ Pesquisa de Graduação - Universidade Nacional de Quilmes.	Emprendimientos sociales de adolescentes como dispositivos que producen cuidados en salud mental: una mirada desde la terapia ocupacional comunitaria. Estudio de caso. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (2018-2022)	Emprendimientos Sociales, Adolescentes, Cuidados en Salud Mental, Terapia Ocupacional Comunitaria.	1) Local em que o termo aparece no texto: corpo do texto 2) Forma de abordar: menciona 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual:Não. 4) Uso do termo como: como qualidade de vida associada ao bem comum. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Não Qual?
24	Bianca Ribeiro Santos, Raphaela Schiassis	Brasil (Autoras) Brasil (local de defesa)	2023	Google Acadêmico/ Pesquisa de Graduação - Universidade Federal de Sergipe	Cotidiano: “o fazer” na comunidade indígena Kiriri	População indígena; Cotidiano; Arte e trabalhos manuais; Relações Sociais; Terapia ocupacional	1) Local em que o termo aparece no texto: Resumo, corpo: revisão teórica, conclusão. 2) Forma de abordar: menciona, conceitua e aprofunda 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Sim Qual: Kiriri, 4) Uso do termo como: como código de conduta e costumes do povo Kiriri. conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim

							Qual? Boff 2009, Acosta, 2016, Alcântara e Sampaio (2017), Alencar 2009 apud ROSA 2019, Rosa (2019), Junior e Souza 2021, Feitosa e Bomfim 2020.
25	Alessandra Vaneska Cotta Leles Borges, Cristiane Miryam Drumond de Brito	Brasil (Autoras) Brasil (local de defesa)	2024	Google Acadêmico/ Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer - Universidade Federal de Minas Gerais	Vivências de arte, cultura e lazer no centro de convivência Marcus Matraga: uma abordagem crítica a partir da decolonialidade e da contracolonidade	Centro de Convivência. Decolonidade. Contracolonidade. Saúde Mental.	1) Local em que o termo aparece no texto: no corpo do texto 2) Forma de abordar: conceitua, relaciona com outras abordagens como as trazidas por Nego Bispo. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Qual: Não. Articulado com povos de matriz Afro Diaspórica. 4) Uso do termo como: conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay e Sumaq Qamaña, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim Qual? Acosta (2016). Nêgo Bispo
26	Avelin Rosana de Oliveira, Cristiane Miryam Drumond de Brito	Brasil (Autoras) Brasil (local de defesa)	2024	Google Acadêmico/ Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação - Universidade Federal de Minas Gerais	O Comitê Indígena Mineiro: ressignificando o cotidiano de indígenas desterritorializados	Povos indígenas, desterritorialização, bem viver, ancestralidade, indígenas em contexto urbano, Migração Indígena	1) Local em que o termo aparece no texto: Resumo, introdução, palavras-chave, objetivo geral e um específico, corpo, conclusões 2) Forma de abordar: menciona, conceitua e aprofunda, inclusive gerando associações com conceito afro referenciados no trabalho do Nego Bispo. 3) O texto aborda estudo com povos indígenas? Sim Qual: Diferentes povos que fazem parte do Comitê Indígena Mineiro (CIM), entre eles Guarani. 4) Uso do termo como: Bem Viver povo Guarani, conexão com o debate vinculados ao sumak kawsay e Sumaq Qamaña, como qualidade de vida associada ao bem comum, horizonte de vida. 5) Aparece algum referencial específico do Bem Viver? Sim Qual? Ancestral indígena povo Guarani, nomeia o tepo Korã, também Kwicha Sumak Kawsay. Acosta. Mamani.

Fonte: elaboração própria.

As tabelas sintetizam as informações relacionadas às publicações, organizando-as por: autor, ano, país, título do artigo/livro, palavras chave e formas de menção do Bem-Viver. Alguns destes elementos serão descritos em maior detalhamento, buscando caracterizar a produção de literatura que contempla o Bem-Viver e a terapia ocupacional.

Tendo analisado anteriormente os resultados por ano e local, inicia-se aqui a análise descritiva pela sistematização das palavras chave utilizadas pelos autores, nos textos selecionados. Identificou-se que dos 19 artigos que compõem o Quadro 1 há a predominância do descritor terapia ocupacional, presente em 12 publicações, configurando-se como o eixo temático mais recorrente do conjunto. Esse dado indica que os textos analisados estão de fato ancorados na área. Em seguida, observa-se a presença de descritores relacionados à educação e formação em quatro artigos, incluindo termos como educação, ensino superior, escola, capacitação profissional e metodologias de ensino, o que demonstra um conjunto de produções voltadas à dimensão formativa e pedagógica.

Os termos vinculados a povos indígenas e cultura indígena aparecem em três artigos, assim como os descritores relacionados a gênero (equidade de gênero, feminismo, maternidade, divisão do trabalho por gênero) e aqueles associados a território, comunidade e saúde coletiva, também identificados em três publicações. A saúde mental aparece de forma direta em dois artigos, considerando tanto o uso do termo “Saúde Mental” quanto “Problemas de Salud Mental”. De maneira semelhante, Direitos Humanos figura em dois artigos.

Observa-se ainda que três textos não apresentam palavras-chave, o que representa uma parcela do conjunto analisado e pode impactar a padronização da identificação temática. De modo geral, os resultados indicam maior concentração temática em torno da terapia ocupacional, seguida por educação/formação, e menor incidência relativa de descritores vinculados à saúde mental, direitos humanos e marcadores sociais específicos.

No Quadro 2, composto por capítulos de livro, observa-se a ausência de palavras-chave, característica recorrente nesse tipo de publicação, especialmente em obras organizadas. Todos os capítulos analisados pertencem ao mesmo livro, o que indica uma unidade editorial e temática pré-estabelecida. Diferentemente dos artigos científicos, nos quais as palavras-chave permitem identificar e quantificar tendências temáticas, neste caso não é possível realizar análise de frequência ou recorrência a partir de descritores formais.

Essa ausência exige que a identificação dos eixos temáticos seja realizada diretamente a partir da leitura do conteúdo dos capítulos, uma vez que não há indexação prévia por meio de termos-chave. Além disso, o fato de se tratar de capítulos de uma mesma obra pode indicar maior coerência interna entre os textos, bem como uma possível convergência teórica ou conceitual orientada pela proposta editorial do livro. Cabe destacar que um dos capítulos é o

texto selecionado que mais se aprofunda sobre o relacionamento entre terapia ocupacional e Bem- Viver.

A análise das palavras-chave dos cinco trabalhos acadêmicos que compõem o Quadro 3 evidencia a presença predominante da terapia ocupacional, identificada em três pesquisas. A Saúde Mental aparece em dois trabalhos, configurando um dos eixos temáticos mais recorrentes nesse conjunto.

Observa-se igualmente a presença significativa de descritores relacionados a povos indígenas, identificados em dois estudos, sendo que um deles incorpora categorias associadas a desterritorialização, ancestralidade e migração indígena em contexto urbano, ampliando o escopo da discussão. Também se identificam dois trabalhos com foco etário específico; idosos e adolescentes, indicando recortes populacionais definidos.

Além disso, aparecem descritores vinculados à decolonialidade e contracolonialidade em um trabalho, bem como termos relacionados a cotidiano, arte, relações sociais e empreendimentos sociais, cada um com ocorrência única. De modo geral, o conjunto apresenta maior diversidade temática em comparação ao Quadro 1, ainda que com menor número total de produções.

A análise conjunta das palavras-chave identificadas nos artigos científicos evidencia a predominância do descritor terapia ocupacional. Considerando que, metodologicamente, foram incluídas apenas produções situadas nesse campo disciplinar, essa recorrência confirma o critério de seleção adotado, mais do que configura um eixo temático. Nesse sentido, torna-se relevante observar os campos de ação e as problemáticas específicas nas quais as pesquisas se inserem.

Entre os campos mais recorrentes, destaca-se a saúde mental, identificada em diferentes produções, indicando sua consolidação como área de atuação e investigação. Também emergem estudos situados em contextos de povos indígenas e população indígena, incluindo desdobramentos como migração indígena, ancestralidade e desterritorialização, o que aponta para investigações ancoradas em realidades socioculturais específicas.

Destaca-se ainda que, entre todos os textos analisados, apenas um apresenta explicitamente “Bem-Viver” como palavra-chave, o que indica baixa incidência do termo como descritor formal nas produções selecionadas.

Em síntese, as palavras-chave revelam que, embora todas as produções estejam situadas no campo da terapia ocupacional, os contextos de atuação e investigação se distribuem principalmente entre saúde mental, formação profissional, contextos socioterritoriais e populações específicas, indicando diversidade de inserções práticas e analíticas.

Em relação às formas de menção sobre o Bem-Viver, observa-se que nos 19 artigos que

compõem o Quadro 1 o termo aparece predominantemente no corpo do texto, identificado em 15 artigos. Em um artigo, aparece no corpo do texto e nas conclusões; em um, especificamente nas considerações finais; em dois, explicitamente na introdução; em um, exclusivamente nas referências; e em um caso, na descrição geral dos artigos apresentados dentro de um livro, como denominação institucional. Esses dados indicam que, embora o termo esteja majoritariamente inserido no desenvolvimento textual, sua localização varia e, na maior parte dos textos, não ocupa posição central na estrutura argumentativa.

No que se refere à forma de abordagem, observa-se que 13 artigos apenas mencionam o termo, sem aprofundamento conceitual. Em três artigos, o Bem-Viver é conceituado como referencial no interior do texto; em um artigo há movimento de desenvolvimento e conceituação mais consistente; em um caso o texto menciona, conceitua e aprofunda o debate; e em um artigo o termo aparece apenas como nome institucional, sem elaboração teórica. Predomina, portanto, o uso por menção pontual, sendo minoritária a abordagem conceitual aprofundada.

Quanto à presença de estudos com povos indígenas, verifica-se que quatro artigos estabelecem investigação empírica direta com povos específicos, sendo dois com o povo Kankuamo, um com o povo Mapuche e um com o povo Guarani. Há 15 artigos que não apresentam estudos diretamente relacionados aos povos indígenas. Isso demonstra que, na maioria das produções, o termo é utilizado fora de contextos empíricos diretamente vinculados a esses povos.

Em relação ao uso atribuído ao termo, realizou-se a análise utilizando as categorias identificadas por Cunha e Souza (2023). São 13 artigos que associam o Bem-Viver à ideia de qualidade de vida vinculada ao bem comum. Em oito desses, essa formulação aparece combinada com a noção de horizonte de vida. Em cinco artigos, o termo é utilizado em conexão com o debate vinculado ao Sumak Kawsay. Além disso, um artigo o emprega como código de conduta e costumes, e um como nome institucional. Observa-se, assim, predominância de um uso associado a qualidade de vida e bem comum, com menor incidência de articulação explícita com matrizes conceituais específicas.

Por fim, no que diz respeito à presença de referencial teórico específico do Bem-Viver, 12 artigos não apresentam fundamentação explícita baseada em autores do campo. Em cinco artigos identificam-se referências específicas, incluindo autores como León (2009), De la Torre e Sandoval (2004), Gudynas (2011), Zaragocin (2017), Walsh (2017), Quijano, Benites (2018) e Krenak (2020). Em dois casos, o termo é enunciado ou conceituado no corpo do texto, mas não aparece sustentado por referências bibliográficas formais.

Buscando apresentar uma síntese dos dados, verificou-se que embora o Bem-Viver

esteja presente nos 19 artigos analisados, sua menção ocorre majoritariamente no corpo do texto (15), por meio de abordagem descritiva (13), sem estudo empírico com povos indígenas (15) e sem referencial teórico específico explicitado (12), sendo mais frequente sua associação à ideia de qualidade de vida vinculada ao bem comum (13).

No Quadro 2, composto por dois capítulos de livro, ambos pertencentes à mesma obra, observa-se uma presença mais estruturada e aprofundada do Bem-Viver quando comparado ao Quadro 1.

No que se refere ao local de aparecimento do termo, em um capítulo o Bem-Viver aparece no corpo do texto; no outro, sua presença é ampliada, figurando no título, na formulação da questão central, no corpo do texto e nas conclusões. Esse dado indica que, ao menos em um dos capítulos, o termo ocupa posição organizadora da argumentação, estruturando o desenvolvimento teórico.

Quanto à forma de abordagem, em ambos os capítulos o termo é mencionado e conceituado. Contudo, em 1 deles há aprofundamento teórico mais consistente, com articulação crítica e criação de relações explícitas com a terapia ocupacional comunitária, perspectivas feministas e debates decolonizadores. Diferentemente do observado em parte significativa do Quadro 1, aqui não se trata apenas de menção pontual, mas de elaboração conceitual mais sustentada.

Em relação a presença de estudos com povos indígenas, nenhum dos dois capítulos apresenta pesquisa empírica direta com povos específicos. Entretanto, ambos enunciam saberes dos povos Mapuche e Aymara ao tratar do Sumak Qamaña, o que indica diálogo teórico com matrizes indígenas, ainda que não configurado como estudo de campo.

No que diz respeito ao uso do termo, nos dois capítulos do livro o Bem-Viver é utilizado em conexão explícita com os debates sobre Sumak Kawsay e Sumaq Qamaña, articulado à ideia de qualidade de vida associada ao bem comum. Observa-se, portanto, coerência conceitual entre os textos e alinhamento com formulações do campo em territórios do Abya Ayala.

Por fim, quanto à presença de referencial teórico específico, ambos os capítulos apresentam fundamentação explícita. No primeiro, identificam-se referências como Choquehuanca (2010), Quijano (2000) e Rivera Cusicanqui e Sousa Santos (2014). No segundo, há referências a um conjunto mais amplo de autores, incluindo perspectivas ancestrais de Aymara e Kichwa, bem como os autores: Oviedo (2012), Carpio (2014), Hidalgo-Capitán et al. (2012), Prada (2012), Marañón (2014), Tortosa (2011) e Unceta (2015).

De modo geral, os dados do Quadro 2 indicam que, embora não haja estudos diretos com povos indígenas, os capítulos apresentam abordagem conceitual mais consistente, com presença explícita de referenciais teóricos e articulação crítica do Bem-Viver no interior do

campo da Terapia Ocupacional. Diferentemente da predominância de menções descritivas observadas no Quadro 1, aqui o termo assume caráter estruturante.

Já o Quadro 3, composto por cinco pesquisas acadêmicas, apresenta um movimento distinto em relação aos quadros anteriores, com maior densidade conceitual e referenciais vinculados ao Bem-Viver.

No que se refere ao local de aparecimento do termo, em dois trabalhos o Bem-Viver aparece exclusivamente no corpo do texto; em um aparece no corpo, articulado ao fundamento teórico; em um surge no resumo, na revisão teórica e na conclusão; e em um trabalho apresenta ampla incidência, figurando no resumo, introdução, palavras-chave, objetivo geral e específico, corpo do texto e conclusões. Esse último dado indica que, em pelo menos uma das pesquisas, o conceito assume papel estruturante e transversal em toda a construção do trabalho.

Quanto à forma de abordagem, uma pesquisa apenas menciona o termo; uma faz alusão ao Plano Nacional do Equador para o Bem-Viver; e três pesquisas mencionam, conceituam e aprofundam o conceito, estabelecendo articulações teóricas mais densas. Em dois desses trabalhos, o Bem-Viver é ainda relacionado a perspectivas afro-referenciadas, especialmente a partir das contribuições de Nêgo Bispo, ampliando o debate para além da matriz andina clássica.

Em relação à presença de estudos com povos indígenas, duas pesquisas desenvolvem investigação direta com povos indígenas específicos: uma com o povo Kiriri e outra com diferentes povos vinculados ao Comitê Indígena Mineiro (CIM), incluindo o povo Guarani. Nos outros três trabalhos não há estudo empírico direto com povos indígenas, embora em um deles o debate seja articulado com povos de matriz afro-diaspórica.

No que diz respeito ao uso do termo, observa-se diversidade, mas também convergência. Em quatro pesquisas o Bem-Viver é articulado ao debate do Sumak Kawsay e/ou Sumaq Qamaña. Em quatro trabalhos aparece associado à ideia de qualidade de vida vinculada ao bem comum e horizonte de vida. Em uma pesquisa é utilizado como código de conduta e costumes do povo Kiriri. Em um trabalho aparece vinculado explicitamente à política pública equatoriana (Plano Nacional do Bem-Viver). Em uma pesquisa emerge a nomeação específica do Bem-Viver Guarani, incluindo a referência ao teko porã e ao Kwicha Sumak Kawsay, indicando incorporação de categorias próprias dos povos envolvidos.

Por fim, quanto à presença de referencial teórico específico, quatro das cinco pesquisas apresentam fundamentação explícita. Entre os autores referenciados destacam-se Acosta, Boff, Mamani, Alcântara e Sampaio, Rosa, Junior e Souza, Feitosa e Bomfim, além de referenciais ancestrais indígenas (como o povo Guarani) e contribuições afro-referenciadas (Nêgo Bispo). Apenas um trabalho não apresenta referencial específico do Bem-Viver.

De forma geral, o Quadro 3 revela maior densidade conceitual e maior incorporação explícita de referenciais teóricos quando comparado ao Quadro 1, além de apresentar maior incidência de estudos empíricos com povos indígenas. Observa-se que, nas pesquisas acadêmicas, o Bem-Viver tende a assumir caráter mais estruturante, sendo articulado tanto a debates latino-americanos clássicos (Sumak Kawsay/Sumaq Qamaña) quanto a formulações situadas em contextos indígenas e afro-diaspóricos brasileiros.

Para análise geral dos três quadros se evidencia diferentes níveis de densidade conceitual, aprofundamento teórico e inserção do Bem-Viver na produção do campo da terapia ocupacional. Observa-se que, embora o termo esteja presente nos materiais analisados, sua incidência como elemento estruturante varia significativamente conforme o tipo de produção. Nos artigos científicos (Quadro 1), predomina a menção pontual no corpo do texto, com menor frequência de desenvolvimento conceitual e baixa presença de referencial teórico específico. Nessa produção, o uso do termo concentra-se majoritariamente na temática qualidade de vida associada ao bem comum, conforme a tipologia de Cunha e Souza (2023), sendo menos recorrentes os usos como código de conduta e costumes ou em articulação aprofundada com o debate do Sumak Kawsay.

Nos capítulos de livro (Quadro 2), observou-se maior consistência teórica. Em ambos os textos são explícitos referenciais do Abya Yala e articulação estruturada com o debate do Sumak Kawsay e Sumaq Qamaña. Ainda que não apresentem pesquisa empírica direta com povos indígenas, os capítulos demonstram fundamentação teórica mais robusta e posicionamento crítico mais definido no interior do debate.

Já nas pesquisas acadêmicas de graduação e pós-graduação (Quadro 3), identifica-se maior diversidade de usos e maior incidência de aprofundamento conceitual. Parte significativa desses trabalhos apresenta referencial teórico e, em alguns casos, pesquisa empírica com povos indígenas específicos. Incluso usa o termo como referencial teórico. Observa-se também a ampliação do debate para matrizes afro-diaspóricas, indicando um movimento de articulação intercultural mais expandido. Nesse conjunto, o Bem-Viver aparece com maior frequência não apenas como qualidade de vida associada ao bem comum, mas também em conexão consistente com o debate de Abya Yala e com formulações situadas.

No que se refere à articulação com Cunha e Souza (2023), a categoria predominante nos quadros é a de qualidade de vida associada ao bem comum, seguida da conexão com o debate vinculado ao Sumak Kawsay. A compreensão como código de conduta e costumes aparece principalmente nos estudos que dialogam diretamente com povos indígenas. Já o uso como sinônimo isolado de qualidade de vida mostrou-se pouco expressivo.

Além dessas categorias, a análise permitiu identificar a recorrência de um uso

interpretado nesta pesquisa como “horizonte de vida”, entendido como articulação do Bem-Viver como ideal projetivo, ainda que não desenvolvido conceitualmente nos textos. Essa categoria emergente aparece de forma transversal, especialmente nos artigos, sugerindo que o termo, mesmo quando não aprofundado, opera como referência ética e aspiracional.

Por fim, é relevante destacar que a presença de estudos situados com povos indígenas consistiram na minoria dos trabalhos, o que indica que o diálogo com povos originários, embora presente, ainda não se constitui como eixo majoritário da produção da terapia ocupacional com o Bem-Viver.

A partir desse panorama, é possível reconhecer que a presença do conceito de Bem-Viver na produção acadêmica relacionada à terapia ocupacional no Abya Yala, ainda é pontual e se encontra em processo de construção. Embora apareça em diferentes contextos, observa-se que, na maioria dos casos, o termo é mencionado mais como inspiração do que como categoria teórica desenvolvida. O Chile e o Brasil se destacam por oferecerem um maior número de produções e conseqüentemente com maiores possibilidades de articulações entre o Bem-Viver e as práticas sociais e comunitárias da terapia ocupacional.

Considera-se que os achados denotam a lacuna entre saberes ancestrais e práticas profissionais, o que se considera relevante para a construção de epistemologias comprometidas com a vida, a diversidade e a justiça social não só no Abya Yala, como em outros territórios.

Concluindo a análise dos textos identificados na revisão de literatura, apresenta-se as sementes, expressão que alude ao aprofundamento nos diálogos estabelecidos com cinco dos 26 autores encontrados na revisão. Essa etapa busca compreender, de forma mais próxima e situada, como cada um/a/e se aproxima do conceito de Bem-Viver. Entende-se, assim, que cada semente corresponde a um/a/e autor/a/e, cujas reflexões contribuem para expandir e adensar o debate construído até aqui.

4.2 Entrevistas: semeando a terapia ocupacional e o Bem-Viver

Neste tópico serão apresentados e discutidos os resultados relacionados às entrevistas semiestruturadas. Nesta etapa do trabalho, buscou-se realizar aproximações sobre como os autores compreendem e mobilizam o Bem-Viver e se seria possível tecer articulações com a terapia ocupacional, a partir de suas experiências e trajetórias.

Inicialmente, ressalta-se que, embora os cinco autores identificados na revisão de literatura mobilizem o termo Bem-Viver em suas produções acadêmicas, a maioria o menciona de forma tangencial, sem alçá-lo à condição de eixo estruturante de suas análises. Apenas um dos autores assume o Bem-Viver como referencial central em sua produção acadêmica, ainda que não o estabeleça como fundamento orientador de sua atuação profissional.

Cumprido destacar que todos os autores mencionados neste estudo concederam

autorização formal para sua nomeação e inclusão no texto, em consonância com os princípios éticos que orientam esta pesquisa.

Nesse contexto, apresenta-se Juan Pino (Pino Morán, 2024), pesquisador chileno, nomeado neste estudo como Semente 1 do Chile. Na revisão de literatura, o autor figura com duas produções. A primeira, em coautoria com Fredy Ulloa, intitulada *Perspectiva crítica desde Latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporánea* (2016), contribui para o debate sobre deslocamentos epistemológicos na Terapia Ocupacional latino-americana. A segunda, *Terapias ocupacionales comunitarias para el buen vivir: un ensamblaje inevitable*, constitui o único trabalho identificado que estabelece aproximações explícitas entre a Terapia Ocupacional e o Bem-Viver, assumindo-o como eixo central de reflexão.

Da Argentina, identifica-se Adriana María Cella, denominada Semente da Argentina, cuja produção intitulada *Terapia Ocupacional, comunidad, territorio, pandemia* (Cella, 2021) integra o corpus deste estudo.

O segundo autor chileno é Alejandro Guajardo Córdoba, mencionado como Semente 2 do Chile, autor do texto *Sobre as novas formas de colonização em terapia ocupacional: reflexões sobre a Justiça Ocupacional na perspectiva de uma filosofia política crítica* (Guajardo, 2020).

Da Colômbia, destaca-se Viviana Marcela León Perilla, denominada Semente da Colômbia, com duas produções na revisão de literatura: *Garantizar el derecho a una muerte segura y culturalmente adecuada: el sentido de las ocupaciones en la tríada vida-muerte-renacimiento desde la visión indígena colombiana* (León Perilla, Magalhães 2024) e, em português, “*O bicho, aquele pirralho*” nos territórios indígenas colombianos: tecendo diálogos com a comunidade Kankuama em tempos de pandemia. (León Perilla, et al., 2021).

Por fim, a partir do território brasileiro, apresenta-se Magno Nunes Farias, mencionado como Semente do Brasil, autor do texto *Terapeutas ocupacionais na educação? Caminhos e possibilidades para/na América Latina e Caribe a partir de uma Comunidade de Prática* (Farias, 2022), igualmente considerado na revisão de literatura.

Para a apresentação e análise dos resultados provenientes das entrevistas semiestruturadas, adotou-se uma organização em dois momentos complementares. Inicialmente, são descritas as trajetórias acadêmicas e profissionais das sementes, de modo a contextualizar seus percursos formativos, campos de atuação e inserções territoriais. Tais dimensões são compreendidas como elementos constitutivos de suas elaborações conceituais e práticas, considerando que os participantes provêm de diferentes territórios do Abya Yala. Para tanto, aborda-se a experiência profissional em terapia ocupacional, incorporando a primeira

questão orientadora das entrevistas.

No segundo momento, analisam-se as percepções e compreensões dos participantes em relação ao Bem-Viver e suas articulações com a terapia ocupacional. Nesse contexto, investigou-se como os participantes compreendem o Bem-Viver, quais as referências acadêmicas, culturais ou vivenciais sustentam essa compreensão e de que maneira sua biografia, tanto pessoal quanto profissional, influencia a centralidade desse referencial em suas práticas.

As respostas às perguntas originalmente separadas de relação entre o Bem-Viver e a terapia ocupacional (pergunta 3) e fundamentações teórico-práticas da atuação profissional (pergunta 5) foram analisadas de forma conjunta, dado que os participantes articulam simultaneamente a compreensão conceitual com sua aplicação prática. Assim, evidencia-se como o Bem-Viver orienta não apenas o pensamento sobre a prática, mas também as escolhas metodológicas adotadas.

De forma similar, as perguntas relacionadas à contribuição do Bem-Viver para a categoria profissional (pergunta 6) e aos exemplos de casos ou histórias práticas (pergunta 7) foram tratadas conjuntamente, pois os relatos ilustram de modo integrado tanto as implicações conceituais quanto as experiências vivenciadas na prática cotidiana. Nesse sentido, emergem narrativas e casos que revelam a incorporação do Bem-Viver como elemento estruturante da prática profissional e docente, oferecendo evidências concretas das aproximações entre teoria e ação.

Além disso, investigou-se se os participantes dispõem de recursos, atividades ou materiais que possam ilustrar o Bem-Viver na prática em terapia ocupacional, bem como a existência de outros profissionais que alinhem o Bem-Viver como referencial para pensar e fazer a terapia ocupacional, incluindo indicações de materiais de referência.

A análise, portanto, busca evidenciar não apenas definições conceituais explícitas sobre o Bem-Viver, mas também os modos como esse referencial é incorporado nas práticas, nos discursos, nas referências teóricas e nas experiências situadas nas sementes. Tais dimensões são compreendidas como expressões de diferentes níveis de centralidade e densidade epistemológica atribuídos ao Bem-Viver, possibilitando reflexões sobre suas contribuições potenciais para a categoria profissional no contexto dos territórios da Abya Yala.

4.2.1 Trajetórias das Sementes

A Semente 1 do Chile é terapeuta ocupacional, graduado em 2008. Após a conclusão da graduação, iniciou sua atuação profissional em contexto rural, na comuna de Las Cabras, ao sul de Santiago do Chile, onde trabalhou por aproximadamente quatro anos em um Centro de

Saúde Familiar, integrando uma unidade de reabilitação em processo de implementação da estratégia de Reabilitação Baseada na Comunidade (RBC) na atenção primária chilena.

Segundo seu relato, essa experiência em território rural o levou a refletir criticamente sobre a prática tradicional da terapia ocupacional, enfatizando dimensões territoriais, comunitárias, sociais e culturais, em consonância com as condições de vida da população atendida. Paralelamente, realizou mestrado em Psicologia Comunitária, concluído por volta de 2014, com o objetivo de fortalecer sua atuação no campo comunitário e ampliar seus referenciais teórico-metodológicos.

Nesse período, desenvolveu ações vinculadas ao trabalho comunitário e territorial, envolvendo organizações sociais, infância, espaços públicos e hortas comunitárias, ampliando sua prática para além do atendimento individual. Posteriormente, iniciou atividades docentes na Universidad Andrés Bello, em Concepción, atuando por cerca de quatro anos na perspectiva social e comunitária da terapia ocupacional, contribuindo para sua inserção na formação curricular e nas práticas estudantis.

Entre 2016 e 2020, realizou doutorado em Sociologia em Barcelona, Espanha, com o propósito de aprofundar sua formação em pesquisa. Durante esse período, aproximou-se de perspectivas críticas, incluindo debates decoloniais e leituras relacionadas ao pensamento indígena e ao Bem-Viver, em diálogo com colegas latino-americanos e integrantes do povo Mapuche. O participante reconhece que sua aproximação ao Bem-Viver ainda é incipiente e em processo de construção, ressaltando a complexidade dessas cosmovivências e a necessidade de uma abordagem respeitosa.

A Semente 2 é terapeuta ocupacional formada na Argentina, graduada em janeiro de 1978 pela Escuela Nacional de Terapia Ocupacional, em Buenos Aires, o primeiro centro de formação da área no país. Antes de ingressar na Terapia Ocupacional, cursou dois anos de Sociologia na Universidade de Buenos Aires, interrompendo a formação em 1975, no contexto prévio à ditadura militar argentina. Posteriormente, também realizou formação em Psicomotricidade.

Iniciou sua trajetória profissional no Hospital de Clínicas, vinculado à Universidade de Buenos Aires, na área de Psicologia Médica, atendendo em consultórios externos infantojuvenis. Paralelamente, trabalhou em clínica psiquiátrica com modalidade de comunidade terapêutica, iniciando com adolescentes e posteriormente coordenando a área de gerontopsiquiatria. Desde o início de sua atuação, envolveu-se com a formação de estudantes, supervisionando práticas e atuando na docência da Terapia Ocupacional Psiquiátrica.

Entre o final da década de 1970 e 1990, concentrou sua atuação no campo da saúde mental. A partir da crise socioeconômica argentina do final dos anos 1980, direcionou seu

trabalho para contextos territoriais marcados por vulnerabilidade social, desenvolvendo projetos vinculados a uma organização nacional e transformando “ollas populares” em centros comunitários com propostas integrais de desenvolvimento social, incluindo educação, saúde e organização comunitária. Essa experiência se estendeu por diferentes regiões do país até 1998.

Posteriormente, fixou sua atuação no município de Florencio Varela, na Grande Buenos Aires, onde trabalhou por 23 anos em um centro comunitário de formação profissional. Nesse espaço, articulou capacitação em diversos ofícios com iniciativas de economia solidária, acompanhamento de jovens em vulnerabilidade social e criação de dispositivos socioeducativos, como centro de dia para adolescentes. Observa-se um deslocamento progressivo da prática clínica individual para projetos coletivos, comunitários e de desenvolvimento social, mantendo a Terapia Ocupacional como eixo estruturante de sua atuação.

A Semente 2 do Chile iniciou sua trajetória profissional no campo da psiquiatria, deslocando-se gradualmente para uma perspectiva ampliada de saúde mental. Nos primeiros anos, articulou sua prática ao acompanhamento de pessoas vítimas de violações de direitos humanos no contexto do terrorismo de Estado, incorporando de forma estruturante o enfoque dos direitos humanos em sua atuação.

Paralelamente, iniciou atividades docentes em Terapia Ocupacional na Universidad de Chile, mantendo atuação acadêmica em distintas universidades ao longo dos anos. No campo da saúde mental, participou ativamente dos processos de reforma psiquiátrica, assumindo a chefia do Programa de Saúde Mental da Primeira Região do Chile. Nesse contexto, conduziu o fechamento de instituições manicomiais e implementou dispositivos substitutivos, como hospitais-dia, lares protegidos e centros comunitários de saúde mental, articulando tais transformações à incorporação do enfoque de direitos humanos nas políticas públicas.

Com o decorrer da trajetória, ampliou sua atuação para o campo da deficiência, mantendo a centralidade da perspectiva de direitos humanos e incorporando a Reabilitação Baseada na Comunidade. Sua experiência abrange docência universitária, gestão de políticas públicas e atuação territorial, sustentadas por uma leitura social e política do fazer da Terapia Ocupacional.

A Semente da Colômbia se formou no ano 2014, construiu sua trajetória profissional no campo dos cuidados paliativos, identificando nessa área um diferencial para a atuação da terapia ocupacional no trabalho interprofissional. Essa aproximação ocorreu durante intercâmbio acadêmico no Brasil, experiência na qual reconheceu a importância da profissão no acompanhamento de pessoas com doenças crônico-degenerativas, em ações preventivas e no acompanhamento ao longo do adoecimento.

A partir dessa vivência, direcionou mestrado e doutorado ao campo dos cuidados paliativos, inicialmente caracterizando esse campo no contexto brasileiro, com ênfase em oncologia. Posteriormente, no doutorado, avançou na proposição de cuidado paliativo indígena, com enfoque intercultural e valorização dos saberes das comunidades, com o povo indígena Kankuamo (Kakashukwa) e Kogui (Kággaba)³⁶.

Ao retornar à Colômbia, atuou em contexto hospitalar universitário como terapeuta ocupacional clínica, acompanhando pessoas com câncer e outras condições crônicas. Centrou-se na resignificação do ambiente hospitalar como espaço de vida cotidiana, buscando torná-lo acolhedor e contextualizado para pacientes e famílias. Durante a pandemia, integrou a linha de frente em saúde, apoiando pacientes e familiares em processos de despedida mediados por recursos virtuais e na reorientação pós-internação.

Posteriormente, passou a atuar em outro contexto urbano colombiano no campo da saúde mental e patologia dual, mantendo a perspectiva paliativista como fundamento de sua prática, compreendendo a cronicidade, perdas simbólicas e reorganização de papéis como dimensões centrais do cuidado, estendendo esse acompanhamento às famílias. Paralelamente, aproxima-se do campo acadêmico por meio da supervisão de estudantes em prática e início de atividades docentes. Sua prática articula cuidados paliativos, uso terapêutico de plantas e aromaterapia, integrando dimensões físicas, emocionais e subjetivas do cuidado.

A Semente do Brasil iniciou sua formação em terapia ocupacional a partir de perspectiva tradicional voltada à saúde, mas demonstrou interesse precoce em abordagens territoriais e comunitárias, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e econômica. Seus primeiros contatos com comunidades periféricas permitiram observar como a atenção coletiva e a atuação social dialogam com a prática terapêutica ocupacional, graduou-se no ano 2015.

Posteriormente, aprofundou-se no campo acadêmico cursando mestrado em educação, aproximando-se das ciências sociais e humanas, dialogando com perspectivas decoloniais e movimentos sociais. Esse percurso possibilitou a articulação entre saberes populares e práticas educativas institucionalizadas, aproximando teoria e ação a partir das demandas locais.

Durante o doutorado, desenvolveu pesquisa participativa sobre ação comunitária, circulação cotidiana e projetos de vida em contextos rurais, aprofundando referências latino-americanas críticas, sobretudo no pensamento de Paulo Freire. Assim, articulou perspectiva

³⁶ Os povos indígenas Kankuamo (Kakashukwa) e Kogui (Kággaba) são dois dos quatro povos que habitam a Serra Nevada de Santa Marta, na Colômbia; os outros dois são os Wintukua (Arhuaco) e os Wiwa (Damana). Trata-se de um território sagrado denominado pelos mamos maiores wintukua como *CHUNDWA NIWI U'MUKE MI'NAKI NUGA'BATÁ*, o universo físico e espiritual, com todos os seus componentes, no qual se encontram os códigos que regem o restante da Terra según Salmon, 2018, p. 53

materialista, decolonial e interseccional, dialogando com questões de raça, etnia e opressão estrutural.

Ao longo da trajetória, a Semente do Brasil consolidou seus estudos na Terapia Ocupacional Social, fundamentada em princípios de justiça social, diálogo com saberes locais e participação comunitária, mantendo perspectiva crítica e transformadora que orienta sua atuação acadêmica e investigativa.

4.2.2 Apreensões das Sementes sobre o Bem-Viver

A análise das entrevistas evidencia que as sementes compreendem o Bem-Viver de maneiras diversas, embora algumas convergências se manifestem em termos de ética comunitária, relação com a natureza, valorização de saberes locais e perspectivas decoloniais.

Ao questionar os participantes sobre sua compreensão do conceito de Bem-Viver, a Semente 1 do Chile destacou a interação entre pesquisa e prática social em contextos vulneráveis. Embora atualmente centrado na pesquisa acadêmica interdisciplinar, ele mantém uma perspectiva crítica sobre a terapia ocupacional tradicional, percebida como excessivamente interventiva e clínica. Para esta Semente, o Bem-Viver se relaciona com participação e protagonismo das pessoas em seus projetos de vida, autodeterminação na criação de espaços e atividades que favoreçam a convivência e o desenvolvimento comunitário, bem como integração entre gerações e saberes locais, promovendo o diálogo entre conhecimentos tradicionais e práticas de saúde e educação. Observa-se que sua compreensão transcende a dimensão individual e clínica, situando-se em um marco social, coletivo e territorial, no qual dignidade, participação e interação comunitária são centrais.

A Semente da Argentina, ao refletir sobre o conceito, articulou-o com direitos humanos e coletivos, ressaltando a origem dos povos originários da América Latina e a incorporação de princípios semelhantes em constituições nacionais, como as da Bolívia e do Equador. Para ela, o Bem-Viver distingue-se do conceito de “bem-estar”, tradicionalmente associado à produção, consumo e acumulação de bens materiais, evidenciando a lógica capitalista que frequentemente gera desequilíbrios sociais e ambientais. Nesse sentido, o Bem-Viver integra harmonia coletiva, solidariedade e interdependência, respeito e cuidado pelos direitos à terra, água, alimentação, saúde, educação, trabalho e segurança social, além de uma perspectiva de desenvolvimento humano integral, que articula educação, saúde, trabalho, economia solidária, habitação digna, nutrição e comunicação, considerando diferentes dimensões da vida social e comunitária.

A Semente 2 do Chile aprofundou sua compreensão do Bem-Viver a partir de leituras críticas e decoloniais, vinculadas à perspectiva sul-americana e à teoria crítica da colonialidade

do poder de Aníbal Quijano. Ele situa o conceito no contexto de movimentos sociais, feminismo decolonial, pedagogias interculturais e cosmovisões dos povos originários, associando-o a uma ética comunitária e de reciprocidade. Para essa Semente, o Bem-Viver implica respeito à diversidade, solidariedade e reciprocidade, integração de diferentes cosmovisões e direitos humanos críticos, e aplicação prática na Terapia Ocupacional e no trabalho comunitário, refletindo valores de justiça social, coletividade e cuidado integral.

A Semente da Colômbia compreende o Bem-Viver como uma harmonia e respeito profundo por tudo o que existe, integrando dimensões naturais, comunitárias, espirituais e cotidianas. Suas experiências urbanas dialogam com aprendizagens advindas da convivência com comunidades indígenas tradicionais, revelando uma perspectiva prática e vivencial. O conceito envolve respeito pelo ciclo natural da vida, reconhecimento da morte como elemento natural, conexão com a terra e a natureza, práticas ancestrais e rituais de agradecimento, dimensão comunitária e integração com as ocupações cotidianas, como cozinhar, tecer, participar de rituais e cultivar o território. Assim, o Bem-Viver se apresenta como ética de cuidado, responsabilidade e respeito, onde a realização pessoal está profundamente ligada à harmonia com o mundo natural, social e espiritual. Ela ressalta que tem mais experiência em cuidados paliativos do que em abordagens comunitárias ou sociais; no entanto, por meio do estudo realizado com a comunidade indígena, consegue também vivenciar e desenvolver experiências no âmbito comunitário.

A Semente do Brasil entende o Bem-Viver como um processo ligado aos saberes cotidianos e historicamente negligenciados, mais do que um conceito teórico formal. Para ela, valorizar saberes ancestrais e populares, reconhecer conflitos, tensões e opressões históricas, promover diálogo e coletividade, e integrar práticas educacionais e comunitárias compõem as dimensões centrais do Bem-Viver. Esse olhar articula a ética da ancestralidade e da interdependência, a problematização dos saberes locais e a não essencialização das práticas, enfatizando a construção coletiva e a transformação social a partir de experiências cotidianas.

A partir dessas compreensões, emergem convergências significativas entre as sementes. Primeiramente, o Bem-Viver aparece como uma ética comunitária e relacional, na qual o sujeito não se entende separado da comunidade. Para as sementes da Argentina e da Colômbia, essa ética se manifesta na interdependência e responsabilidade com a coletividade, enquanto as sementes chilenas e a do Brasil destacam a construção de espaços comunitários, a integração de saberes e a valorização de conhecimentos historicamente marginalizados.

Outra dimensão recorrente é a crítica ao individualismo e ao produtivismo. Para a Semente Argentina, o Bem-Viver se opõe à lógica de consumo e acumulação material do “bem-estar”, e para a Semente da Colômbia, distingue-se da vida urbana hiperprodutiva, conectando-

se aos ciclos naturais. A Semente do Brasil questiona estruturas de poder e saberes hegemônicos, enquanto as sementes chilenas relacionam a crítica à perspectiva decolonial e à superação de práticas intervencionistas da Terapia Ocupacional.

O vínculo com a natureza e os ciclos da vida constitui um eixo central nas falas dos profissionais, embora com intensidades distintas. Para a Semente da Colômbia, a relação com a natureza, a morte e os ciclos da vida é central; para a Semente da Argentina, destaca-se a harmonia com a Mãe Terra e os direitos à água e à terra; a Semente 2 do Chile integra cosmovisão andina e ética comunitária; a Semente 1 do Chile expressa esse vínculo em hortas terapêuticas e fortalecimento do território rural; no Brasil, a dimensão aparece mediada por saberes ancestrais e discussão ambiental como problema coletivo. Dessa forma, as narrativas dos participantes revelam que nas compreensões sobre o Bem-Viver esse não se limitaria ao humano, pois incluem relações ampliadas com o território e o mundo natural.

Além disso, o Bem-Viver assume, para algumas sementes, uma dimensão epistemológica e política, articulando perspectivas decoloniais, valorização de saberes não legitimados e reconhecimento dos povos originários. Para a Semente 2 do Chile, representa alternativa crítica ao pensamento moderno ocidental, enquanto a Semente do Brasil enfatiza a produção de mundo a partir de saberes locais. A Argentina evidencia a incorporação do conceito em projetos políticos latino-americanos, a Colômbia o vivencia de forma prática e relacional, e a Semente 1 do Chile o vincula mais à prática social do que à formulação conceitual.

Finalmente, as falas revelam tensões e deslocamentos importantes: entre teoria e prática, experiência urbana e vivência ancestral, direitos humanos e ética decolonial, saber popular e sua problematização. Acredita-se que essas tensões não indicam necessariamente uma contradição, mas evidenciam pluralidade de entradas e interpretações sobre o Bem-Viver, enriquecendo a compreensão coletiva do conceito.

Em síntese, as cinco sementes não apresentam uma definição única de Bem-Viver, mas revelam um campo plural articulando ética comunitária, crítica ao individualismo, vínculo com a natureza, valorização de saberes marginalizados e perspectivas decoloniais e latino-americanas, desvelando percepções sobre um conceito em constante construção e profundamente situado nas práticas sociais, acadêmicas e territoriais de cada participante.

4.2.3 Referenciais que as Sementes articulam ao Bem-Viver

Ao questionar as sementes sobre quais referências acadêmicas, culturais ou vivenciais fundamentam sua compreensão sobre o Bem-Viver, e como tal conceito aparece em suas trajetórias pessoais e profissionais, emergem diferentes matrizes de referência. O Bem-Viver

surge, assim, simultaneamente como campo em disputa, horizonte ético-político e prática cotidiana encarnada.

Para a Semente 1 do Chile, o conceito emerge a partir de uma experiência político-intelectual situada, especialmente vinculada ao processo constituinte chileno e aos debates sobre multiculturalidade, interculturalidade e direitos dos povos originários. Suas referências centrais incluem autores como Alberto Acosta, pelos debates constitucionais equatorianos e pela sistematização do *Buen Vivir* como horizonte político; Ramón Grosfoguel, no pensamento crítico e articulação com a colonialidade; Enrique Dussel, pela filosofia da libertação; Katherine Walsh, pelas pedagogias decoloniais e interculturalidade crítica; Silvia Rivera Cusicanqui, pela crítica ao colonialismo interno e à modernidade; Edgardo Lander, pela crítica ao desenvolvimento e à modernização capitalista; e Aníbal Quijano, de forma crítica, sobretudo no que tange à teoria da colonialidade do poder. A partir desses referenciais, o Bem-Viver se configura para a Semente como categoria político-epistêmica em disputa, expressão de cosmovisão indígena silenciada e horizonte crítico frente à racionalidade ocidental moderna. Identifica-se que para a Semente há uma articulação bem estabelecida entre teoria decolonial e pensamento originário, ainda que reconheça tensões internas, sobretudo quanto à incorporação do feminismo.

A Semente da Argentina associa o termo a uma dimensão ética, espiritual e pedagógica, articulada à justiça social e à transformação cotidiana. Suas referências incluem Paulo Freire, como base da educação popular e as Madres de la plaza de Mayo; Ivone Guebara, pela teologia feminista; Leonardo Boff, pela ecologia integral; Pablo Gentili, no campo das políticas educacionais; e Mercedes Gagneten, no trabalho social crítico. Assim, o Bem-Viver se apresenta como paradigma de desenvolvimento em perspectiva de direitos, processo multidimensional e caminho de emancipação, incorporando práticas cotidianas de cuidado, não violência e justiça ocupacional. Sua trajetória biográfica revela um compromisso político com setores populares e com a devolução social do conhecimento adquirido nas universidades públicas, articulando ética da responsabilidade social e transformação concreta das condições de vida.

Para a Semente 2 do Chile, o conceito é relacionado a teoria crítica e filosofia política latino-americana. Suas referências incluem Álvaro García Linera, como referência política; Enrique Dussel, no âmbito filosófico; Katherine Walsh, na perspectiva intercultural; Silvia Rivera Cusicanqui, na crítica à colonialidade; Edgardo Lander, na crítica ao desenvolvimento; e uma referência crítica a Aníbal Quijano, reconhecendo limites em sua obra quanto à incorporação do feminismo e das epistemologias indígenas. Nessa trajetória, o Bem-Viver emerge na interseção entre saberes dos povos originários, teoria crítica da colonialidade e

perspectivas feministas, destacando que o conceito se origina nos povos indígenas e, posteriormente, é tensionado e articulado com a crítica moderna. Assim, o Bem-Viver se configura para essa Semente como construção teórico-política em permanente reelaboração, que articula experiências comunitárias, debates constitucionais e críticas à racionalidade ocidental.

A Semente da Colômbia adota uma posição metodológica distinta, partindo exclusivamente dos conhecimentos dos povos ancestrais com os quais interage. Opta por não recorrer a referenciais acadêmicos prévios, fundamentando sua compreensão do Bem-Viver na Lei de Origem e na autoridade epistêmica dos “irmãos e irmãs maiores” da Sierra Nevada de Santa Marta. Nessa perspectiva, o Bem-Viver se apresenta como saber originário, resultando em inversão da hierarquia do conhecimento, prática de descolonização epistemológica e reconhecimento da centralidade dos povos originários como sujeitos produtores de saber, permitindo que o conceito emergja da experiência compartilhada, sem imposição de categorias externas.

A Semente do Brasil articula o Bem-Viver ao cotidiano, à estrutura social e à interseccionalidade. Suas referências incluem Paulo Freire, como fundamento do diálogo e pedagogia libertadora; Katherine Walsh, como referência decolonial latino-americana; Lélia Gonzalez, na interseccionalidade entre raça, classe e gênero; Ailton Krenak, na crítica civilizatória; Agnes Heller, na reflexão sobre a vida cotidiana; Karel Kosik, na dialética do concreto; Frantz Fanon, na crítica ao colonialismo; e Kabengele Munanga, na questão racial e de pertencimento. Para esta Semente, o Bem-Viver é entendido como missão coletiva atravessando experiências individuais, com diálogo freiriano como método e interseccionalidade racial e de gênero como instrumentos de análise estrutural das desigualdades. O conceito articula crítica estrutural, experiência cotidiana, escuta do sujeito e disposição para o encontro, consolidando uma perspectiva situada, ética e transformadora.

A análise geral das referências das cinco sementes evidencia que o Bem-Viver é fundamentado em perspectivas distintas, em uma constelação plural de fontes, podendo ser sintetizadas em: político-constitucionais, teórico-decoloniais, ético-pedagógicas, originárias-comunitárias e crítico-estruturais. Ao situar esse panorama em diálogo com as correntes propostas por Hidalgo-Capitán (2012) (indigenista, socialista/estatista e pós-desenvolvimentista/ecologista), observa-se que as sementes transitam entre essas perspectivas, combinando fundamentos originários, mediações estatais e críticas à modernidade e ao capitalismo. A Semente da Colômbia aproxima-se da vertente indigenista; as sementes chilenas articulam dimensões indigenistas com debates constitucionais e teoria decolonial; a Semente da Argentina conjuga horizonte ético freiriano com crítica ao desenvolvimento; e a Semente do

Brasil integra interseccionalidade, cotidiano e crítica estrutural, dialogando com autores como Paulo Freire e Ailton Krenak.

Assim, as narrativas sugerem que os referenciais do Bem-Viver operam menos como pertencimento a uma corrente delimitada e mais como campo plural de convergência, no qual cosmovisão originária, crítica estrutural, institucionalidade e práxis cotidiana se articulam de forma dinâmica e em constante reelaboração.

Ao explorar a articulação entre o conceito de Bem-Viver e a terapia ocupacional, as cinco sementes apresentam modos distintos de relacioná-los, revelando nuances que atravessam prática cotidiana, ética e territorialidade. A Semente 1 do Chile aponta que essa articulação ainda é incipiente, tanto na literatura quanto na prática profissional, destacando a marginalidade do pensamento indígena na formação e na prática da terapia ocupacional, predominando perspectivas médicas e ocidentalizadas que estruturam hierarquias epistemológicas e modos de produção do conhecimento. Apesar desse cenário, a semente identifica movimentos emergentes, sobretudo no sul global, vinculados à terapia ocupacional crítica, social, feminista e comunitária, que começam a dialogar com o Bem-Viver, especialmente em territórios como o Wallmapu, onde terapeutas ocupacionais mapuche articulam a formação acadêmica com suas cosmovivências originárias. Exemplos como o terapeuta Lincuyán Páinamel, e referências na terapia ocupacional comunitária e sociopolítica, como Mónica Palacios e Michelle Lapierre, ilustram práticas que incorporam o Bem-Viver, embora ainda não constituam ou nomeie uma “terapia ocupacional do Bem-Viver”. A semente enfatiza a necessidade de cuidado ético para evitar violência epistêmica ou extrativismo conceitual.

Em contraste, a Semente da Argentina articula o Bem-Viver à terapia ocupacional a partir de uma perspectiva de direitos humanos e da vida cotidiana, concebendo a prática como inseparável da garantia de direitos. A experiência vivida e a formação junto a terapeutas e mestres da educação popular fundamentam sua compreensão de que não há atividade terapêutica sem direitos, e que a emancipação deve acompanhar qualquer intervenção. Aqui, o Bem-Viver não é apenas um conceito reflexivo, mas um modo de viver, estruturando a prática da terapia ocupacional de forma ética e política, mesmo em contextos de reabilitação física ou sofrimento mental, e orientando a atenção individual, grupal ou coletiva.

A Semente 2 do Chile propõe uma articulação mais radical, entendendo o Bem-Viver como uma crítica dialética à terapia ocupacional dominante e como caminho para a transformação ontológica da área. Ao diferenciar “outras terapias ocupacionais”, que questionam a hegemonia, mas permanecem na totalidade da lógica dominante, de uma “terapia ocupacional outra”, que assume uma inflexão ética mais profunda, essa semente vincula o

conceito à noção de “negação da negação”, sustentando que a terapia ocupacional crítica deve ultrapassar a simples crítica epistemológica e assumir uma ética situada nos excluídos e negados. Referências como Paulo Freire e Enrique Dussel fundamentam essa perspectiva, articulando o Bem-Viver como instrumento para romper com a colonialidade do saber e da ética, constituindo uma nova identidade disciplinar e uma transformação paradigmática da própria terapia ocupacional.

A Semente da Colômbia relaciona o Bem-Viver diretamente à centralidade do território, à espiritualidade e à dimensão do “bom morrer”, evidenciando a conexão entre práticas culturais, pertencimento comunitário e equilíbrio entre fazer, ser e pertencer. Para essa semente, a terapia ocupacional acompanha e fortalece esses processos, valorizando ocupações ancestrais e práticas situadas, integrando o cuidado com a vida cotidiana e os rituais simbólicos, especialmente em contextos interculturais. Diferentemente das perspectivas centradas em direitos ou crítica epistemológica, aqui o Bem-Viver se articula à terapia ocupacional na prática territorial concreta, reforçando o valor cultural e simbólico das ocupações.

A Semente do Brasil entende o Bem-Viver como anúncio de potência e transgressão, evidenciando brechas de liberdade em contextos de opressão de classe, raça e gênero. O conceito surge no cotidiano, como expressão de estratégias de autonomia e resistência, e se articula à terapia ocupacional na atenção às experiências concretas dos sujeitos, valorizando a criatividade e o protagonismo das comunidades. O Bem-Viver é concebido como horizonte ético-político, não normativo, que orienta práticas que promovem emancipação, justiça social e reconstrução de estratégias de existência.

De forma integrada, as sementes convergem na crítica à centralidade ocidental e biomédica da terapia ocupacional, reconhecendo o Bem-Viver não apenas como conceito teórico, mas como horizonte de prática que exige cuidado ético, sensibilidade intercultural e compromisso com direitos, territorialidade e cosmovivências. Apesar de emergente e ainda fragmentada, essa articulação anuncia um potencial para a articulação do Bem-Viver e a terapia ocupacional no contexto do Abya Yala, indicando que o conceito orienta tanto a compreensão do cotidiano e das práticas ocupacionais quanto a definição de diretrizes éticas, culturais e sociais que atravessam a intervenção profissional, reforçando a centralidade da autonomia, da comunidade e da valorização dos saberes locais.

A partir da compreensão sobre os referenciais, emerge de forma natural a questão das fundamentações teórico-práticas que subsidiam a atuação dos terapeutas ocupacionais, especialmente aquelas que se articulam ao Bem-Viver. Colocar em pauta essa dimensão permite dar destaque a possíveis métodos e abordagens concretas que sustentam a prática profissional na interação com os sujeitos, comunidades e territórios. As respostas das sementes

à questão 5 evidenciam que tais fundamentações estão profundamente ancoradas em perspectivas críticas, descolonizadoras, ético-políticas e comunitárias, ainda que apresentem diferentes ênfases e níveis de consolidação.

A primeira semente chilena aponta como referência central o pensamento de Alejandro Guajardo, sobretudo a noção de uma “terapia ocupacional outra”, entendida como crítica à concepção de uma terapia ocupacional científica, eurocêntrica e anglo-saxã. Embora Guajardo não trabalhe diretamente com o conceito de Bem-Viver, sua perspectiva abre espaço para outras formas de produção de conhecimento, vinculadas às epistemologias do sul e aos debates sobre descolonização. Sandra Galheigo também é mencionada como referência relevante, especialmente no campo da Terapia Ocupacional Social e das práticas descolonizadoras. Nesse contexto, o Bem-Viver pode operar como eixo estruturante de um giro descolonizador, despatriarcal e descolonial na terapia ocupacional. Entretanto, a semente ressalta que esse movimento ainda se encontra majoritariamente no plano discursivo e teórico, demandando encarnação prática, vivencial e espiritual, expressando certo ceticismo quanto à capacidade da profissão de assumir radicalmente tal transformação e alertando para o risco de apropriações instrumentais do conceito.

De maneira complementar, a semente argentina fundamenta sua prática em uma rede de formação coletiva construída com terapeutas ocupacionais e docentes que contribuíram para sua trajetória reflexiva. Novamente é destacada a importância de Sandra Galheigo, assim como de colegas e mestres com quem foram desenvolvidos grupos de estudo e aprendizagem. Para essa autora, o Bem-Viver não se configura apenas como categoria teórica, mas como uma maneira de viver, marcada pela resistência às violências, aos confinamentos e às soberbias. A fundamentação prática articula direitos humanos, formação coletiva e saberes populares, reafirmando o Bem-Viver como prática encarnada no cotidiano e na luta social. O encontro pessoal, grupal e comunitário, a valorização da gratuidade, da natureza e do conhecimento popular, além da experiência de aprendizado “com o povo”, consolida a prática da terapia ocupacional emancipatória.

A segunda semente chilena apresenta uma fundamentação que parte da compreensão de que o sujeito existe na alteridade, e que a prática profissional deve reconhecer o sofrimento do outro como próprio, superando posturas salvacionistas ou assimétricas. Para essa perspectiva, a terapia ocupacional configura-se como um “ofício do sofrimento”, inscrito em uma ética da reciprocidade e da comunidade, rejeitando padronizações, universalizações, homogeneizações e medicalizações. Propõe-se, assim, uma prática territorial, comunitária e politizada, inspirada na “antropologia da demanda” de Rita Segato, que valoriza a politização das identidades, exemplificada pelo coletivo “Locos por nuestros derechos”. Nessa linha, a fundamentação

inclui posturas antipatriarcal, anticapitalista, antimeritocrática e anticapacitista, enfatizando o reconhecimento da agência dos sujeitos como eixo central da prática terapêutico ocupacional.

Por sua vez, a semente colombiana propõe que a articulação entre terapia ocupacional e Bem-Viver seja pensada a partir de uma perspectiva menos assistencial e mais política, filosófica e administrativa, sobretudo na construção de espaços interculturalmente seguros. Destaca a importância da dimensão espiritual e do cuidado no processo de morrer, indicando que a profissão pode ampliar sua atuação para contextos ainda pouco reconhecidos, como os cuidados paliativos em perspectiva intercultural. Ancorada na ciência ocupacional, essa semente entende a ocupação como transversal e inseparável da espiritualidade, de modo que o respeito a essa dimensão constitui elemento essencial da fundamentação prática relacionada ao Bem-Viver.

A semente brasileira articula sua fundamentação principalmente a partir de Paulo Freire, enfatizando o diálogo, o encontro e a centralidade da voz do sujeito como condições para a liberdade e o Bem-Viver. Além disso, mobiliza autores que contribuem para a compreensão da colonialidade, das estruturas sociais e das interseccionalidades, como Lélia Gonzalez, Kabengele Munanga, Agnes Heller, Nancy Fraser, além do marxismo como matriz analítica e da Terapia Ocupacional Social. Essas referências permitem conectar a vida cotidiana à estrutura social, articulando opressões de classe, raça e gênero à prática terapêutico ocupacional. Nessa perspectiva, o Bem-Viver emerge como construção coletiva, realizada no encontro e na transformação das condições estruturais.

De maneira geral, as fundamentações teórico-práticas indicadas pelas sementes convergem em alguns pontos centrais: a crítica à colonialidade do saber, a valorização da alteridade e da comunidade, a politização da prática profissional, a centralidade do cotidiano e o compromisso com a transformação das estruturas de opressão. O Bem-Viver aparece, portanto, não como técnica ou método específico, mas como horizonte ético-político que orienta escolhas teóricas, posicionamentos epistemológicos e modos de atuação territorializados, dialógicos e comprometidos com a justiça social.

4.2.4 Vivências profissionais das Sementes

Nas narrativas compartilhadas pelas sementes, o Bem-Viver é referido também como uma experiência situada, construída na prática cotidiana da terapia ocupacional. Seus relatos evidenciam que o Bem-Viver se produz no território, na reciprocidade, na solidariedade e na crítica às racionalidades técnicas que fragmentam a vida.

A Semente 1 do Chile, remete sua experiência em um centro de saúde familiar em contexto rural como um exemplo. Segundo ela, a criação de uma horta comunitária implica em

ressignificar saberes camponeses historicamente subordinados à lógica produtivista. Como afirma: “*pero de una manera no explotadora*”, indicando o esforço de recuperar conhecimentos agrícolas desvinculados da racionalidade industrial-capitalista. A proposta articula intercâmbio de sementes, cultivo para autoconsumo, soberania alimentar e fortalecimento de vínculos comunitários. Cada participante dispunha de um espaço próprio de cultivo, mas inserido em uma dinâmica de troca e colaboração. A horta configurou-se como espaço de encontro e de bem-estar emocional, deslocando-se de uma perspectiva “*rehabilitadora tradicional, funcionalista, centrada en las cuestiones del cuerpo físico*”. Progressivamente, outros profissionais da equipe passaram a reconhecer o valor da experiência, encaminhando pessoas que vivenciavam sofrimento psíquico para participar do espaço. Trata-se de uma prática que permanece ativa há mais de dez anos, evidenciando que o Bem-Viver se sustenta como processo coletivo, comunitário e duradouro.

A Semente da Argentina situa sua experiência principalmente no campo da docência e da formação comunitária. Sua trajetória buscou afastar-se de modelos reducionistas e individualistas de atenção, promovendo uma terapia ocupacional enraizada nos contextos culturais, sociais e econômicos. No seminário “TextOs en ContextOs”, articulava leitura teórica e experiência cotidiana, questionando: “*¿Cómo lo que creía absoluto es dinámico y forma parte de un proceso de desarrollo al que debo ir añadiendo gradualmente otros ingredientes?*”. Esse movimento permitiu que estudantes revisassem preconceitos e reconhecessem “*toda la trama solidaria, gestora y creadora que hay en los sectores populares*”. Inspirada na pedagogia dialógica, a semente afirmava que “*nadie lo sabe todo ni lo ignora todo. Todos sabemos algo y todos ignoramos algo*”, sustentando uma construção coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, o Bem-Viver manifesta-se como prática formativa, comprometida com a solidariedade, com o enraizamento histórico e com a transformação mútua entre universidade e comunidade.

A Semente 2 do Chile problematiza o Bem-Viver a partir da crítica à desumanização institucional. Ao relatar a avaliação de um serviço de reabilitação comunitária, evidencia como o modelo biomédico fragmenta o sujeito: “*No hay sujeto, no hay persona, la mano es el sujeto*”. Diante de uma prescrição padronizada para uma mulher com artrose, a reconstrução de sua história — mãe, trabalhadora informal, migrante interna e sem rede de apoio — revela a complexidade invisibilizada pelo diagnóstico. Ao imaginar a exigência de múltiplas sessões coexistindo com a necessidade de manter o trabalho manual em condições adversas, afirma: “*eso es deshumanización*”. Para essa semente, o Bem-Viver implica transformar as condições concretas de existência, fomentando redes de solidariedade, sistemas de apoio mútuo e reciprocidade cotidiana. “*Ahí se empieza a generar vida, eso para mí es el Buen Vivir*”,

sintetiza. Assim, o Bem-Viver aparece como horizonte dinâmico, não como estado estático, exigindo a superação de práticas que negam a humanidade e abrindo espaço para outras formas de organização da vida.

A Semente da Colômbia amplia a compreensão do Bem-Viver ao incorporar a dimensão espiritual e ritual, especialmente em contextos de morte em comunidades indígenas. Ao participar de rituais fúnebres e processos de despedida, descreve experiências de dignificação da vida por meio da memória, do fogo compartilhado e de objetos que representavam a singularidade da pessoa falecida. Destaca que o Bem-Viver não se expressa apenas no fazer, mas também no “não fazer”: no respeito ao silêncio, ao tempo e ao sagrado. Propõe a noção de “*rendimiento/desprendimiento ocupacional*”, questionando o imperativo ocidental da produtividade permanente. Para ela, acompanhar implica “*simplemente estar, apreciar, observar y acompañar*”, reconhecendo que o cuidado culturalmente seguro exige conter a imposição técnica e respeitar outras ontologias. Nesse sentido, o Bem-Viver também se vincula ao respeito radical pelas temporalidades e espiritualidades próprias de cada comunidade, inclusive no processo de bem morrer.

Por fim, a Semente do Brasil articula o Bem-Viver a uma perspectiva antirracista, decolonial e fundamentada na sociologia da vida cotidiana. Sua prática docente, de extensão e de pesquisa participante desenvolve-se junto a populações atravessadas por múltiplas opressões: juventudes rurais, pessoas negras, mulheres rurais e população trans. A partir de referenciais críticos e dialéticos, enfatiza a necessidade de compreender como categorias macroestruturais, como capitalismo, racismo estrutural e desigualdades de classe, se concretizam nas experiências singulares. Destaca a importância de trabalhar a “*questão dialética da contradição*” e de reconhecer que profissionais também atuam em meio às tensões estruturais do próprio Estado. O Bem-Viver manifesta-se, assim, como prática antiopressiva que articula macroestrutura e cotidiano, individual e coletivo, promovendo processos de conscientização, diálogo e transformação social.

Em conjunto, as narrativas evidenciam que o Bem-Viver, na terapia ocupacional do Abya Yala, se materializa como prática comunitária, dialógica, territorializada e eticamente comprometida com a sustentação da vida. Não se trata de um ideal fixo, mas de um horizonte em permanente construção, que exige descentrar o sujeito fragmentado, reconhecer saberes outros e fortalecer redes concretas de apoio, reciprocidade e dignificação da existência.

A partir das experiências relatadas, torna-se possível compreender que o Bem-Viver, longe de constituir uma elaboração individual ou isolada, se configura como construção coletiva, tecida em redes de interlocução profissional, acadêmica e comunitária. Nesse sentido, a transição para a questão final, sobre o reconhecimento de outros/as profissionais que alinham

o Bem-Viver ao pensar-fazer da terapia ocupacional, emerge de forma orgânica no próprio movimento das narrativas.

Por razões éticas às pessoas mencionadas, seus nomes e contatos não serão explicitados, entretanto, cabe mencionar que todas as sementes indicaram colegas cujas práticas profissionais e acadêmicas dialogam diretamente com o horizonte do Bem-Viver. Tal reconhecimento evidencia que não se trata de iniciativas isoladas, mas de um campo em consolidação, sustentado por redes de colaboração, intercâmbio e construção epistemológica na Abya Yala.

As sementes referenciaram profissionais que desenvolvem práticas comunitárias, processos formativos críticos, pesquisas participativas e experiências territoriais comprometidas com a justiça social, a soberania alimentar, a dimensão espiritual do cuidado, a perspectiva antirracista e a valorização dos saberes populares e ancestrais. Foram igualmente mencionados profissionais vinculados a diferentes comunidades indígenas, cujas práticas ampliam o escopo da terapia ocupacional ao integrar cosmovivências próprias, territorialidades específicas e outras concepções de saúde, cuidado e vida coletiva.

As indicações realizadas pelas sementes demonstram que há um movimento regional consistente de produção teórico-prática, comprometido com perspectivas sociais, emancipatórias, decoloniais, comunitárias e antiopressivas, que podem ser delineadas dentro da perspectiva do Bem-Viver, conforme relatam as sementes.

Assim, ao responderem à pergunta sobre outros/as profissionais e materiais de referência, as sementes não apenas apontaram nomes, mas evidenciam a existência de uma trama na Abya Yala de produção de conhecimento que articula prática, pesquisa e militância ético-política. Trata-se de um campo em expansão, no qual o Bem-Viver parece se somar para ser afirmado como horizonte compartilhado, construído de forma plural, situada e coletiva.

4.3 Terapia ocupacional e o Bem-Viver: análises e aportes

Assim como é pertinente descrever um contexto histórico para apresentar o Bem-Viver, torna-se igualmente necessário contextualizar a terapia ocupacional, consolidada na região a partir de uma matriz anglo-saxã. Essa matriz foi fundada em saberes e diretrizes de uma prática profissional hegemonicamente norte-centrada, seja em moldes europeus, seja estadunidenses.

É importante reconhecer que tais referenciais precisaram ser tensionados, apropriados e ressignificados quando situados em territórios colonizados e historicamente explorados. Nesses contextos, os saberes locais não estavam ausentes, mas eram frequentemente silenciados ou subordinados.

A formação em terapia ocupacional na América Latina emergiu em um cenário histórico complexo, atravessado por influências internacionais, dinâmicas de colonialidade e

especificidades sociopolíticas diversas. Esse processo esteve associado à replicação de modelos formativos orientados por perspectivas do Norte Global, à subordinação histórica à medicina, à destinação inicial dos cursos a mulheres das elites urbanas e à incorporação de diretrizes da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais. Também contou com a atuação de organismos de cooperação internacional, como a ONU, a OMS, a OPAS e a OIT. (Monzeli, 2021)

A institucionalização da profissão, portanto, não ocorreu de forma isolada, mas inserida em territórios marcados por processos estruturais que condicionam suas possibilidades de desenvolvimento (Leiva-Diaz; Malfitano, 2024).

Apesar das diferenças regionais, alguns fatos históricos marcaram os países latino-americanos, como a colonização, o saque sistemático de recursos, a implementação de modelos neoliberais e, em diversos contextos, a instauração de ditaduras militares. Para compreender o processo formativo da profissão, diversos autores investigaram seus primórdios na região. Monzeli (2021) registra o início formal dos programas na década de 1950, começando pelo Brasil (1956), seguido por México (1957), Argentina (1959), Venezuela (1959), Chile (1963), Colômbia (1966), Equador (1973), Costa Rica (1996), Panamá (2000), Uruguai (2002), Bolívia (2010) e Paraguai (2013).

Antes da institucionalização formal, já existiam cursos técnicos esporádicos, financiados por convênios internacionais ou promovidos por profissionais formados no exterior. Assim, em muitos casos, a prática antecedeu a formação acadêmica sistematizada (Monzeli, 2021).

Paralelamente, as condições sociopolíticas, marcadas por regimes autoritários e ditaduras militares, impactaram diretamente o investimento e a consolidação da formação profissional. Esse foi o caso do Brasil (1964–1985), Chile (1973–1990), Argentina (1976–1983), Uruguai (1973–1985) e Paraguai (1954–1989) (Monzeli, 2021).

Dessa forma, a história da terapia ocupacional na América Latina não pode ser narrada como uma totalidade homogênea. Cada país vivenciou contextos políticos, econômicos e sociais distintos. A influência dos Estados Unidos deve ser compreendida no interior das dinâmicas globais de poder e de colonialidade, sem que isso represente automaticamente as realidades locais.

A criação de programas formais e sua expansão ao longo do tempo refletem tanto os efeitos da cooperação internacional quanto às tensões entre modelos importados, intensificadas pela rápida expansão do pensamento neoliberal, e as demandas sociais específicas. Esse movimento configurou um processo simultâneo de dependência, resistência e desenvolvimento profissional. Tal resistência consolidou-se como elemento estruturante para a

emergência de terapias ocupacionais diversas, fortemente situadas e territorializadas (Leiva-Diaz; Malfitano, 2024). Nesse sentido, Leiva-Diaz e Malfitano afirmam que:

Desde los primeros años se advierte en América Latina un potencial creador que emerge en las formas de vida que se fueron entretrejiendo en estos territorios cruzados, inevitablemente por las huellas coloniales, lo que impulsó a muchos colectivos de terapia ocupacional a construir praxis situadas históricamente (Leiva-Diaz; Malfitano, 2024, p. 208).

O fortalecimento coletivo da profissão também se evidenciou com a constituição, em 1997, da Confederação Latino-Americana de Terapeutas Ocupacionais (CLATO), que ampliou o espaço de articulação regional, favoreceu o fortalecimento identitário e impulsionou a produção escrita no campo.

No Brasil, desde o final da década de 1970, vêm sendo engendradas transformações significativas, especialmente no campo da saúde mental, em articulação com os movimentos antimanicomiais e com a construção de perspectivas psicossociais. Entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, consolidaram-se referenciais que fundamentaram a terapia ocupacional social, fortemente atravessada pela questão social e pela centralidade da cidadania, da cultura, das redes e dos direitos (Galheigo, 2016).

Esse processo ocorreu no contexto da redemocratização do país, da Reforma Sanitária e da criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Paralelamente, avançava a Reforma Psiquiátrica, orientada pela desospitalização e pela desinstitucionalização manicomial. Ambas estiveram vinculadas à mobilização social e à participação ativa de intelectuais, acadêmicos e profissionais, entre eles terapeutas ocupacionais (Barros; Lopes; Galheigo, 2007).

Nesse cenário, observa-se uma reorientação técnico-metodológica da prática profissional, reconstruída a partir de referenciais das ciências humanas e sociais, dialogando com autores como Robert Castel, Karl Marx, Antonio Gramsci, Franco Basaglia, Michel Foucault, Erving Goffman e Paulo Freire (Fiorati, 2023).

Processos igualmente potentes de ressignificação também ocorreram em outros territórios da América Latina, cada qual com suas especificidades históricas e culturais. Evidencia-se, assim, uma multiplicidade de abordagens que deslocaram a profissão de uma perspectiva estritamente biomédica para horizontes ampliados e críticos (Leiva-Diaz; Malfitano, 2024).

É nesse contexto que a presente investigação se insere. Buscando-se compreender criticamente se as articulações entre terapia ocupacional e Bem-Viver são possíveis e de que modo podem ser tecidas. No texto de Juan Pino (2024), selecionado na revisão de literatura,

identificam-se aproximações relevantes entre esses campos.

Observam-se associações entre aspectos do Bem-Viver e abordagens reconhecidas no Abya Yala, como terapias ocupacionais críticas, emancipatórias, decoloniais, do Sul, andinas, feministas, interseccionais, interculturais e contra-hegemônicas.

Salienta-se também a produção de autoras e autores situados no norte da Abya Yala, especialmente nos Estados Unidos, como Khalilah Johnson, Jian Jones, Tyra Banks e Nadine Aldridge. Suas perspectivas afrocentradas e fundamentadas em identidades indígenas dialogam com referenciais como Maggie DeForge, The Indigenous OT Collective e Sarah Grinder.

Entretanto, nesse mesmo contexto, observam-se políticas que produzem retrocessos nas lutas por direitos conquistados, intensificando violações de direitos universais, ampliando o extrativismo e aprofundando discriminações contra populações afro-diaspóricas, indígenas, LGBTQIAP+ e migrantes.

Diante disso, torna-se relevante compreender que, no interior da Abya Yala, coexistem múltiplas lutas que demandam ser pensadas a partir de uma perspectiva de unidade na diversidade. Mesmo frente a governos de extrema direita que operam pela deslegitimação da diferença e pela precarização de formas plurais de existência, como se observa na Argentina, no Equador, nos Estados Unidos, em El Salvador e no Panamá e faz-se necessário reafirmar alianças territoriais e epistêmicas.

Nesse horizonte, as divisões entre Norte e Sul tornam-se insuficientes. É preciso reconhecer a Abya Yala como território comum, incluindo Estados Unidos e Canadá, ainda que em contextos marcados por tensões. Trata-se, portanto, não de inaugurar um campo isolado, mas de evidenciar convergências já existentes entre práticas territorializadas e horizontes ético-políticos orientados por outras racionalidades.

O Bem-Viver, conforme desenvolvido anteriormente, constitui um marco referencial fundamentado em saberes ancestrais, articulado a políticas públicas e às lutas de diversos movimentos sociais. Assim, como os resultados apontam, não se propõe substituir referenciais consolidados da terapia ocupacional, muitos deles derivados de perspectivas eurocêtricas. Busca, antes, ampliar seu horizonte, afirmando explicitamente as dimensões do território, da coletividade, da resistência e da luta social.

Pensar a terapia ocupacional a partir do Bem-Viver, situada no contexto do Abya Yala, a partir das narrativas dos participantes, reforça perspectivas coletivas para fortalecer a profissão diante de sistemas opressores e excludentes, consolidando práticas éticas, comunitárias e politicamente engajadas.

Este trabalho não caminha no sentido de instituir, de forma isolada, novos delineamentos ético-políticos para a profissão, pois tal tarefa exige construção coletiva e

articulação gremial. A definição de diretrizes para um campo profissional não pode ser realizada individualmente, sob pena de contrariar os próprios princípios éticos que se busca afirmar.

Na direção de identificar possíveis caminhos de articulação a partir dos achados da pesquisa, dentre os múltiplos debates possíveis a partir das entrevistas, selecionaram-se algumas temáticas que se destacaram nas narrativas, as quais serão apresentadas a seguir.

4.3.1 *Germinando as categorias temáticas: intersecções que nutrem a terapia ocupacional*

Após realizar a leitura em profundidade das entrevistas, foi possível elaborar categorias temáticas que expressam como o Bem-Viver tem se articulado à terapia ocupacional.

Essas categorias foram produzidas por meio da análise das falas e reflexões compartilhadas pelas sementes. Inicialmente, categorizou-se três temáticas provenientes de conteúdos similares entre os discursos, estabelecendo relações com a terapia ocupacional. Observou-se que as temáticas destacadas são transversalizadas por conteúdos relacionados ao debate sobre o Bem-Viver na vivência cotidiana e no âmbito acadêmico.

4.3.1.1 Ação Coletiva no horizonte do Bem-Viver

A Ação Coletiva foi a ideia mais desenvolvida pelos participantes durante as entrevistas, com alusões às práticas profissionais e ao Bem-Viver. Como se sabe, o debate sobre a ação coletiva no interior da terapia ocupacional não constitui um campo recente ou inaugurado por esta pesquisa. Ao contrário, diferentes autoras e autores, situados em distintas matrizes teóricas e epistemológicas, têm abordado, ainda que sob terminologias variadas, a centralidade do coletivo nas práticas e fundamentos da profissão.

No contexto latino-americano, a Terapia Ocupacional Social, por exemplo, enfatiza historicamente a participação social, a cidadania, as redes territoriais e o enfrentamento das expressões da questão social, compreendendo a prática profissional como implicada em processos coletivos e lutas por direitos (Barros, Lopes, Galheigo, 2007; Galheigo, 2016). As abordagens críticas e decoloniais, por sua vez, problematizam os efeitos do neoliberalismo, da colonialidade e das desigualdades estruturais, defendendo a responsabilidade política da profissão e sua inserção em movimentos de transformação social (Galheigo, 2020).

Para Malfitano e Firsenko (2025, p. 11) o exercício de uma prática coletiva é contrário ao individualismo da sociedade liberal. As práticas coletivas contribuem na indivisibilidade das dimensões ética, técnica e política do trabalho profissional e têm como finalidade negociar interesses, democratizar saberes e criar ações que resistam ao princípio liberal na contemporaneidade.

No campo da justiça ocupacional, a dimensão coletiva emerge na defesa de mudanças institucionais e políticas que enfrentam pressões estruturais, deslocando o foco da intervenção do indivíduo isolado para as condições sociais que produzem injustiça. (Townsend; Wilcock, 2004)

Já nas produções indígenas, afrocentradas e territorializadas no Abya Yala, o coletivo não aparece apenas como estratégia de mobilização, mas como fundamento ontológico das práticas, articulando ocupação, território, espiritualidade e resistência histórica.

Assim, ainda que o termo “ação coletiva” nem sempre seja explicitamente nomeado, a noção de coletivo atravessa múltiplas terapias ocupacionais: como práxis territorializada, organização comunitária, ativismo profissional, transformação social e construção de mundos possíveis. Retomar esse debate, portanto, não significa reconhecer convergências já existentes e aprofundar suas implicações ético-políticas.

É nesse ponto que o Bem-Viver tensiona e integra essa discussão. Nas narrativas das cinco sementes, a ação coletiva não se apresenta apenas como estratégia política ou dimensão metodológica da prática profissional, mas como modo de existência. O Bem-Viver é compreendido como inseparável da ação coletiva, entendida como ética relacional, ontologia comunitária e fundamento das práticas situadas nos territórios do Abya Yala.

A ação coletiva emerge, nesse horizonte, como forma de ser, sentir e habitar o mundo a partir das interdependências entre pessoas, natureza, ancestralidades e espiritualidades. Não se trata apenas de mobilização social, mas de totalidade viva. A comunidade é concebida como tecido relacional que integra pessoas, rios, montanhas, plantas, animais, cosmos e simbolismos. A ação coletiva expressa reciprocidade, corresponsabilidade e reconhecimento das interdependências que sustentam a vida.

Além disso, aparece como cuidado territorial e respeito aos saberes, exigindo práticas terapêuticas comprometidas com processos de reparação histórica e reconhecimento cultural. As comunidades não são objetos de intervenção, mas sujeitos coletivos produtores de conhecimento. A ação coletiva manifesta-se como aliança ética entre profissionais e territórios, sustentada por responsabilidade compartilhada.

Outra dimensão central refere-se à ética da palavra e da reciprocidade. O Bem-Viver é compreendido como missão coletiva que só se concretiza quando saberes acadêmicos e comunitários dialogam em condições de horizontalidade. Nesse sentido, a ação coletiva articula-se à perspectiva freireana do diálogo como prática de liberdade, na qual a palavra constitui potência de reconhecimento e transformação.

Por fim, nas experiências narradas, a ação coletiva atravessa os ciclos de vida, morte e espiritualidade, estruturando normas coletivas de cuidado e pertencimento. O Bem-Viver

emerge, assim, como práxis comunitária continuamente produzida nos territórios do Abya Yala.

Se, na história da terapia ocupacional, o coletivo aparece como dimensão política e social da prática, no horizonte do Bem-Viver ele adquire radicalidade ontológica: não é apenas componente da intervenção, mas condição de possibilidade da própria existência e do fazer profissional. Nesse contexto, a ação coletiva deixa de ser técnica ou estratégia e transforma-se em postura ética, política e existencial.

4.3.1.2 O Bem-Viver e os Direitos Humanos e Sociais

O exame deste tópico, encontra-se intrinsecamente articulado aos elementos já discutidos ao longo do texto, especialmente no que se refere aos fatores sociopolíticos abordados no subitem relativo ao Estado de bem-estar social, bem como ao processo de instauração da terapia ocupacional em territórios do Sul do Abya Yala. Tal processo ocorreu no interior de dinâmicas centro-periferia, em contextos marcados por regimes autoritários e ditaduras civis-militares, nos quais as violações de direitos humanos eram experiências concretas e sistemáticas, e o acesso a direitos sociais mostrava-se, em muitos casos, inviável ou impensável.

Nesses cenários, o sofrimento social não pode ser compreendido apenas como experiência individual, mas também como expressão de estruturas políticas e econômicas que limitaram o acesso a direitos e condições dignas de vida. Desde a década de 1970, a profissão passou a refletir mais explicitamente sobre seu papel social, aproximando-se progressivamente do campo dos direitos humanos e dos direitos sociais (Lopes, 2023).

No Brasil, ao final dos anos 1970, emergiram questionamentos acerca da função social da terapia ocupacional, vinculando sua prática à democratização e à luta por direitos de cidadania (Lopes, 2023). Esse movimento contribuiu para a constituição da Terapia Ocupacional Social e para a ampliação da compreensão da prática profissional para além de uma dimensão exclusivamente técnico-assistencial. A Constituição Federal de 1988 consolidou, no plano normativo, direitos sociais como parte do sistema de seguridade social. Entretanto, transformações políticas e econômicas posteriores produziram tensões entre o reconhecimento formal desses direitos e sua efetiva garantia (Almeida; Soares, 2023). Esse contexto reforçou a necessidade de a profissão manter-se atenta às condições estruturais que atravessam o cotidiano das populações com as quais atua.

No Chile, as análises desenvolvidas a partir do acompanhamento de pessoas vítimas de repressão política evidenciaram que o sofrimento psíquico e ocupacional está profundamente relacionado a contextos de violência de Estado. Ao reconhecer o dano como efeito de violações

de direitos humanos, a terapia ocupacional ampliou sua inserção no debate ético-político, reafirmando seu compromisso com a dignidade humana e com processos de reconstrução subjetiva e coletiva (Madariaga; Guajardo, 1998). Tais experiências contribuíram para consolidar uma perspectiva crítica na profissão, na qual a defesa de direitos integra o próprio exercício profissional.

É nesse horizonte que o Bem-Viver pode ser compreendido como uma contribuição ao debate contemporâneo. Se a articulação histórica entre terapia ocupacional e direitos concentrou-se principalmente na garantia de direitos humanos e sociais no marco do Estado moderno, o Bem-Viver oferece elementos para ampliar essa reflexão ao enfatizar dimensões relacionais, territoriais e ecológicas da vida.

A partir das narrativas das sementes entrevistadas, observa-se que os direitos são compreendidos não apenas como garantias individuais, mas como expressões de uma trama relacional que envolve comunidade, território e natureza. As sementes convidam a pensar os direitos humanos em diálogo com perspectivas que valorizam a interdependência e a autodeterminação comunitária. Nessa leitura, direitos sociais como acesso à alimentação, moradia, saúde, educação, trabalho e terra, constituem condições concretas para o viver cotidiano, mas estão igualmente vinculados à preservação dos territórios e das relações que sustentam a vida.

Reconhecendo-se o conceito de direitos humanos e sociais passam a ser elaborados em uma organização social e modo de pensar o mundo distinto dos povos originários, o Bem-Viver não é apresentado como um paralelo direto de similaridade, mas como possibilidade de resignificação de sua compreensão, especialmente ao incorporar a noção de que os seres humanos fazem parte da natureza e compartilham com ela vínculos de reciprocidade. A ideia de direitos da terra e de reconhecimento da natureza como sujeito amplia o horizonte ético das práticas sociais e pode oferecer novos referenciais para pensar a atuação profissional.

Para a terapia ocupacional, essa perspectiva pode adensar proposições ético-políticas que considerem não apenas o sujeito individual, mas os contextos comunitários e territoriais que sustentam e significam suas ocupações. Trata-se de um subsídio teórico-prático para a ampliação do olhar profissional, integrando justiça social, responsabilidade ecológica e o reconhecimento de saberes situados. O Bem-Viver extrapola a dimensão estrita dos direitos humanos positivados; refere-se ao direito à existência, à interlocução e à sustentabilidade da vida em sua completude. Enquanto a lógica hegemônica dos direitos humanos muitas vezes se estrutura na dualidade e no conflito de interesses individuais, o Bem-Viver reconhece a interdependência, compreendendo todos os seres, humanos e não-humanos, como passíveis de cuidado e dignidade.

Assim, este tópico não visou tecer uma definição conclusiva sobre a articulação entre terapia ocupacional, direitos e Bem-Viver, mas propor um campo de diálogo. A partir dos relatos das sementes, busca-se contribuir para a reflexão sobre possíveis modos de pensar e praticar a terapia ocupacional em contextos latino-americanos, reconhecendo a pluralidade de perspectivas e a importância de integrar dimensões sociais, territoriais e ambientais na construção de práticas comprometidas com a dignidade e a vida em sua interdependência.

4.3.1.3 O Bem-Viver e os cotidianos

Identificou-se o *cotidiano* como um dos núcleos de análise, destacando-se que o Bem-Viver se materializa na vida diária, nas microrrelações, na convivência, na reciprocidade e no fazer-junto. Assim, para o desenvolvimento deste tópico, retoma-se que o termo cotidiano passou a adquirir centralidade conceitual no debate em terapia ocupacional a partir de Berenice Rosa Francisco (1988), ao problematizar leituras positivistas e uma visão funcionalista de mundo, que conduziam o profissional a atuar como agente de controle social, promovendo o ajustamento do sujeito às normas sociais vigentes (Galheigo, 2020).

De acordo com Galheigo (2020), à medida que os estudos sobre o cotidiano passaram a incorporar dimensões como subjetividade, cultura, historicidade e relações de poder, tensionaram-se as interpretações positivistas que reduziam o fenômeno a explicações neutras e descontextualizadas. A autora retoma três argumentos que contribuíram para um deslocamento conceitual do conceito na profissão: a) a crítica formulada por Beatriz Ambrósio do Nascimento (1990), na obra “O Mito da Atividade Terapêutica”, que propõe deslocar a leitura da prática profissional para os espaços concretos onde a vida acontece; b) a compreensão da atividade entrelaçada à cultura e suas dimensões, desdobrando-se em reflexões sobre a vida cotidiana como aquela que emerge enquanto construção concreta da realidade; e c) a retomada crítica do conceito de cotidiano, visto como o centro da práxis.

A recuperação histórica e situada dos sujeitos em suas realidades concretas passou, então, a integrar aquilo que alguns profissionais denominaram perspectiva crítica. Nesse movimento, era denunciado o equívoco de naturalizar o cotidiano como um conjunto de ações meramente biológicas ou automáticas. A ação humana passou a ser compreendida como intrinsecamente articulada à cultura e às suas múltiplas dimensões, abrindo caminho para reflexões sobre a vida cotidiana como construção concreta da realidade social (Galheigo, 2020).

Conforme aponta Salles e Matsukura (2013), a partir de meados da década de 1990, o cotidiano consolidou-se como um dos eixos centrais para o pensar-fazer práticas emancipatórias na área. Desde 2010, por sua vez, tem-se afirmado com ainda maior intensidade

enquanto termo e categoria analítica da terapia ocupacional, com diferentes enfoques, como: conceito para interpretar a realidade; para refletir como os processos de adoecimento transformam a vida cotidiana dos sujeitos; para embasar a análise da vida cotidiana e embasar a prática profissional.

Terapeutas ocupacionais têm acionado referenciais teóricos como bases para o desenvolvimento conceitual, como: Agnes Heller, Henri Lefebvre, José Machado Pais, José de Souza Martins e Michel de Certeau. Além destes, Galheigo (2020), ao apresentar aportes teóricos para o uso do conceito de cotidiano, para fazer um debate sobre o que nomeou de *perspectivas críticas e emancipatórias*, articulou-o também com autores como: Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos e Edgar Morin.

É nesse deslocamento conceitual que se inscrevem as narrativas das sementes. que reportaram o cotidiano como lugar de humanidade e de produção de vida. A segunda semente do Chile, enfatizou que viver o cotidiano com comunidades vulnerabilizadas, inclusive em contextos atravessados pelo consumo problemático de substâncias, significa reconhecer o sofrimento, partilhar a vida e criar condições concretas de existência digna. A presença cotidiana torna-se uma forma de fazer viver humanidade: olhar nos olhos, reconhecer a singularidade, não racializar, não hierarquizar, não impor saberes.

A intervenção cotidiana se dá menos pela prescrição de atividades e mais pela construção de relações de dignidade, em que o cuidado se manifesta em gestos simples, como pedir permissão para entrar, participar, compartilhar, cozinhar, cuidar de crianças, organizar redes de apoio entre vizinhas. São gestos que reconfiguram o cotidiano como espaço de solidariedade, reciprocidade e corresponsabilidade, articulando dimensões sensíveis e críticas. Salles e Matskura (2013, p. 268), destacam que “o cotidiano se estabelece na relação do micro com o macro, se constrói na articulação entre o zoom focado na vida do sujeito e a grande ocular que capta os processos de produção social”.

Nesse sentido, o Bem-Viver foi descrito como construção de vida em comum, em que pequenas ações tecem redes de apoio, fortalecem vínculos e permitem que pessoas historicamente desumanizadas recuperem o sentido de pertencer e de serem reconhecidas. Galheigo (2003) destaca que o cotidiano de cada pessoa é único e irrepetível na medida em que a “unicidade e a irrepetibilidade são características inequívocas da condição humana”. “O genérico está contido em todos os seres humanos e, mais precisamente, em toda a atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos possam ser particulares. Assim, se o cotidiano do homem é produzido por esse singular e genérico, aí não se esgotam as formas de sua produção” (Galheigo, 2003, p. 106).

Em uma segunda articulação, o cotidiano aparece como espaço de transformação e

justiça social. A semente da Argentina compreende o cotidiano como cenário privilegiado da transformação ética, relacional e política. Viver e trabalhar próximo aos setores mais desfavorecidos foi descrito como uma experiência formativa profunda, que ensina mais do que qualquer bibliografia, porque revela a potência da comunidade em enfrentar dores, resolver problemas, criar vínculos e transformar sofrimento em resistência. Tal posicionamento dialoga diretamente com a perspectiva de Galheigo (2020) sobre as transformações da vida na cotidianidade:

“o cotidiano é um espaço-tempo no qual o sujeito, individual ou coletivo, de modo imediato e nem sempre consciente, acessa oportunidades e recursos, enfrenta adversidades e limites, toma decisões, aciona mecanismos de resistência e cria novos modos de ser, estar, viver e fazer” (Galheigo, 2020, p.15).

Desse modo, o conceito se configura, assim, como lugar de: generosidade e solidariedade, cooperação na resolução de desafios, aprendizagem sobre igualdade e diferença, criação de laços, descolonização de saberes. A semente da Argentina destaca que o cotidiano é também ponto de partida para questionar modelos hegemônicos de terapia ocupacional, muitas vezes importados e descontextualizados, e para afirmar saberes ancestrais, comunitários e corporais como dispositivos legítimos de cuidado. A prática cotidiana, quando vivida de forma sensível e dialógica, torna-se caminho de descolonização epistemológica, reposicionando o profissional como alguém que aprende com a comunidade, e não como detentor exclusivo do conhecimento.

Em outra dimensão das narrativas, associada a aspectos ancestrais, destacou-se também o cotidiano como teia de relações materiais, espirituais e ancestrais. A semente da Colômbia, por exemplo, amplia a compreensão do cotidiano para abarcar sua dimensão material, espiritual, ancestral e territorial. O cotidiano, para ela, é feito de ocupações simples como preparar café, tecer, cozinhar coletivamente, acompanhar rituais funerários e práticas de cuidado ao morrer, que carregam significados profundos para a comunidade.

Trata-se de um cotidiano que integra vida e morte, comida e território, presença afetiva e reciprocidade. Para essa semente, o cotidiano revela que o Bem-Viver envolve tanto interdependências materiais (trocas, apoios, recursos) quanto interconexões espirituais que orientam a continuidade da vida após a morte. O cuidado ao morrer, o ordenamento das atividades territoriais, os rituais e as ocupações ancestrais são elementos que mantêm a harmonia entre comunidade, natureza e cosmos.

Nesse entrelaçamento, o cotidiano se torna o lugar onde a vida ganha sentido e onde o Bem-Viver se manifesta como continuidade, equilíbrio e pertencimento à totalidade viva.

Assim, o cotidiano não é apenas o cenário onde o Bem-Viver acontece: ele é o próprio

terreno ético, político e espiritual da vida. É na vida diária, na convivência, nos gestos mínimos, nos rituais e nas ocupações compartilhadas que o Bem-Viver se faz presença concreta e se projeta como horizonte para a Terapia Ocupacional no Abya Yala.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo de *identificar e compreender a perspectiva de terapeutas ocupacionais sobre o Bem-Viver* identifica-se que os percursos adotados na pesquisa permitiram apresentar as principais aproximações realizadas por profissionais da área sobre a temática em tela.

O levantamento de literatura constituiu-se como um dispositivo para *identificar a produção de literatura que contempla o Bem-Viver e a terapia ocupacional*. A necessidade de ampliação das buscas em diferentes periódicos e bases de dados (incluindo o Google Acadêmico, por exemplo) explicitou também os limites deste percurso para abranger práticas relacionadas ao Bem-Viver, que não necessariamente estão contempladas no meio acadêmico. Os resultados do levantamento apontaram que o conceito de Bem-Viver aparece em textos de terapeutas ocupacionais publicados majoritariamente no Brasil, com autores de diferentes nacionalidades, principalmente chilenos. Ao longo dos anos há um aumento das produções que mencionam o Bem-Viver, com destaque para 2024. O desenvolvimento do conceito nos trabalhos identificados ainda é pontual, sendo mais frequente apenas a menção do termo, no corpo do texto. Apenas um dos materiais apresenta um aprofundamento conceitual, utilizando o Bem-Viver como tema central. Verificou-se, assim, que nas produções de terapeutas ocupacionais, o Bem-Viver é colocado mais como uma inspiração ética e política do que como uma definição e/ou articulação conceitual para a prática.

Para *compreender como terapeutas ocupacionais relacionam o bem-viver e as múltiplas formas de fazer terapia ocupacional*, realizou-se entrevistas semiestruturadas com cinco terapeutas ocupacionais, autores de textos que abrangem o Bem-Viver, e que foram identificados na etapa inicial, do levantamento de literatura. Para apresentar os conteúdos, realizou-se uma análise descritiva das questões e delineou-se três categorias temáticas que envolvem a *ação coletiva*, os *direitos humanos* e os *cotidianos*, temas amplamente mencionados durante as entrevistas.

As categorias enfatizam conteúdos de bastante relevância no debate de perspectivas já existentes, articuladas a diferentes bases teóricas e epistemológicas, como as Terapias Ocupacionais do Sul, a Terapia Ocupacional Social e a Ciência Ocupacional. Nesse sentido, o Bem-Viver parece aglutinar conceitos e formas de pensar-fazer a terapia ocupacional de forma crítica e situada territorialmente.

Destaca-se que os profissionais entrevistados não situaram o Bem-Viver como um referencial estruturante que sustentasse diretamente suas práticas profissionais; contudo, ao longo das entrevistas, articularam-no às bases teórico-metodológicas que orientam o desenvolvimento de suas ações e produções. Assim, em nossa análise, os autores entrevistados não atribuíram ao Bem-Viver características de um fundamento teórico-metodológico inovador, que ainda não esteja sendo desenvolvido no interior da profissão. Entretanto, teceram associações que permitem vislumbrar a potencialidade de mobilizar o Bem-Viver em um horizonte de ações ético-políticas comprometidas com a defesa da vida, com o fortalecimento de práticas coletivas e comunitárias e com o enfrentamento das desigualdades estruturais que atravessam os territórios. Acredita-se assim, que mais do que inaugurar um novo paradigma isolado, o Bem-Viver poderia operar como eixo articulador e intensificador de perspectivas críticas já em curso, ampliando sua densidade analítica e sua radicalidade transformadora no campo da terapia ocupacional.

Como pôde ser verificado tanto nos textos como na narrativa dos entrevistados, particularmente sobre as experiências, o Bem-Viver não se configura um eixo restrito a pensar a atuação junto aos povos originários, ainda que essa seja uma dimensão fundamental, mas também como horizonte capaz de atravessar e tensionar diferentes campos, populações e contextos na terapia ocupacional.

Cabe mencionar que os terapeutas ocupacionais que integraram a pesquisa, atuam ou atuaram, em algum momento, como docentes universitários e possuem trajetórias acadêmicas relacionadas a mestrados e doutorados. Evidentemente, isso se associa ao fato de terem sido identificadas no levantamento de literatura. Ainda assim, considera-se relevante destacar esse percurso acadêmico, pois os discursos e reflexões apresentadas estão situados em um contexto, considerado privilegiado, no âmbito das construções teórico-conceituais.

Embora estejam inseridos no campo acadêmico, suas narrativas demonstram como o Bem-Viver não apenas nasce da academia, mas dos territórios, das práticas comunitárias e de saberes que persistem apesar das violências coloniais que tentaram silenciá-los. O movimento das sementes em direção ao Bem-Viver revela, portanto, tanto uma busca ética por coerência com suas origens e experiências quanto uma ruptura epistemológica com a centralidade do Norte Global e do cientificismo positivista como únicas fontes de validação do conhecimento.

O Bem-Viver introduz uma dimensão que ultrapassa o marco tradicional dos direitos humanos: o reconhecimento da terra e da natureza como sujeitos de direitos e não como recursos a serem explorados. Essa ampliação desloca a compreensão da própria condição humana. Os seres humanos deixam de ser concebidos como sujeitos separados da natureza e passam a ser entendidos como parte integrante de um tecido vivo que sustenta a existência

coletiva. Assim, a defesa de direitos não se limita à proteção de indivíduos, mas envolve a preservação dos territórios, dos ciclos naturais e das relações de reciprocidade que possibilitam a vida. Os direitos da terra, nesse sentido, reconfiguram o campo dos direitos humanos e sociais, ampliando-o para uma perspectiva ecológica e relacional.

A partir dessa contribuição, a terapia ocupacional pode aprofundar sua perspectiva crítica ao incorporar uma ética relacional que reconhece a interdependência entre pessoas, comunidades e ambientes. O cuidado, portanto, amplia-se para incluir não apenas o sujeito, mas o conjunto de relações que tornam possível sua existência.

Vale mencionar como limitação do estudo, o fato de que o levantamento e a seleção dos interlocutores foram realizados a partir de produções acadêmicas, o que circunscreve a análise a um universo específico de terapeutas ocupacionais vinculados à pesquisa e à docência. É possível que uma parcela significativa de profissionais que assimilam ou articulam o Bem-Viver em suas práticas atue em contextos territoriais, comunitários ou institucionais sem necessariamente registrar tais experiências no campo científico. Nesse sentido, investigações futuras poderiam ampliar as estratégias metodológicas, incorporando outras formas de produção e circulação de saberes, como relatos de experiência, práticas comunitárias, redes profissionais e espaços formativos não acadêmicos, de modo a aprofundar diálogos que extrapolem os limites da universidade e contemplem a pluralidade de experiências existentes no campo.

Destaca-se também que, embora a análise evidencie uma predominância de trabalhos situados no Chile, buscou-se ampliar os diálogos para diferentes territórios, sem a pretensão de esgotar a pluralidade de experiências existentes no Abya Yala. Do ponto de vista teórico, ao fundamentar-se nas correntes descritas por Hidalgo-Capitán, selecionou-se uma chave de leitura específica para delinear as tessituras acadêmicas sobre o Bem-Viver. Com isso, compreendemos que quaisquer classificações são limitadas diante da abrangência e da complexidade do termo em suas múltiplas configurações entre os povos

Para a presente pesquisa, conclui-se que a aproximação entre terapia ocupacional e Bem-Viver ainda se encontra em processo de construção, demandando aprofundamentos teóricos e metodológicos que permitam consolidar tal diálogo para além de sua dimensão inspiradora, fortalecendo-o como campo crítico de reflexão e prática.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ailton Krenak – biografia**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak/biografia>. Acesso em: 05 de jan. 2026.

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir**: Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos. Quito: Abya-Yala, 2013.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Breda Tadeu. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016, 2018.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemmer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 40, p. 231–249, abr. 2017. DOI: 10.5380/dma.v40i0.48566.

ALMEIDA, Marta Carvalho de; SOARES, Carla Regina Silva. Terapia ocupacional e assistência social: subsídios para uma inserção crítica no campo. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. 2. ed. rev. ampl. São Carlos: EdUFSCar, 2023.

ANGELI, A. do A. C. de; CALDAS, F. L. No passo Guarani: contribuições para pensar os corpos neste chão Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, e3771, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO290437711>. Acesso em: 16 jan. 2025.

ANTIL-ARÉVALO, Catalina et al. Hortaliceras Mapuche, significados atribuidos a ocupaciones ancestrales. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO)**, [s.l.], v. 7, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/58578>. Acesso em: 7 jun. 2024.

APAZA HUANCA, Yaneth Katia. *Hacia la emancipación de los aymaras, quechuas y kichwas, desde su paradigma identitario: Suma Qamaña, Sumak Kawsay*. 2016. **Tese Doutorado** – Universidad Carlos III de Madrid, Madrid, 2016. Disponível em: tesis_yaneth_apaza_huanca_2016.pdf (19.96 MB). Acesso em: 17 fev. 2025.

AYALA MORA, Enrique. El origen del nombre América Latina y la tradición católica del siglo XIX. **Anu. colomb. hist. soc. cult.**, Bogotá, v. 40, n. 1, p. 213-241, Jan. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-24562013000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 jan 2026.

BABISH, Yousef; EL-HALLAQ, Mahmoud; SIMAAN, Juman. The Tent of Hope: Occupational Therapy and Participation in War-Torn Gaza. **Occupational Therapy Now**, v. 27, n. 4, p. 30–32, jul./aug. 2024.

BANIWA, André Fernando. **Bem viver e viver bem segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019. 1. reimpr. 2020.

BARDI, G. et al. Terapia ocupacional social em pauta: práticas, pesquisas e reflexões contemporâneas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, n. spe, p. e2301, 2023.

BARRÍA-MADRID, M. et al. Repercusiones de la defensoría por las aguas en el bienestar colectivo de MODATIMA Santiago: aproximaciones etnográficas desde una perspectiva ecofeminista decolonial de ocupaciones colectivas. **Cadernos Brasileiros de Terapia**

Ocupacional, v. 32, e3835, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF263138353>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARIANI, María Roberta. **Emprendimientos sociales de adolescentes como dispositivos que producen cuidados en salud mental: una mirada desde la terapia ocupacional comunitaria. Estudio de caso. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (2018-2022)**. 2022. Trabajo Final Integrador (Especialización en Salud Mental Comunitaria) – Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2022. Disponível em: <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/4443>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BARROS, Denise Dias; LOPES, Roseli Esquerdo; GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional social: concepções e perspectivas. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia (org.). **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 347-353.

BBC NEWS MUNDO. ¿Por qué Bolivia es el país con más golpes de Estado del mundo? Londres: BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50351034>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BIANCHI, P. C.; MALFITANO, A. P. S. Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 2, p. 621–639, abr. 2020.

BOLÍVIA. **Constitución Política del Estado**. La Paz: Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia, 7 feb. 2009. Disponível em: <https://www.insa.gob.bo/wp-content/uploads/2025/09/CONSTITUCION-2009.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BOLÍVIA. **Ley de Derechos de la Madre Tierra: Ley N° 071, de 21 de diciembre de 2010**. Estado Plurinacional de Bolivia: Asamblea Legislativa Plurinacional, 2010. Disponível em: https://diputados.gob.bo/wp-content/uploads/Leyes/Ley_N_0071.pdf. Acesso em: 5 abr. 2024.

BOLÍVIA. **Ley Marco de la Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien: Proyecto de Ley C.S. N° 037/2012-2013**. Estado Plurinacional de Bolivia: Asamblea Legislativa Plurinacional, 2012. Disponível em: <https://www.lexivox.org/norms/BO-L-N300.xhtml>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BONILLA, Ángel. La II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala (Quito, 2004). **OSAL – Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, año V, n. 15, p. 257–265, sept./dic. 2004.

BORGES, Alessandra Vaneska Cotta Leles. **Vivências de arte, cultura e lazer no Centro de Convivência Marcus Matraga: uma abordagem crítica a partir da decolonialidade e da contracolonidade**. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/d24cccee-f705-448c-a987-7c240ea34d42/content>. Acesso em: 20 maio 2025.

BRANDT, Luiz Antonio; ARENHART, Livio Osvaldo. Economia solidária e buen vivir: reflexões sobre desenvolvimento e políticas públicas na América Latina. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 14, n. 4, e2139, 2025. DOI: 10.23900/2359-1552v14n4-80-2025.

BRUCE, M. **Em busca do Bem-Viver: desafios e possibilidades a partir da Bolívia**. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: história e democracia. 2016. Disponível em:

https://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502487224_ARQUIVO_VFEMBUSCADOBEMVIVER%5Btrabalhocompleto%5D.pdf. Acesso em: 05 de jan 2026.

BUENO, G. La teoría de la esfera y el descubrimiento de América. **El Basilisco**, n. 1, p. 3–32, 1989. Disponível em: <https://filosofia.org/rev/bas/bas20101.htm>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CAROLA, C. R.; MONTÉS, R. V. América Latina e Abya Yala no ensino de História espanhol: o descobrimento, a conquista e as controvérsias da *Leyenda Negra*. **História da Educação**, v. 23, e82571, 2019.

CASTRO, Jorge Abrahão de. Política social e desenvolvimento no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. esp., p. 1011–1042, dez. 2012. DOI: 10.1590/S0104-06182012000400012.

CELLA, Adriana María. Terapia ocupacional comunitaria en perspectiva emancipatoria: reflexiones en tiempo de pandemia. **Revista Argentina de Terapia Ocupacional**, año 7, n. 2, p. 16–21, 2021. Disponível em: https://revista.terapia-ocupacional.org.ar/index.php/rato_2022/article/view/146/141. Acesso em: 17 nov. 2024.

CENTRO DE DOCUMENTACIÓN E INFORMACIÓN DE BOLIVIA (CEDIB). **Riquezas y reservas, potencial enorme en Bolivia**. 2013. Disponível em: <https://www.cedib.org/noticias/riquezas-y-reservas-potencial-enorme-en-bolivia/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

CENTRO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y CONSTITUCIONALES (CEPC). **Dossier Proceso Constituyente en Chile**. Madrid: CEPC, 2021. Atualização: mar. 2024. Disponível em: https://www.cepc.gob.es/sites/default/files/2024-03/Dossier%20Proceso%20Constituyente%20Chile_actualizaci%C3%B3n%202024_1.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.

CENTRO ÑUKE MAPU. El caso de Julia Chuñil: la filtración de un audio da cuenta de que a la dirigente mapuche “la quemaron”. Centro de Documentación Mapuche Ñuke Mapu, 2 out. 2025. Disponível em: <https://mapuche.info/centro-documentacion-nuke-mapu/protectores-del-medio-ambiente-accion-climatica/el-caso-de-julia-chunil-la-filtracion-de-un-audio-da-cuenta-de-que-a-la-dirigente-mapuche-la-quemaron>. Acesso em: 5 out. 2025.

CHIPANA QUISPE, Sofia Nicolasa. Las cosmovicencias relacionales como fuente de sabiduría Andina. **Horizonte Independiente**, v. 5, n. 2, p. 118–140, 2025.

CONFEDERACIÓN DE NACIONALIDADES INDÍGENAS DEL ECUADOR (CONAIE). [Site]. 2025. Disponível em: <https://conaie.org/>. Acesso em: abr. 2024.

CONGRESSO NACIONAL (Equador). **Ley orgánica de las instituciones de las nacionalidades y pueblos indígenas del Ecuador**. set. 2007. Disponível em: <https://derechodelacultura.org/wp-content/uploads/2018/07/Ley-Org%C3%A1nica-de-las-I.P.-de-los-pueblos-indigenas.-2007.pdf?view=download>. Acesso em 05 jan 2026.

CORTEZ, David. La construcción social del “Buen Vivir“ (Sumak Kawsay) en Ecuador: genealogía del diseño y gestión política de la vida. **Aportes Andinos**, Quito, n. 28, p. 1-23, ene. 2011.

CORREIA LOPES, R. O alcance da terapia ocupacional no desenvolvimento local. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 443–462, 2018.

COSTA, Maria Klara Chaves Motta da; DIAS, Prince Chaiene Meireles; ALMEIDA, Diego Eugênio Roquette Godoy. As escrivências no ensino de Terapia Ocupacional sobre/com as juventudes. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 28, e230284, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1558199>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CUNHA, E.; SOUSA, W. O Bem-Viver no Brasil: uma análise da produção acadêmica nacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 31, e91555, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2023.e91555>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DEL POPOLO, Fabiana (org.). **Los pueblos indígenas en América (Abya Yala): desafíos para la igualdad en la diversidad**. Santiago: CEPAL, 2017. (Libros de la CEPAL, n. 151).

DRAIBE, S. M.; RIESCO, M. Estados de bem-estar social e estratégias de desenvolvimento na América Latina: um novo desenvolvimentismo em gestação? **Sociologias**, v. 13, n. 27, p. 220–254, maio 2011.

ECUADOR. **Constitución de la República del Ecuador** (20 de octubre de 2008). Quito: Ministerio de Defensa Nacional, 2021. Disponível em: https://www.defensa.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2021/02/Constitucion-de-la-Republica-del-Ecuador_act_ene-2021.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

ECUADOR. **Plan Nacional para el Buen Vivir 2009–2013**. Quito: SENPLADES, 2009. Disponível em: <https://www.planificacion.gob.ec/plan-nacional-para-el-buen-vivir-2009-2013/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ECUADOR. **Plan Nacional para el Buen Vivir 2013–2017**. Quito: SENPLADES, 2013. Disponível em: <https://www.gobiernoelectronico.gob.ec/wp-content/uploads/2018/10/Plan-Nacional-para-el-Buen-Vivir-2013-%E2%80%932017.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ECUADOR. **Plan Nacional para el Buen Vivir 2017–2021**. Quito: Secretaría Nacional de Planificación; Consejo Nacional de Planificación, 2017. Disponível em: <https://www.gob.ec/sites/default/files/regulations/2018-10/PLAN-NACIONAL-PARA-EL-BUEN-VIVIR-2017-2021.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ESCOBAR, Arturo. Política pluriversal: lo real y lo posible en el pensamiento crítico y las luchas latinoamericanas contemporáneas. **Tabula Rasa**, Bogotá, v. 36, p. 323–354, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25058/20112742.n36.13>. Acesso em: Acesso em: 10 jan 2026.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com a Terra: novas leituras sobre desenvolvimento, território e diferença**. São Paulo: Elefante, 2014.

ESCOLA DE FILOSOFIA DE OVIEDO. Entrevista em vídeo com Constantino Lima/ Takir Mamani, 9 jan. 2023. Entrevista realizada em setembro de 2014, 34:15-34:42. Disponível em: <https://www.filosofia.org/ave/003/c090.htm>. Acesso em: 9 fev. 2026.

ESPING-ANDERSEN, G.. As três economias políticas do welfare state. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 24, p. 85–116, set. 1991.

FARIAS, Magno Nunes. Terapia ocupacional social: contribuições epistemológicas para um giro decolonial. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-9249-1497>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ESTERMANN, Josef. *La filosofía quechua: ¿Pensamiento Quechua o Incaico?* 2020. Disponível em: <https://epistemologiasdesdeelsur.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/04/12-quechua-estermann.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

EVANGELISTA, Márcia. Declaração do IV Fórum Social das Américas. Koinonia, 27 ago. 2010. Disponível em: <https://koinonia.org.br/noticias/declaracao-do-iv-forum-social-das-americas/1240/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FARIAS, M. N. et al. ¿Terapeutas ocupacionales en la educación? Caminos y posibilidades para/en América Latina y Caribe desde una Comunidad de Práctica. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e3234, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN247032343>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FARIAS, M. N.; SALAZAR RIVERA, J.; SÁNCHEZ, P.; CHAMBILLA, L.; GIORGINI, C.; ESQUIVEL, E. I. P.; LÓPEZ, C.; MASSUCO, J. ¿Terapeutas ocupacionales en la educación? Caminos y posibilidades para/en América Latina y Caribe desde una Comunidad de Práctica. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e3234, 2022. DOI: 10.1590/2526-8910.ctoEN247032343. Recurso digital. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN247032343>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FIORATI, Regina Célia. A teoria da ação comunicativa: uma contribuição teórico-metodológica para a terapia ocupacional social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. 2. ed. rev. ampl. São Carlos: EdUFSCar, 2023. p. 201–220.

FIRSENKO, E.; MALFITANO, A. P. S.. Dimensión colectiva de las acciones profesionales: un enfoque desde la terapia ocupacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 29, p. e240589, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). **Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 49–68.

GALHEIGO, Sandra Maria. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 3, p. 104–109, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/13924>. Acesso em: 02 fev. 2026.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 5–25, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2590>. Acesso em: 18 fev. 2026.

GALLEGOS, Franklin Ramírez. Fragmentación, reflujo y desconcierto. Movimientos sociales y cambio político en el Ecuador (2000–2010). In: REBON, Julián; MODONESI, Massimo (org.). **Una década en movimiento: luchas populares en América Latina en el amanecer del siglo XXI**. Buenos Aires: CLACSO; Prometeo Libros, 2011.

GONÇALVES, Chryslen Mayra Barbosa. Silvia Rivera Cusicanqui. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 4, p. 1–16, 2025. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

GRANDÓN-VALENZUELA, D. Función económica de las ocupaciones feminizadas no remuneradas: una crítica desde la economía feminista. **Revista Ocupación Humana**, v. 18, n. 2, p. 54–67, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25214/25907816.228>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MADARIAGA A., Carlos; GUAJARDO, Alejandro. Una experiencia de psiquiatría social. **Cuadernos Médico Sociales**, [S. l.], v. 39, n. 3-4, p. 33–47, 1998. Disponível em: <https://www.cuadernosms.cl/index.php/cms/article/view/961>. Acesso em: 20 abr 2025

GUAJARDO CÓRDOBA, Alejandro. Lecturas y relatos históricos de la Terapia Ocupacional en Suramérica. Una perspectiva de reflexión crítica. **Revista Ocupación Humana**, v. 16, n. 2, p. 110–117, 2017. DOI: 10.25214/25907816.141. Disponível em: <https://latinjournal.org/index.php/roh/article/view/141>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GUAJARDO CÓRDOBA, Alejandro. Sobre as novas formas de colonização em terapia ocupacional: reflexões sobre a ideia de justiça do trabalho na perspectiva de uma filosofia política crítica. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 4, p. 1365–1381, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/HWfJMK3fDNX7dHfndSVMpvG/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GUDYNAS, Eduardo. **Buen Vivir: germinando alternativas al desarrollo**. Montevideo: CLAES, 2011.

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la naturaleza**. Cochabamba: CEDIB, 2015.

HARNECKER, Marta. **Un mundo a construir. Nuevos caminos**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2014.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HERNÁNDEZ CASTILLO, Rosalva Aída. Confrontando a utopia desenvolvimentista: o bem viver e a comunalidade nas lutas das mulheres indígenas. In: VAREA, Soledad; ZARAGOCIN, Sofia (org.). **Feminismo e bem viver: utopias decoloniais**. Cuenca: PYDLOS Ediciones; Universidad de Cuenca, 2017. p. 26–43.

HICKS, S. Theory and social work: a conceptual review of the literature. **International Journal of Social Welfare**, v. 25, n. 1, p. 399–414, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/ijsw.12215>.

HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; CUBILLO-GUEVARA, Ana Patricia. **El origen del Buen Vivir**. Huelva: Bonanza, 2021.

HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; ARIAS, A.; ÁVILA, J. El pensamiento indigenista ecuatoriano sobre el Sumak Kawsay. In: HIDALGO-CAPITÁN, A. L. et al. (org.). **Sumak Kawsay Yuyay: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.

HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis *et al.* **El Buen Vivir: la (re)creación del pensamiento del PYDLOS**. Cuenca: PYDLOS, 2012.

HUANACUNI, Fernando Mamani. **Buen Vivir / Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. 3. ed. Lima: Grafam E.I.R.L., 2010.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). [Site]. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

IELA (Instituto de Estudos Latino-Americanos). A origem do sular. Florianópolis: IELA, 23 out. 2019. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/a-origem-do-sular/>. Acesso em: 13 maio 2025.

JUNCOSA, José. Abya-Yala: una editorial para los indios. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 23, jan. 2015. DOI: 10.16921/chasqui0i23.3036.

KAMBIWÁ, Avelin Buniacá. **O Comitê Indígena Mineiro: ressignificando o cotidiano de indígenas desterritorializados**. 2024. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/7f26277d-09ca-48c9-959e-70a57b22c225/content>. Acesso em: 5 maio 2025.

KEME, Emilio del Valle Escalante. Para que Abiyala viva, las Américas deben morir: hacia una indigeneidad transhemisférica. **Native American and Indigenous Studies**, Minneapolis, v. 5, n. 1, p. 21–41, spring 2018. DOI: <https://doi.org/10.1353/nai.2018.a704737>.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPIERRE, Michelle. Carta ao editor: a terapia ocupacional no agitado cenário sociopolítico do Chile atual. **ContextO**, n. 8, p. 13–16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.54761/contexto.num8.34>. Acesso em: 11 maio 2024.

LARA RIQUELME, P.; LAGOS BELTRÁN, L.; VALDERRAMA NÚÑEZ, C. Aproximaciones a las prácticas de terapia ocupacional y su relación con algunos principios éticos de los derechos humanos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, p. 746–764, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1919>. Acesso em: 2 nov. 2024.

LEIVA-DÍAZ, M. Terapias ocupacionales: migraciones de saberes y prácticas en Latinoamérica. **Revista Ocupación Humana**, v. 18, n. 1, p. 21–33, 2018. Disponível em: <https://latinjournal.org/index.php/roh/article/view/197/132>. Acesso em: 10 jan 2026.

LEIVA-DÍAZ, Mónica Matilde; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Historias que murmuran, circulan y debaten desde América del Sur. In: GUAJARDO CÓRDOBA, Alejandro; MALFITANO, Ana Paula Serrata; BORBA, Patricia Leme de Oliveira; LOPES, Roseli Esquerdo (org.). *Historiografías en terapia ocupacional desde América del Sur*. Santiago: Editorial USACH, 2024. p. 207–243.

LEÓN PERILLA, V. M.; MAGALHÃES, L. Garantizar el derecho a una muerte segura y culturalmente adecuada... **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, e3617, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF277736171>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LEÓN PERILLA, V. M. et al. “O bicho, aquele pirralho” nos territórios indígenas colombiano. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, e2146, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2146>. Acesso em: 6 set. 2024.

LÓPEZ CAMACHO, Adriana. La liberación de la Madre Tierra: más que la toma de un territorio. **Ánfora**, Manizales, v. 28, n. 51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30854/anf.v28.n51.2021.783>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357869848001>. Acesso em: 18 dez. 2025.

LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. 2. ed. rev. ampl. São Carlos: EdUFSCar, 2023. p. 33–52.

LÖWY, Michael. O Fórum Social Mundial em Belém do Pará – Janeiro 2009. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 7, p. 19–21, 2009. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/1896/1617>. Acesso em: 05 jan 2025. ISSN 2175-2613.

MALFITANO, A. P. S. Contexto social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). **Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 117–134.

MALFITANO, A. P. S.; BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. Palavras, conceitos e contextos históricos e culturais: a pluralidade na terapia ocupacional. **Revista Ocupación Humana**, v. 23, n. 2, p. 104–135, 2023. DOI: 10.25214/25907816.1591.

MAMANI, Eduardo. **Los pueblos indígenas de Abya Yala y la crisis de vida**. Quito: Abya-Yala, 2010.

MANSILLA, O. Q. et al. Terapia ocupacional desde una perspectiva ecosocial de la salud mental. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, e3365, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE257533653>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MATURANA VALENZUELA, Ana; PAREDES SIERRA, Paula. Despatologizar la salud mental. In: DEL VALLE, R. (ed.). **Actas XII Congreso Latinoamericano Sobre el Abandono en Educación Superior – CLABES**. [s.l.]: [s.n.], 2024. p. 842–843. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/116276143/Acta_XII_CLABES_Revision_final_.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MENCHÚ TUM, Rigoberta. **Acceptance and Nobel Lecture – December 10, 1992**. Oslo: The Nobel Prize, 1992. 1 vídeo (54 min 50 s). Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1992/tum/lecture/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

MENDOZA AUBERT, Javier. Sección: Terrazas compartidas II “Poesía indígena”. **Versalia (blog)**, 2007. Disponível em: <http://javiermendozaaubert.blogspot.mx/2007/10/terrazas-compartidas-poesa-indgena.html>. Acesso em: 2 nov. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

MILLA VILLENA, Zadir. **Génesis de la cultura andina: etnoastronomía, matemática y simbología de la forma**. Lima: Ediciones Amaru Wayra, 2008.

MOLINA, Paula Vidal. Democracia burguesa versus procesos democratizadores del buen vivir y el socialismo bolivariano. **Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 50, p. 20–34, jul./dez. 2022. DOI: 10.12957/REP.2022.68503.

MOREIRA, Gilvander Luís; LAUREANO, Delze dos Santos. VI Fórum Social Mundial, em Caracas, Venezuela: um mundo democrático-participativo e socialista em construção. 03 jul. 2020. Disponível em: https://gilvander.org.br/site/vi-forum-social-mundial-em-caracas-venezuela-um-mundo-democratico-participativo-e-socialista-em-construcao/#_ftn2. Acesso em: 17 fev. 2025.

PERÚ. Ministerio de Cultura. *Kichwa | BDPI – Base de Datos Oficial de Pueblos Indígenas u Originarios*. Disponível em: <https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/kichwa>. Acesso em: 9 fev. 2026.

RADCLIFFE, Sarah A. Tackling complex inequalities and Ecuador's Buen Vivir: leaving no-one behind and equality in diversity. **Bulletin of Latin American Research**, Oxford, v. 37, n. 4, p. 417-433, Sept. 2018.

THOMSON, Bob. Pachakuti: indigenous perspectives, buen vivir, sumaq kawsay and degrowth. **Development**, [S. l.], v. 54, n. 4, p. 448-454, Dec. 2011.

VITERI GUALINGA, Carlos. *Bibliografía*. 2018. Disponível em: <https://caloscviteri.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 08 maio. 2025.

VIDAL-MOLINA, Paula; ANSALDO-ROLOFF, Manuel; CEA-MADRID, Juan Carlos. Hugo Chávez y los principios del Socialismo del Siglo XXI: una indagación discursiva (2005-2013). **Izquierdas (Santiago)**, Santiago, n. 42, p. 224-250, oct. 2018. Disponível: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492018000500224&lng=es&nrm=iso. accedido en 5 oct. 2025. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-50492018000500224>.

MONZELI, G. A.; MORRISON, R.; LOPES, R. E. Histórias da terapia ocupacional na América Latina... **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 235–250, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1631>.

MUÑOZ MUÑOZ, Carmen Gloria. La terapia ocupacional y la promoción de la salud emancipadora para personas mayores. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 111–117, 2017. DOI: 10.5354/0719-5346.2017.48091. Disponível em: <https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/48091>. Acesso em: 16 nov. 2024.

OFFE, Claus. **Contradições do Estado de bem-estar social**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

PALACIOS, M.; DÍAZ, M. M.; ARACENA, P.; PALOMINO, T.; QUINTANA, N. Procesos de acompañamiento, enfoque de género y mujeres en consumo de alcohol/drogas en embarazo y maternaje: claves transdisciplinarias y terapias ocupacionales desde el Sur. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e3228, 2022. DOI: 10.1590/2526-8910.ctoAO246732283. Recurso digital. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO246732283>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PALACIOS TOLVETT, Monica. Cuidados comunitarios: olla común... In: SATIZABAL REYES, M.; GARCÍA RUIZ, S.; PALACIOS TOLVETT, M. (org.). **Terapias ocupacionales latinoamericanas: praxis políticas y comunitarias**. Santiago de Chile: Editorial Universidad de Santiago de Chile, 2024. p. 265–284. Disponível em: <https://www.editorial.usach.cl>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PARSONS, Talcott. Evolutionary universals in society. *American Sociological Review*, v. 29, n. 3, p. 339–357, jun. 1964.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-systems analysis: an introduction*. Durham: Duke University Press, 2004

PERU. Ministerio de Cultura. Povo Kichwa. **Base de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios**. Disponível em: <https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/kichwa>. Acesso em: 18 dez. 2025.

PILOZO, Italo A. Lucas. **Terapia ocupacional en el proceso de deterioro motriz del adulto mayor**. 2018. Tesis (Licenciatura en Terapia Ocupacional) – Universidad Laica Eloy Alfaro de Manabí, Manta, 2018. Disponível em: <https://rraae.cedia.edu.ec/handle/123456789/34475>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PINO MORÁN, Juan Andrés. Terapias ocupacionales comunitarias para el buen vivir: un ensamblaje inevitable. In: SATIZABAL REYES, M.; GARCÍA RUIZ, S.; PALACIOS

PINO MORÁN, Juan Andrés; ULLOA, Fredy. Perspectiva crítica desde Latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 421–427, 2016. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/0104-4931.ctoARF0726>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PLAN NACIONAL DE DESARROLLO (Ecuador). **Plan Nacional para el Buen Vivir 2013–2017**. Quito: SENPLADES, 2013. Disponível em: <https://observatorioplanificacion.cepal.org/sites/default/files/plan/files/Ecuador%20Plan%20Nacional%20del%20Buen%20Vivir.pdf>. Acesso em: 10 jan 2026..

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). **Ciudadanía intercultural: aportes desde la participación política de los pueblos indígenas en Latinoamérica**. 2013. Disponível em: <https://aceproject.org/ero-en/misc/pnud-ciudadania-intercultural-aportes-desde-la/view>. Acesso em: 10 jan 2026.

PREBISCH, Raúl. Capitalismo periférico: crisis y transformación. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 117-142.

RED DE MUJERES INDÍGENAS SOBRE BIODIVERSIDAD DE ABYA YALA. Taller regional para Mesoamérica. San José, 28 nov.–2 dez. 2011. Disponível em: <http://www.cbd.int/doc/nbsap/nbsapcbw-cam-02/nbsap-san-jose-rmib.pdf>. Acesso em: 05 jan 2026.

RED DE MUJERES INDÍGENAS SOBRE BIODIVERSIDAD DE AMÉRICA LATINA. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Red-de-Mujeres-Indigenas-sobre-Biodiversidad-de-America-Latina/191577790969360>. Acesso em: 05 jan 2026.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos indígenas**. La Paz: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia; SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conversa do Mundo entre Silvia Rivera Cusicanqui e Boaventura de Sousa Santos** [entrevista]. La Paz, 16 out. 2013. 1 vídeo (2 h 9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjgHfSrLnpU>. Acesso em: 27 out. 2025.

RODRÍGUEZ, J.R.M. et al. Cosmovivencia: Concepto de una relación humano-naturaleza armoniosa. **Miradas Transcomplejas**, v. 5, n. 1, p. 85–108, jan./jun. 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/143435952/Cosmovivencia_Concepto_de_una_Relaci%C3%B3n_Humano_Naturaleza_Armoniosa. Acesso em: 22 jul. 2025.

SALLES, Mariana Moraes; MATSUKURA, Thelma Simões. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil / Systematic review study on the use of the concept of daily life in the field of occupational therapy in Brazil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 21, n. 2, 2013. Disponível

em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/813>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SALMON, T. **Memoria y vida cotidiana: aproximación a la comprensión del pensamiento ancestral Wintukua**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidad Nacional de Colombia (Sede Bogotá) / Université François-Rabelais de Tours, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/69069>. Acesso em: 10 set. 2025.

SANTIAGO, L. Comunas: entenda como funciona a experiência de autogestão popular na Venezuela. **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/15/comunas-entenda-como-funciona-a-experiencia-de-autogestao-popular-na-venezuela/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

SANTOS, Bianca Ribeiro. **Cotidiano: “o fazer” na comunidade indígena Kiriri**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2023. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/18345/2/Bianca_Ribeiro_Santos-TCC.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

SARAVIA, Facundo Manuel. *Diccionario Muisca-Español-Muisca*, 2016.

SIRIANNI, M. Reseña: Terapia Ocupacional Comunitaria. **Revista Argentina de Terapia Ocupacional**, v. 6, n. 2, p. 84–85, jul. 2020. Disponível em: https://revista.terapia-ocupacional.org.ar/index.php/rato_2022/article/view/118/115. Acesso em: 8 jun. 2024.

TOLVETT, M. (org.). **Terapias ocupacionales latinoamericanas: praxis políticas y comunitarias**. Santiago de Chile: Editorial Universidad de Santiago de Chile, 2024.

THOMSON, Bob. Pachakuti: indigenous perspectives, buen vivir, sumaq kawsay and degrowth. **Development**, [S. l.], v. 54, n. 4, p. 448-454, Dec. 2011.

TOWNSEND, Elizabeth; WILCOCK, Ann A. Justiça ocupacional e prática centrada no cliente: um diálogo em andamento. **Revue Canadienne d'Ergothérapie**, Ottawa, v. 71, n. 2, p. 75-87, abr. 2004.

UNDIME. *Foro Mundial de Educación: Declaratoria de Caracas*. Caracas, 28 jan. 2006. Publicado em: 09 fev. 2006. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/foro-mundial-de-educacion-declaratoria-de-caracas>. Acesso em: 17 fev. 2025.

VALDERRAMA NÚÑEZ, Cristian Mauricio. Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 3, p. 671–680, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1859>.

VALDERRAMA NÚÑEZ, Cristian Mauricio. Alcances y desafíos de la Educación en Derechos Humanos en la formación de terapeutas ocupacionales, a partir de la percepción de los estudiantes. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 22–45, 2020. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoAO1828. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1828>. Acesso em: 16 nov. 2024.

VARGAS PINEDA, D.; YANDUN REINA, A. IX Congreso Internacional Rompiendo Límites. **Revista Colombiana de Rehabilitación**, v. 16, n. 1, p. 51–64, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.30788/RevColReh.v16.n1.2017.69>. Acesso em: 10 dez. 2024.

VIDAL, P.; ANSALDO, M.; CEA, J. Hugo Chávez y los principios del socialismo del siglo XXI. In: VIDAL, P. (org.). **Neoliberalismo, neodesarrollismo y socialismo bolivariano: políticas públicas y modelos de desarrollo**. Santiago de Chile: Ariadna Editorial, 2019. Disponible em: <https://books.openedition.org/ariadnaediciones/4122>. Acceso em: 10 jan 2026.

VITERI, C. Visión indígena del desarrollo en la Amazonía. **Polis**, n. 3, 2002. Disponible em: <http://polis.revues.org/7678>. Acceso em: 9 jun. 2022.

VITERI GUALINGA, Carlos. Visión indígena del desarrollo en la Amazonía. **Polis**, Santiago, v. 1, n. 3, p. 1-14, 2002.

VITERI GUALINGA, Carlos. **Mundos amazónicos: pueblos y culturas de la Amazonía ecuatoriana**. Quito: Ediciones Abya-Yala; Movimiento Cultural "Saywa", 1993.

WAGUA, Aiban. **En defensa de la vida y su armonía**. 2. ed. ampl. Panamá: Emisky; Pastoral Social-Cáritas Panamá; Proyecto EBI Guna; Fondo Mixto Hispano Panameño, 2011.

WALSH, Catherine. (Re)pensamiento crítico y (de)colonialidad. In: WALSH, Catherine (org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Ediciones Abya-Yala, 2005.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

YUDERKYS, E.; GÓMEZ, D.; OCHOA, K. (eds.). **Tejer de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Cauca: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

APÊNDICE A

Tecnologia Ancestral



APÊNDICE B
Roteiro da Entrevista Semi-estruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Departamento de Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO/UFSCar

ROTEIRO DE ENTREVISTA
Pós-graduanda: Francina Elena Rocha Santos
Orientadora: Marina Leandrini de Oliveira
“Bem- Viver e a Terapia Ocupacional: uma revisão conceitual pelo olhar do Abya Yala”

DADOS PESSOAIS

Nome completo:

País de origem:

Local de formação graduada:

Ano de formação:

Filiação institucional atual:

PERGUNTAS SULEADORAS

- 1) Por favor, conte sobre sua experiência profissional na terapia ocupacional.
- 2) Qual a sua compreensão sobre o conceito de Bem-Viver?
- 3) Você utiliza alguma referência (acadêmica, cultural, vivencial ou outra) para embasar essa compreensão que possui sobre o Bem-Viver? Quais são elas? Considerando sua biografia (trajetória pessoal e profissional), como o Bem-Viver aparece como um referencial/elemento/cosmovisão relevante para você?
- 4) Você relaciona o conceito de Bem-Viver à Terapia Ocupacional? Como você os relaciona?
- 5) Quais as principais fundamentações teórico-práticas, utilizadas em sua atuação terapêutica ocupacional, as quais se relacionam ao Bem Viver?
- 6) Você compreende que essa perspectiva/conceito/cosmovisão pode contribuir para a categoria profissional, particularmente no território da Abya Yala (entrevistadora explicitar o que compreende por Abya Yala)? Se sim, como?
- 7) Por favor, me conte um caso/história da sua atuação prática, como profissional e/ou docente, que você relaciona intimamente ao Bem-Viver. Se não tiver uma história que viveu profissionalmente, pode me dar um exemplo mais genérico do que considera essa relação do Bem-Viver na prática na terapia ocupacional?
- 8) Você possui alguma foto, recurso/atividade ou outro elemento que possa ilustrar o Bem Viver na sua prática em terapia ocupacional? Poderia compartilhar comigo?
- 9) Conhece algum(ns) outro/s/as profissionais que alinhem o Bem-Viver para pensar-fazer a terapia ocupacional? Pode me dizer seu nome e seu contato? Possui algum material de referência (documentos, monografias, artigos, livros ou outro) que poderia indicar?
- 10) Tem algo que você acha importante acrescentar e que não foi mencionado nesse encontro?

Pode contar para agente que de sua biografia tem sido relevante para escolher o Bem- Viver
Como você articula o Bem-Viver dentro do processo intelectual busquei incluir essa questão no item 3